MARIA LUISA DE ANDRADE FREITAS

HIERARQUIA DE PESSOA EM AVÁ GUARANI:

CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do Título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Maria Filomena Spatti Sandalo

Campinas
2011

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

F884h

Freitas, Maria Luisa.
Hierarquia de pessoa em Avá Guarani: considerações a partir da morfologia distribuída / Maria Luisa de Andrade Freitas. -- Campinas, SP : [s.n.], 2011.

Orientadora : Maria Filomena Spatti Sândalo.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Índios - Línguas. 2. Índios Avá-Guarani. 3. Hierarquia (Linguística). 4. Morfologia. 5. Sintaxe (Gramática). I. Sândalo, Maria Filomena Spatti. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

cqc/iel

Título em inglês: Person hierarchy in Avá Guarani: a study of distributed morphology.

Palavras-chave em inglês (Keywords): Indian languages; Ava-Guarani Indians; Hierarchy (Linguistics); Morphology; Sintax (Grammar).

Área de concentração: Lingüística.

Titulação: Mestre em Lingüística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Maria Filomena Spatti Sândalo (orientadora), Profa. Dra. Sonia Maria Lazzarini Cyrino e Profa. Dra. Bruna Franchetto.

Data da defesa: 31/03/2011.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

BANCA EXAMINADORA:

Maria Filomena Spatti Sândalo

Sonia Maria Lazzarini Cyrino

Bruna Franchetto

Juanito Ornelas de Avelar

Ana Paula Scher

IEL/UNICAMP
2011

Às minhas Marias.

Ao meu Antônio.

Ao meu Frederico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos Avá Guarani, pela generosidade com que me receberam nas comunidades de Fortuna e Akaraymi. Agradeço, especialmente, aos meus amigos Alba Duarte (e toda família), Antonio Vargas e Irma (e as crianças), pela amizade, hospitalidade e acolhimento. Agradeço também à família Sosa pela gentileza e disponibilidade com que me apresentaram sua comunidade e sua cultura. Agradeço, ainda, a Fernando Sales e Antonia Duarte (Akaraymi) pela colaboração com a pesquisa.

Agradeço à minha orientadora, professora Filomena Sandalo, pela orientação segura e competente deste trabalho. Pelo exemplo (de pessoa, de professora e de pesquisadora) e por me ajudar a lançar novos olhares sobre o modo de fazer pesquisa. Agradeço também pela gentileza, disponibilidade, amizade e pelo acolhimento na Unicamp.

Agradeço aos professores Juanito Avelar e Sonia Cyrino pelas orientações e valiosas sugestões dadas no exame de qualificação.

Agradeço às professoras Bruna Franchetto e Sonia Cyrino pela participação na banca de defesa desta dissertação, pela leitura cuidadosa, pelos comentários e pelas sugestões importantes.

Agradeço à CAPES pela concessão da bolsa de Mestrado, que possibilitou o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço ao professor Fábio Bonfim Duarte que foi meu orientador durante toda a graduação. Agradeço pela amizade, por ter me iniciado no estudo das línguas indígenas e por ter sido o grande incentivador da minha formação como lingüista.

Agradeço aos colegas e professores do Curso de Formação Intercultural de Educadores Indígenas (FIEI), da Faculdade de Educação da UFMG, pela oportunidade de aprendizado e pela experiência vivenciada. Agradeço, especialmente, às minhas coordenadoras, as professoras Lúcia Helena Alvarez, Maria Inês de Almeida e Márcia Spyer.

Agradeço aos queridos amigos Luis D'Afonseca e Renata Vasconcellos (pela amizade e pelo acolhimento em Campinas); Natália Salgado Bueno e Rogério Barbosa (pelo papel fundamental que desempenharam no meu rito de passagem); Angela Chagas (por tudo! o que seria de mim sem ela?); Eva-Maria Rößler (pela amizade, pelas boas discussões teóricas -ou não- e por toda ajuda!); Antonio Almir Silva (pelas boas risadas e pela ótima companhia); Isabel Lüscher, Bernardo Silveira e Julia Goyatá (por serem minha família mineira na Paulicéia).

Agradeço aos professores e funcionários do Instituto de Estudos da linguagem da Unicamp pela competência e dedicação. Agradeço, especialmente, aos professores Angel Corbera, Bernadete Abaurre, Lucy Seki e Sonia Cyrino.

Agradeço aos professores e amigos do Paraguai pela recepção gentil e pelo apoio, em especial: Iván Vera, Jan David Hauck, Warren Thompson, Enrique Gaska, Bartolomeu Melià, Hedy Penner e José Daniel Ozuna.

Finalmente, agradeço:

À minha mãe querida, Sandra Maria de Andrade Freitas, por ter me apontado opções e respeitado minhas escolhas. Pela compreensão, pela torcida e por toda reza. Por seu espírito artístico e por ter me ensinado o caminho das “letras”.

Ao meu pai querido, Antônio Eustáquio de Freitas, pelo exemplo de disciplina, pela autoridade amorosa e pela confiança. Por ser um porto seguro. Por ter uma fé admirável na vida e nas pessoas.

Às minhas queridas irmãs, Júlia Maria e Maria Carolina, por serem dois opostos totalmente complementares e por terem sido minha primeira escola. Por nossas conversas, risadas. Pela amizade. Pela compreensão sem julgamentos.

Ao meu marido querido, Frederico Coutinho, por ser meu apoio, meu rumo, minha casa. Pela paciência, carinho e amizade. Pelo incentivo. Por toda ajuda técnica (especialmente com Excel e com SPSS). Pela confiança. E por me ensinar todos os dias uma coisa diferente.

No que o homem se torne coisal – corrompem-se nele
Os veios comuns do entendimento.
Um subtexto se aloja.
Instala-se uma agramaticalidade quase insana, que
empoema o sentido das palavras.
Aflora uma linguagem de defloramentos, um
inauguramento de falas.
Coisa tão velha como andar a pé
Esses vareios do dizer.

O guardador de águas, Manoel de Barros.

RESUMO

Esta dissertação descreve e analisa processos morfológicos e sintáticos relacionados ao fenômeno da hierarquia de pessoa presente na língua Avá Guarani (Família Tupi-Guarani / Tronco Tupi), a partir do quadro teórico da Gramática Gerativa e, em especial, a partir da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993; HALLE, 1997 e MARANTZ, 1997). Hierarquia de pessoa é um padrão morfossintático encontrado em diversas línguas do mundo, no qual a categoria de pessoa (se primeira, segunda ou terceira) dos argumentos nucleares interage com fenômenos morfológicos e sintáticos. Neste estudo, atestaremos que o Avá é uma língua que exibe um padrão de hierarquia de pessoa (1 > 2 > 3), que afeta o sistema de concordância da língua, ou seja, a seleção do argumento que será marcado nos verbos transitivos está condicionada à pessoa que figura na posição de sujeito e de objeto. Esta relação entre a hierarquia de pessoa e o sistema de concordância é tradicionalmente descrita para as línguas Tupi-Guarani. Este trabalho evidencia, contudo, que o fenômeno da hierarquia de pessoa apresenta implicações também na ordem sintática da língua Avá Guarani. Tendo em vista uma interface entre a Sintaxe e a Morfologia, esta dissertação apresenta dois principais momentos de análise: com relação aos aspectos sintáticos, argumentaremos, a partir de Jelinek e Carnie (2003), que existe uma notável relação entre o fenômeno da hierarquia de pessoa e o deslocamento sintático do objeto nesta língua. Mostraremos, ainda, que esta relação traz evidências para a noção de inversão morfossintática (Cf. PAYNE, 1994b). Acerca dos aspectos morfológicos, aventaremos a proposta, a partir do quadro teórico da Morfologia Distribuída, de que a estrutura hierárquica gerada pela sintaxe é interpretada e modificada pelo componente morfológico, na medida em que este realiza operações pós-sintáticas, e atribui traços fonológicos aos traços abstratos manipulados pela sintaxe.

PALAVRAS-CHAVE: Avá**;** hierarquia de pessoa; Morfologia Distribuída; sintaxe; morfologia.

ABSTRACT

This master thesis describes and analyses morphological and syntactic processes related to person hierarchy in the Ava-Guaraní language (Tupi-Guaraní language family / Tupi stock). The work employs a general Generative framework, guided in particular by the principles of Distributed Morphology (HALLE; MARANTZ, 1993; HALLE, 1997; MARANTZ, 1997). Person hierarchy is a morphosyntactic grammar pattern where the arguments person category (if 1st, 2nd or 3rd) interacts with morphological and syntactic phenomena. Systems like these have been found in several languages, and they are featured in descriptions of most members of the Tupi-Guarani language family. The purpose of this research is to discuss in greater detail the exact patterns displayed by the Avá-Guaraní 1 > 2 > 3 system. Thus, this work demonstrates that the argument marked on transitive verbs can be either Subject or Object (external or internal), depending on the involved person-number features. In addition to analyzing the interaction of person hierarchy and agreement, it is possible to demonstrate that the hierarchy also triggers a syntactic order change in Avá-Guaraní.
As discussion of a grammatical interface, this thesis elaborates two analytical steps: At a syntactic level, it establishes a remarkable relationship between person hierarchy phenomena and the syntactic object displacement following the approach of Jelinek e Carnie (2003). Additionally, it is demonstrated that this relationship provides evidence for the morphosyntactic notion of inversion (Cf. PAYNE, 1994b). In a subsequent section, taking into account insights of the Distributed Morphology framework, the analysis suggests that the hierarchical structure generated by syntax is interpreted and modified by the morphological component, insofar as it performs post-syntactic operations and implements phonological content to the abstract features manipulated by syntax.

KEYWORDS: Avá; person hierarchy; Distributed Morphology; syntax; morphology.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Comunidades Avá no Paraguai

Tabela 02: Subconjunto I da família Tupi-Guarani

Tabela 03: Principais línguas faladas pelos povos Tupi-Guarani no Paraguai

Tabela 04: Consoantes

Tabela 05: Vogais

Tabela 06: Marcadores de pessoa em Avá

Tabela 07: Funções dos marcadores de pessoa

Tabela 08: Prefixos relacionais

Tabela 09: Clíticos do espanhol

Tabela 10: Codificação dos argumentos nucleares de verbos transitivos em Avá

Tabela 11: Prefixos Relacionais

ABREVIATURAS UTILIZADAS

1S	Primeira pessoa singular
1INCL	Primeira pessoa plural inclusiva
1EXCL	Primeira pessoa plural exclusiva
2S	Segunda pessoa singular
2PL	Segunda pessoa plural
3	Terceira pessoa
A	Sujeito transitivo
[A]	Traço Autor
AspP	*Aspect phrase*
C	Consoante
ACUS	Acusativo
ADV	Advérbio
DAT	Dativo
DET	Determinante
DP	*Determiner phrase*
F	Feminino
GP	Guarani Paraguaio
LF	*Logical Form*
M	Masculino
MD	Morfologia Distribuída
NOM	Nominativo
NP	*noun phrase*
O	Objeto
[P]	Traço Participante
PASS	Passado
PAS	Passiva
PF	*Phonetic form*
POSP	Posposição
PL	Plural
PTG	Proto-Tupi-Guarani
REFL	Reflexivo
REL	Relacional
S	Sujeito intransitivo
SG	Singular
SPA	Antipassiva espúria
T	*Tense*
TH	Tema
TP	*Tense phrase*
v	Núcleo funcional v
V	Vogal
VP	*Verb phrase*

SUMÁRIO

I. Introdução 1

1. Comentários Introdutórios 1

2. Os Avá do Paraguai 6

2.1. A língua Avá e a família Tupi-Guarani no Paraguai 12

3. Os dados 17

3.1. A coleta de dados 17

3.2. Os informantes 19

3.3. Organização dos dados 19

II. Hierarquia de pessoa em Avá: Descrição e aspectos sintáticos 23

1. Comentários Introdutórios 23

2. Concordância transitiva em Avá 30

2.1. Os Marcadores de Pessoa 33

2.2. Os prefixos relacionais 37

3. Ordem dos Constituintes 38

4. Argumentos vs. Adjuntos 46

5. Aspectos sintáticos das hierarquias argumentais 49

5.1. Jelinek e Carnie (2003) 50

5.2. Hierarquia de pessoa em Avá: proposta sintática de análise 57

III. Pressupostos teóricos 67

1. A Morfologia Distribuída 67

1.1. A arquitetura de gramática na MD 69

1.2. Propriedades da MD 76

2. Operações Pós-Sintáticas 77

2.1. Concatenação Morfológica 80

2.2. Fusão 83

2.3. Fissão 87

2.4. Empobrecimento 89

3. Noyer (1992) 95

3.1. Filtros morfossintáticos 96

3.2. Hierarquia de traços 99

3.3. Teoria acerca dos traços de pessoa 102

3.4. Hierarquia de pessoa universal? 106

3.5. E as línguas 2 >1? 108

IV. Concordância em Avá: Aspectos morfológicos 111

1. Comentários introdutórios 111

2. Hierarquia de pessoa em Avá: breve sumário 113

3. Operações Pós-Sintáticas 116

3.1. Abaixamento e Fusão 117

3.2. Inserção Vocabular e os Itens Vocabulares em [T, Asp] 122

3.3. Inserção Vocabular em v 129

4. 1A , 2O em Avá: aspectos sintáticos e morfológicos 132

4.1. A Inserção Vocabular no núcleo [T, Asp] empobrecido 150

5. Considerações Finais 162

V. Conclusões 167

Referências Bibliográficas 173

I. INTRODUÇÃO

1. COMENTÁRIOS INTRODUTÓRIOS

A presente dissertação aborda, a partir do quadro teórico da Gramática Gerativa e, em especial, a partir da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993; HALLE, 1997 e MARANTZ, 1997), uma questão clássica no estudo das línguas da família Tupi-Guarani: a hierarquia de pessoa (RODRIGUES, 1953, 1984/85; JENSEN, 1990; PAYNE, 1994; SEKI, 1990, 2000; MARTINS, 2003; CARDOSO, 2008; VELAZQUEZ-CASTILLO, 2008). Hierarquia de pessoa[1] é um padrão morfossintático encontrado em diversas línguas do mundo (SILVERSTEIN, 1976; ZWICKY, 1977; DIXON, 1994), no qual a categoria de pessoa (se primeira, segunda ou terceira) dos argumentos nucleares interage com fenômenos morfológicos como, por exemplo, a seleção do argumento a ser marcado no verbo transitivo; e sintáticos (Cf. JELINEK; CARNIE, 2003), como caso (cisões ergativas), *object shift*, marcação

[1] Jelinek e Carnie (2003) evidenciam que existem nas línguas do mundo diversos tipos de hierarquias argumentais, que podem ser baseadas em definitude, animacidade, pessoa, etc.

diferencial de objeto, alternâncias de voz (direta vs. inversa; ativa vs. antipassiva), entre outros.

Do ponto de vista da lingüística tipológica, as hierarquias nominais (Cf. DIXON, 1994) são abordadas por meio de uma escala de marcação: 1° pessoa > 2° pessoa > 3°pessoa > nomes próprios > nomes comuns. Esta escala determina quais participantes devem, prototipicamente, desempenhar o papel de sujeito (agente), e quais devem desempenhar o papel de objeto (paciente). Quando um participante atua em um papel não esperado, i.e., o argumento mais alto na hierarquia é objeto e/ou o argumento mais baixo na hierarquia é o sujeito, isto será morfologicamente marcado.

Neste estudo, cujo foco principal de investigação serão as sentenças transitivas, abordaremos processos morfológicos e sintáticos relacionados ao fenômeno da hierarquia de pessoa em Avá Guarani (doravante Avá), a partir do quadro teórico da Gramática Gerativa e, em especial, a partir da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993; HALLE, 1997 e MARANTZ, 1997).

Primeiramente, em uma descrição detalhada, atestaremos que o Avá é uma língua que exibe um padrão de hierarquia de pessoa (1 > 2 > 3) que afeta o sistema de concordância da língua, ou seja, a seleção do argumento que será marcado por concordância, nos verbos transitivos, está condicionada à pessoa que figura na posição de sujeito e de objeto. Assim sendo, existem na língua séries

distintas de concordância, tratadas na literatura como *cross-referencing* (Cf. JENSEN, 1990), que indicam, no núcleo do predicado, o argumento mais alto na hierarquia: a Série I é utilizada quando Sujeito > Objeto; e a Série II é usada nos contextos em que Objeto > Sujeito. Esta relação entre a hierarquia de pessoa e o sistema de concordância é tradicionalmente descrita para as línguas Tupi-Guarani, como nos trabalhos de Rodrigues (1990); Seki (1990, 2000); Leite (1990); Jensen (1990); Harrison (1994); Payne (1994b); Martins (2003); Cardoso (2008); Velázquez-Castillo (2008); entre outros.

O presente trabalho mostra, entretanto, de maneira inaugural, que o fenômeno da hierarquia de pessoa em Avá apresenta implicações na ordem sintática da língua. A partir de testes com advérbios, evidenciaremos que objetos de primeira ou segunda pessoa (i.e. 1O ou 2O) devem preceder o verbo, gerando a ordem OV. Por outro lado, objetos de terceira pessoa (i.e. 3O) permanecem na posição pós-verbal, na ordem VO. A influência da hierarquia de pessoa sobre a ordem dos constituintes foi notada e discutida anteriormente, no Brasil, para a língua Kadiwéu (Família Guaikuru), por Sandalo (2008, 2011) e por Nevins e Sandalo (2010). Os mesmos fatos relativos à ordem sintática, apontados pelos autores para o Kadiwéu, são observáveis em Avá.

Discutiremos, também, os aspectos sintáticos e morfológicos presentes nas construções nas quais o sujeito é de primeira pessoa e o objeto é de segunda,

em Avá. Estes aspectos trarão evidências adicionais para a proposta de que existe uma estreita relação entre a categoria de pessoa dos argumentos nucleares e os fenômenos sintáticos. Mostraremos, ainda, que esta relação é observável em diversas línguas e, inclusive, nos distintos sistemas de caso e concordância.

Outra inovação trazida por este trabalho, em relação aos trabalhos anteriores a respeito de línguas Tupi-Guarani, é o fato de propormos uma interpretação para o padrão de hierarquia de pessoa em Avá a partir do quadro teórico da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993, 1994; HALLE, 1997 e MARANTZ, 1997). Desse modo, iremos defender a hipótese de que a hierarquia de pessoa pode ser compreendida como um epifenômeno de interface entre a Sintaxe e a Morfologia, uma vez que esta se relaciona tanto aos movimentos e à manipulação de complexos de traços ocorridos na sintaxe, quanto às regras aplicadas no componente fonológico, específicas de cada língua.

Assim sendo, esta dissertação apresenta dois principais momentos de análise: os aspectos sintáticos e os aspectos morfológicos relacionados à hierarquia de pessoa presente em Avá. Com relação aos aspectos sintáticos, argumentaremos, a partir de Jelinek e Carnie (2003), que existe uma notável relação entre o fenômeno da hierarquia de pessoa e o deslocamento sintático do objeto nesta língua. Mostraremos, ainda, que esta relação traz evidências para a noção de inversão morfossintática (Cf. PAYNE, 1994b).

Acerca dos aspectos morfológicos, aventaremos, a partir do quadro teórico da Morfologia Distribuída, a proposta de que a estrutura hierárquica gerada pela sintaxe é interpretada e modificada pelo componente morfológico, na medida em que este realiza operações pós-sintáticas, e atribui traços fonológicos aos traços abstratos manipulados pela sintaxe.

Esta dissertação está organizada da seguinte maneira: nesta Introdução, traremos informações sobre o grupo Avá do Paraguai, com um breve percurso histórico, localização das comunidades indígenas no Paraguai e dados demográficos. Abordaremos, também, a classificação de Rodrigues (1984/85), que identifica esta língua como pertencente à família lingüística Tupi-Guarani (Tronco Tupi), e discutiremos brevemente a situação atual desta família lingüística no Paraguai. Apresentaremos, ainda, a metodologia usada na coleta de dados, bem como a organização destes no texto.

No Capítulo II, iremos descrever detalhadamente o funcionamento do sistema de concordância, evidenciando os condicionamentos morfossintáticos desencadeados pela hierarquia de pessoa presente na língua Avá, como a escolha do argumento a ser marcado no verbo transitivo. Mostraremos, assim, a distribuição dos marcadores de pessoa e dos prefixos relacionais responsáveis pela codificação dos argumentos nucleares no predicado verbal. Discutiremos, ainda, os testes com advérbios realizados, que nos permitiu identificar uma mudança na ordem sintática

da língua, condicionada pela hierarquia de pessoa. Em seguida, a partir da proposta de Jelinek e Carnie (2003), aventaremos uma hipótese sintática de interpretação do fenômeno da hierarquia de pessoa presente em Avá.

No Capítulo III, apresentaremos os pressupostos teóricos fundamentais da Morfologia Distribuída, no que concerne a arquitetura de gramática e as suas principais propriedades. Abordaremos também o modelo proposto por Noyer (1992) relativo à constituição de filtros morfossintáticos. Estes conceitos serão fundamentais para a análise aqui proposta.

Finalmente, no Capítulo IV, aventaremos, à luz da Morfologia Distribuída, uma proposta teórica de análise dos dados que compreende a hierarquia de pessoa como resultado de uma interação entre a Sintaxe e a Morfologia, na medida em que a estrutura hierárquica, gerada pelo componente sintático, é interpretada e modificada pelo componente morfológico.

2. Os Avá do Paraguai

Os Avá são 13.430 pessoas (CENSO NACIONAL INDÍGENA *apud* MELIÀ, 2002) que vivem em 122 comunidades, nos departamentos[2] Canindeyú, Alto

[2] O Paraguai é uma república presidencialista que, administrativamente, divide-se em 17 departamentos e uma capital.

Paraná, San Pedro e Amambay, na região oriental do Paraguai. Segundo Chase-Sardi (1992), os Avá foram denominados de Chiripá por Metraux (1948), de Chiripá Guarani ou Avá-Katu-Ete por Susnik (1961) e de Avá-Katu-Ete por Bartolomé (1977). Chase-Sardi (1992) explica que, conforme Nimuendaju (1987), os Guarani para designar sua nação ou povo empregam o termo *Ñandeva*, quando a pessoa com quem se fala pertence ao mesmo grupo, e *Oreva*, quando o interlocutor pertence a outro grupo. Ambos os termos significam "nossa gente", o último exclui a pessoa com quem se fala e o primeiro a inclui. Schaden (1974 *apud* CHASE-SARDI, 1992), seguindo a posição de Nimuendaju, afirma que *Ñandeva* é a autodenominação de todos os Guarani e que, no entanto, é a única autodenominação das comunidades que falam o dialeto registrado por Nimuendaju com o nome de *Apapokuva*.

Chase-Sardi (1992) aponta que alguns autores tomaram a denominação de parcialidades como sendo aquela de toda a etnia: Ava-Katu-Ete é a autodenominação daqueles que são do norte; Ava-Ete seria a autodenominação usada por aqueles que vivem no oeste; os do sul são denominados *Yvypotygua*, habitantes da flor da terra ou de onde floresce a terra; e os que são do leste, ponto cardeal mais importante para os Avá, são denominados de *Ñanderovaigua*. Assim, Chase-Sardi (1992) esclarece que tanto Nimuendaju (1987) quanto Schaden (1974) teriam razão em assegurar que *Ñandeva* é a autodenominação de todos, tendo em conta que só há denominações para as parcialidades que viviam nestas quatro

grandes zonas. Entretanto, o autor afirma que adota o termo Avá em virtude deste povo se apresentar como tal desde as investigações de Cadogan (1959) e que, além disso, este nome tem sido usado tanto na bibliografia antropológica dos últimos anos, como por todas as instituições indigenistas que trabalham com eles. Nesse sentido, seguindo estes argumentos de Chase-Sardi (1992) e por termos tido contato com as comunidades que usavam esta autodenominação, nesta dissertação também adotaremos o nome Avá para nos referirmos a este povo.

Zanardini e Biedermann (2006) apontam que os Avá (Cf. CADOGAN, 1959) são o povo mais "paraguaizados", devido a sua maneira de falar o Guarani, seus rasgos fisionômicos, a sua indumentária, aos trabalhos que realizam e a maneira pela qual se relacionam com a sociedade paraguaia. São vários os motivos históricos que operaram mudanças significativas no modo de vida tradicional dos Avá. Zanardini e Biedermann (2006) relatam que os grupos Avá que vivem na região de Canindeyú e Alto Paraná foram obrigados a trabalhar nas plantações de erva mate da Industrial Paraguaya S.A., a partir do final do século XIX. Além disso, os espaços habitados por esse povo começaram a sofrer grande devastação, na década de 60, o que obrigou os Avá a buscarem alternativas ao seu modo de subsistência tradicional. Outros fatores importantes que contribuíram substancialmente na alteração do ambiente tradicional desta etnia foram: a construção da rota Coronel Oviedo – Rio Paraná; a fundação de Ciudad del Este; a

construção da Ponte da Amizade entre Brasil e Paraguai; e a construção da Hidroelétrica de Itaipu. Estes fatores geraram largos conflitos por disputa de terras e aceleraram o contato deste povo com o entorno, tanto com paraguaios, quanto com outros grupos indígenas, como os Mbyá e os Paĩ Tavyterã. Este processo, segundo os autores, produz variações culturais importantes, introduzindo mudanças na transmissão de conhecimentos tradicionais, na cultura material e nos hábitos de vida deste povo. Sobre estas mudanças, Súsnik (1961 *apud* CHASE-SARDI, 1992, p. 30) ressalta as seguintes questões:

> Los Chiripá representan, hasta hoy, el grupo guaraní actual más aculturado. El ambiente vecinal y el debilitamiento numérico circunstancian siempre un *ojopara* (mestizamiento) con los Mbyá e con los Paĩ. Este moderno cruce es interesante, por algunos aspectos psico-mentales tradicionales: muchas tradiciones mitológicas y mágicas se transmiten por intermedio de los chamanes, que no son Chiripá propiamente dichos, induciendo a variaciones considerables y a cierto relajamiento del valor social de las tradiciones entre la joven generación. Por otra parte, la rápida transculturación, en aspectos de la cultura material, produce conflictos socio-culturales considerables, siendo manifiesta la tendencia de individualizaciones familiares, agrupaciones locales y uniones comunales por conveniencia.

Após a década de 60, tem-se registrado um crescimento demográfico significativo entre os Avá. Zanardini e Biedermann (2006) evidenciam que Súsnik (1961) enumerava 2.000 pessoas; Chase-Sardi (1972) estima uma população de 2.825 pessoas. O Censo do INDI (*Instituto Paraguayo del Indígena*) de 1981

apontava 4.500 pessoas enumeradas e 5.175 pessoas como um total estimado; Chase-Sardi (1990) realizou uma estimação demográfica que situava a população em 8.315 pessoas, vivendo em 35 comunidades. O Censo de 1992 registrou 6.918 habitantes de 34 comunidades da etnia. Em 1995, o FEPI (*Foro de Entidades Privadas Indigenistas*) estimou 8.602 pessoas. E, em 2002, o Censo Nacional Indígena registrou 13.430 pessoas, distribuídas em 122 comunidades.

Na Tabela 01, a seguir, apresentamos as 122 comunidades Avá existentes nos departamentos Canindeyú, Alto Paraná, San Pedro e Amambay, na região oriental do Paraguai.

Tabela 01: Comunidades Avá no Paraguai

1. Pindoty	42. Santa Ana	82. Tekoha Ka'aguy Poty Kamba
2. Guarani-Paso Historia Comunidad	43. Ka'aty Miri - San Francisco	83. Kaninde
3. Santa Carolina - Avariju	44. Okara Poty - Rio Verde	84. Mba'e Katu
4. Itanarami	45. Parakau keha	85. Mytuy
5. Ita Poty	46. Yvu Porã	86. Nueva Esperanza
6. Mbói Jagua	47. Tahekyi- San Luis	87. Paso Real
7. Paso Jovái - Horqueta	48. Yvoty Hu	88. Pindoju - Maracana
8. Mi-Tekoha Katu	49. Arroyo Moroti	89. Tajy Poty
9. Felicidad	50. Y'upa	90. Takua Miri
10.Ynambu Ygua	51. Tekoha Porã	91. Teko Joja - Cuatro Bocas
11. Arrotugue	52. ka'aguy Poty -Romerokue	92.Yapay
12. Bajada Guasu	53. Tajy Poty	93. Tuna Poty
13. Guavira	54. Tekoha Miri	94. Veraro
14. Arroyo Mokõi	55. Ka'a Poty	95. Y Akãju
15. San Juan	56. Ka'aguy Roky	96. Y Apy Piro'y
16. Britez Kue - 4 de Octubre	57. Ka'aguy Yvate	97. Y Hovy
17. Ko'e Poty	58. Ka'aty Miri - Formosa	98. Ysakã - Rio Verde
18. Yvu Poñy	59. Mbokaja'i Ypytu	99. Ykua Viju
19. Kuruperamí	60. Y Porã Poty	100. Tekoha ka'a Poty
20. Siete Monte	61. Uruku Poty	101. Kilómetro 15
21. Jeroky	62. Tekoha Pyahu	102. Estancia Nueva Esperanza
22. 1º de Marzo	63. Takuaju Poty	103. Curuguaty Urbano
23. Agua'e	64. Carioca	104. Guyraju Miri
24. Fortuna	65. Guyra keha	105. Tres Nacientes
25. Y Akã Poty - Jukeri	66. Yvy Parana Yrembe'yre -	106. Takuapu
26. Y Apy - Santa Isabel	Puerto Adela	107. Tekoha Poty Vera
27. Ko'e Poty Pyahu	67. Arroz Tygue	108. Jejyty Miri
28. Jukyry	68. Cerro Pytã	109. Takuara'i
29. Ko'eju	69. Cerro Campin	110. Yvy Pyahu
30. kapi'ivary - Yaryty Miri	70. Ñu'i	111. Y apo
31. Arroyo Guasu	71. Tekoha Poty Pyahu - Mil	112. Ygary Poty
32. Aldea Chopa Kue	72. Tatu Kue	113. 12 de Junio
33. Aldea Azul	73. Yvyapy Katu - Potrerito	114. Ka'aguy Porã Poty
34. Aldea Piliko Kue	74. Cerro Verde - Cruce	115. Nueva Estrella
35. Aldea Caaguazu	75. Yvyrarovana	116. San Antonio
36. Aldea Centro	76. Cristo Rey	117. Takua Poty
37. Itavo Guarani	77. Tekoha Ryapu - Laguna Hovy	118. Y Ryapu
38. Mariscal Lopez - Celeste	78. Arroyo Piro'y	119. Yva Poty
39. Ypety - Paso Cadena	79. Isla Jovái	120. Ytu
40. Akaray Mi	80. Itaymi	121. Lagunita
41. Kirito	81. Kapi'itindy - Ka'aguy Poty	122. Tekoha Yvy Poty

Fonte: Zanardini e Biedermann (2006).

2.1. A LÍNGUA AVÁ E A FAMÍLIA TUPI-GUARANI NO PARAGUAI

A língua Avá pertence, segundo Rodrigues (1984/85), ao subconjunto I da família Tupi-Guarani e, conseqüentemente, ao tronco Tupi. Segundo o autor, as principais características deste subgrupo em relação ao Proto-Tupi-Guarani (doravante PTG) são as seguintes:

01. CARACTERÍSTICAS DO SUBCONJUNTO I EM RELAÇÃO AO PTG:

a. Perda das consoantes finais;
b. Conservação de *tx ou sua mudança em ts ou s;
c. Mudança de *ts em h ou zero;
d. Mudança de *pw em kw ou k;
e. Mudança de *pj em tx ou x.

Rodrigues (1984/85) aponta que neste subgrupo há uma língua documentada há mais de 350 anos que é o Guarani Antigo da Província de Guairá (MONTOYA, 1639, 1640 *apud* RODRIGUES, 1984/85) e que, das diversas variedades do Guarani Moderno, o candidato mais provável de ser descendente deste dialeto antigo parece ser o Ñandeva (Avá, Txiripá, Apapokúva). Cadogan (1959 *apud* CHASE-SARDI, 1992, p. 23) também acredita que o dialeto falado pelos Avá é o mais próximo daquele registrado pelo Padre Antonio Ruiz de Montoya. As

demais línguas que compõem este subconjunto são apresentadas na Tabela 02 a seguir.

Tabela 02: Subconjunto I da família Tupi-Guarani

Línguas e/ou Dialetos	
1. Guarani Antigo	6. Guarani Paraguaio
2. Mbyá	7. Guayakí (Aché)
3. Xetá	8. Tapieté
4. Ñandeva (Txiripá)	9. Chiriguano (Ava)
5. Kaiwá (Kayová, Pãi)	10. Izoceño (Chané)

Fonte: Rodrigues (1984/85).

No Paraguai, são faladas sete das dez línguas pertencentes ao Subconjunto I da família Tupi-Guarani[3]: Guarani Paraguaio, Aché (Guayaki), Avá (Ava-Katu-Ete, Chiripá, Ñandeva), Mbyá, Paĩ Tavyterã (Kayowá), Ñandeva (Tapieté), Guarani Ocidental (Chiriguano). É interessante ressaltar que o Guarani Paraguaio (doravante GP) se configura como idioma oficial no país ao lado do espanhol. Conforme Melià (2002), as etnias Aché, Avá, Mbyá e Pãi Tavyterã se situam na região oriental do Paraguai e as etnias Ñandeva e Guarani Ocidental se localizam, respectivamente, no centro e no extremo noroeste do Chaco Paraguaio, próximo à fronteira com a Bolívia.

[3] Apresentamos as denominações tal como são usadas no Paraguai pelas etnias e pelos órgãos indigenistas responsáveis e nos parênteses indicamos as denominações alternativas.

Zanardini e Biedermann (2006) apontam que os Aché apresentam uma população de 1.190 pessoas, distribuídas em 6 comunidades, na região dos departamentos Canindeyú, Alto Paraná, Caazapá e Caaguazú. Os Ocidentais são 2.155 pessoas, que vivem em 7 comunidades, no departamento Boquerón no Chaco Paraguaio. Os Mbyá apresentam a população de 14.324 pessoas e vivem em 134 comunidades, nos departamentos Itapúa, Caazapá, Guairá, San Pedro e Alto Paraguay. Os Ñandeva são 1.984 pessoas que vivem em 9 comunidades no departamento Boquerón. Os Pãi Tavyterã são 13.132 pessoas, que vivem em 55 comunidades, nos departamentos Amambay, Canindeyú, San Pedro e Concepción.

A situação lingüística da família Tupi-Guarani no Paraguai não apresenta um cenário muito positivo uma vez que todos os dialetos indígenas apresentam, em diferentes graus, riscos de extinção, evidenciando um processo de mudança lingüística radical em direção aos idiomas oficiais, em especial, em direção ao GP. Os dados da Tabela 03 a seguir, apresentados por Melià (2002), evidenciam esta realidade.

Tabela 03: Principais línguas faladas pelos povos Tupi-Guarani no Paraguai

	Total	Língua Própria		Guarani Paraguaio		Espanhol	
		N	%	N	%	N	%
Aché	1190	911	76,55	739	62,10	339	28,48
Avá-Guarani	13430	6308	46,96	9061	67,46	2842	21,26
Mbyá	14324	10.016	69,92	7915	55,25	1329	9,28
Pãi-Tavyterã	13132	6364	48,46	9289	70,73	482	3,67
Ocidental	2155	574	26,63	1724	80,00	1396	64,77
Ñandeva	1984	1550	78,12	1419	71,52	715	36,03

Fonte: Dirección General de Estadistica, Encuestas y Censos/Comisión Nacional de Bilinguismo. In: Melià, 2002

Como é possível verificarmos na Tabela 03, o GP é amplamente falado (entre 55 e 80%) nas seis etnias. Já o espanhol é utilizado em menor escala por essas populações. Com isso, podemos depreender que é realmente o GP a língua oficial mais disseminada entre os falantes destes dialetos indígenas minoritários. Em relação ao Avá, especificamente, Chase-Sardi (1992) alerta que é evidente que este grupo adotou uma grande porcentagem de elementos sincréticos e que o GP *ha deturpado su idioma original* (*Ibidem*, p. 24), acrescentando que:

> Incluso los más renombrados sacerdotes, en sus *porai*, en sus canto-oraciones, suelen matizar las casi inentendibles oraciones del guaraní arcaico, con las del moderno, agregando, casi siempre, como ya lo hiciera notar Cadogan, la frase: *He'i haicha karaikuera*, como dicen los blancos, o *He'i haicha paraguajokuera*, como dicen los paraguayos. En cuanto a la forma y fluidez con que hablan el guaraní paraguayo, según asevera Cadogan, lo puedo asegurar solamente de los hombres adultos que van a la changa y de los niños, de ambos sexos, que han pasado por la escuela. Pues las mujeres y los niños, cuyas comunidades carecen de enseñanza primaria, siguen hablando el guaraní con un destacado acento cortante, y el chicheo fuerte y no suave, como en el guaraní paraguayo.

Como havíamos mencionado no histórico sobre o povo Avá, a relação que este grupo mantém com a sociedade paraguaia é bastante próxima e há hoje, inclusive, um alto índice de pessoas multilíngües, que falam além do Avá, o GP, o espanhol e o português. Além disso, como já apontado por Chase-Sardi (1992), é possível perceber o conhecimento e uso do GP e do espanhol por parte das

gerações mais jovens (até 20 anos), em virtude do aumento de escolarização[4] nas comunidades. Assim, acreditamos que, ao menos nas duas comunidades em que trabalhamos, o uso do Avá sem tanta influência do GP se restringe a um grupo de falantes, numa faixa etária acima de 50 anos, que não receberam educação escolar.

[4] A Constituição Nacional da República do Paraguai, promulgada no dia 20 de junho de 1992, apresenta um capítulo específico sobre os direitos dos povos indígenas (Capítulo V – De los Pueblos Indígenas) e outros artigos relacionados a este tema. Esta Constituição reconhece a existência legal dos povos indígenas e garante o direito à preservação e desenvolvimento da identidade étnica em seu respectivo habitat. Com relação à educação, a Constituição prevê que o Estado deverá assegurar a toda população do país o acesso à educação. Garante, ainda, a instalação de instituições escolares específicas e diferenciadas e o uso de pedagogias indígenas. O Estado deve respeitar as orientações educativas dos povos indígenas e lhes oferecer meios para seu desenvolvimento (Cf. DGEEI/MEC, 2009. Disponível em: http://www.mec.gov.py/cmsmec/?page_id=33301).

Entretanto, com relação ao uso da língua materna dos indígenas na escola, a Constituição, no Artigo 77 do *Capítulo VII – De la Educación e de la Cultura*, afirma que:

> La enseñanza en los comienzos del proceso escolar se realizará en la lengua oficial materna del educando. Se instruirá asimismo en el conocimiento y en el empleo de ambos idiomas oficiales de la República. En el caso de las minorías étnicas cuya lengua materna no sea el guaraní, se podrá elegir uno de los dos idiomas oficiales (CONSTITUICIÓN NACIONAL, 1992. Disponível em: <http://www.constitution.org/cons/paraguay.htm>.

3. OS DADOS

Nesta seção, apresentaremos brevemente a metodologia usada na coleta dos dados que serão discutidos neste trabalho e traremos informações gerais sobre os informantes com os quais trabalhamos. Abordaremos, também, a organização dos dados, bem como a ortografia utilizada no processo de transcrição.

3.1. A COLETA DE DADOS

Os dados que serão apresentados nesta dissertação foram coletados nos meses de abril e maio de 2010, nas comunidades Avá de Akaraymi e Fortuna, localizadas nos departamentos de Alto Paraná e Canindeyú, respectivamente, no Paraguai. Para realizarmos a coleta de dados, aplicamos três questionários em espanhol, compostos por sentenças-testes, que buscavam averiguar os condicionamentos morfossintáticos relativos a três principais temas:

02. TEMAS ABORDADOS NOS QUESTIONÁRIOS DE INVESTIGAÇÃO:

a. Distribuição dos marcadores pessoais e dos prefixos relacionais nos predicados verbais.
b. Movimento de objeto.
c. Argumentos vs. Adjuntos.

O primeiro questionário, que versava sobre o tema 2.a., era composto por paradigmas de conjugação verbal, com verbos transitivos e intransitivos, nestes atentando para a distinção entre verbos inergativos, inacusativos e estativos. O segundo questionário, que pretendia verificar a questão de movimento de objeto, era composto por testes com advérbios. O terceiro questionário, que buscava esclarecer a distinção entre argumentos e adjuntos, era composto por testes com passivas.

A partir destes questionários-base, pedimos aos informantes que emitissem julgamentos de gramaticalidade sobre determinadas sentenças-testes, como mostra o exemplo a seguir com o advérbio *aguyjema* “sempre”. O símbolo (*) indica que a sentença é agramatical.

Exemplo 01. SENTENÇA-TESTE: “TU SEMPRE ME VÊS”.

a.	nde	aguyjema	che=r-echa	
	2S	ADV	1S-REL-ver	
b.	nde	che	aguyjema	che=r-echa
c.	nde	chevy	aguyjema	che=r-echa
d.*	nde	che	aguyjema	r-echa

Além destes dados coletados em nossa pesquisa de campo, poderemos lançar mão de dados publicados na literatura. Estes dados serão devidamente indicados e referenciados no corpo do texto.

3.2. OS INFORMANTES

Nas duas comunidades nas quais estivemos, trabalhamos com um total de seis informantes, sendo três homens, com idades de 29, 30 e 49 anos, e três mulheres com idades de 37, 51 e 72 anos. Salvo a informante de 72 anos que é falante monolíngüe de Avá, todos os outros são falantes fluentes do GP e do espanhol. Para realizarmos a elicitação dos dados com a informante monolíngüe, contamos com a colaboração de seu filho, outro de nossos informantes. Os demais informantes foram questionados em espanhol.

3.3. ORGANIZAÇÃO DOS DADOS

Os dados estarão numerados no corpo do texto de maneira continua, independentemente do capítulo. Eventualmente, pares de dados semelhantes poderão ser diferenciados por letras, associadas a um mesmo número de identificação do dado (por exemplo, 01.a, 01.b.). Na transcrição dos dados,

usaremos a ortografia Guarani oficial[5] usada no Paraguai, conforme apresentamos a seguir.

03. ALFABETO GUARANI (*ACHEGETY*):

a – ã – ch – e – ẽ – g – ĝ – h – i – ĩ – j – k – l – m – mb – n – nd – ng – nt – ñ – o – õ – p – r – rr – s – t – u – ũ – v – y – ỹ – '

Algumas observações sobre esta ortografia:

- O alfabeto é composto por 33 letras, sendo 12 vogais e 21 consoantes.
- Com relação às consoantes, são 13 consoantes orais (ch, g, h, j, k, l, p, r, rr, s, t, v, '), 4 consoantes nasais (m, n, ñ, g̃) e 4 consoantes pré-nasalizadas (mb, nd, ng, nt).
- Com relação às vogais, são 6 vogais orais (a, e, i, o, u, y) e 6 vogais nasais (ã, ẽ, ĩ, õ, ũ, ỹ)
- As letras l e rr são usadas apenas em empréstimos do espanhol, uma vez que não constituem fones do Guarani.
- Estas letras representam os seguintes fones:

[5] Informações disponíveis em: http://www.datamex.com.py/guarani/neetekuaa/el_abecedario.html

Tabela 04: Consoantes

ch – [ʃ, tʃ];	r – [ɾ];	n – [n];
g – [g];	rr – [r];	ñ – [ɲ];
h – [h];	s – [s];	g̃ – [ŋ];
j – [dʒ];	t – [t];	mb – [^{n}b];
k – [k];	v – [v];	nt – [^{n}t];
l – [l];	’ – [ʔ];	nd – [^{n}d];
p – [p];	m – [m];	ng – [^{n}g].

Tabela 05: Vogais

a – [a];	ã – [ã];
e – [e,ɛ];	ẽ – [ẽ,ɛ̃];
i – [i];	ĩ – [ĩ];
o – [o, ɔ];	õ – [õ, ɔ̃];
u – [u];	ũ – [ũ];
y – [ɨ];	ỹ – [ɨ̃].

II. HIERARQUIA DE PESSOA EM AVÁ: DESCRIÇÃO E ASPECTOS SINTÁTICOS

1. COMENTÁRIOS INTRODUTÓRIOS

As línguas da família Tupi-Guarani apresentam, conforme mencionamos anteriormente, um padrão de hierarquia de pessoa que apresenta uma estreita relação com os sistemas de concordância destas línguas, como mostram inúmeros trabalhos, dentre eles, destacamos os de Rodrigues (1990); Seki (1990, 2000); Leite (1990); Jensen (1990); Harrison (1994); Payne (1994b); Martins (2003); Cardoso (2008); Velázquez-Castillo (2008).

Os sistemas de concordância, nas línguas desta família, são compostos por séries de concordância, tratadas por Jensen (1990) como *cross-referencing*[6], que

---

[6] PTG *Cross-Referencing affixes* (JENSEN, 1990)

	SET 1	SET 2
1SG	a-	če (r-)
1PL.EXCL	oro-	ore (r-)
1PL.INCL	ja-	jane (r-)
2SG	ere-	ne (r-)
2PL	pe-	pe (n-)
3	o-	i-, c-

assinalam, no núcleo do predicado verbal, o argumento mais alto na hierarquia (1> 2> 3). Assim, a Série I é usada para codificar o sujeito, quando A > O; e a Série II é utilizada para assinalar o objeto, quando O > A. Estas séries são também descritas (JENSEN, 1990; SEKI, 1990, DIXON, 1994) como responsáveis por uma cisão na codificação do único argumento de verbos intransitivos[7]: o sujeito S de verbos intransitivos ativos é codificado por meio dos prefixos da Série I; por outro lado, o sujeito S de verbos intransitivos estativos é assinalado por meio da Série II, como mostram os exemplos abaixo do Tupinambá (JENSEN, 1990, p. 117).

Exemplo 02.

VERBO TRANSITIVO

a. a-i-nupã
   1SG-REL-bater
   “Eu bato nele”.

b. syé nupã
   1sg- bater
   “(ele/ela/eles/você(s)) Me bate”.

[7] Bittner e Hale (1996) apontam que muitas línguas, pertencentes a distintos sistemas de caso, apresentam intransitividade cindida.

Exemplo 03.

VERBO INTRANSITIVO

a. a-só
   1SG-ir
   “Eu vou/fui”.

b. syé katu
   1SG bom
   “Eu sou bom”.

Além destas séries de marcadores de pessoa, outra característica dos sistemas de concordância das línguas Tupi-Guarani (Cf. RODRIGUES, 1984/85, SEKI, 1990, 2000; CABRAL, 2001; DUARTE, 2005) é a existência de prefixos denominados relacionais ({r-} e seus alomorfes)[8] que figuram no núcleo de predicados (verbais, nominais e posposicionais), assinalando a relação de concordância que este estabelece com seu complemento.

Payne (1994b) lança a proposta de que estes prefixos relacionais associados aos marcadores de pessoa seriam responsáveis pela codificação de um

[8] Prefixos relacionais do Guajajara (HARRISON, 1986 *apud* PAYNE, 1994b):
{r-} padrão.
{n-} depois de pe- (2PL) e wa- (3PL) .
{Ø-} com raízes que iniciam com C.
{t-} forma irregular para 3ª pessoa.
{h-} em muitas raízes que iniciam com V.

sistema inverso nas línguas da família Tupi-Guarani. Para a autora (*Ibidem*, p.316), em termos semântico-pragmáticos, é possível se referir a uma ação entre os participantes de uma hierarquia nominal como ocorrendo em uma direção "direta ou" "inversa". Quando a ação acontece como esperada, em uma direção informacionalmente natural de um participante A mais tópico, em direção ao participante P menos tópico (i.e., A = Sujeito; P = Objeto)[9], obtemos a situação "direta". Quando, entretanto, a situação é reversa ou neutra em relação à hierarquia, ou seja, o participante P é relativamente mais tópico que o normal (P = Sujeito), esta pode ser referida como "inversa".

Payne (1994b) discute que todas as línguas apresentam algum mecanismo para expressar situações informacionalmente inversas como, por exemplo, uma canônica passiva. Uma maneira alternativa de expressar uma cena informacionalmente marcada seria por meio de uma construção morfossintaticamente inversa. Nesta construção existe um mecanismo formal de marcação que indica a crescente topicalidade do participante P. Contudo, diferentemente da passiva, a sentença inversa permanece transitiva e a identidade do agente não é necessariamente suprimida.

[9] Payne (1994b) afirma usar os termos A (sujeito transitivo), S (sujeito intransitivo) e P (objeto) no sentido de Dixon (1979) e Comrie (1978).

Desse modo, a proposta sugerida por Payne (1994b) é a de que existe um sistema inverso nas línguas Tupi-Guarani evidenciado pela associação entre as séries de marcadores de pessoa e os prefixos relacionais, sendo estes últimos assumidos como marcadores da chamada inversão da hierarquia. A autora ressalta, ainda, que a noção de inversão é dependente de sua ocorrência nas sentenças transitivas. No entanto, a morfologia assumida como inversa (Série II/r) ocorre também com intrasitivas estativas, NPs possuídos, sintagmas posposicionais, construções com oblíquo topicalizado e em algumas sentenças subordinadas. Para Payne (1994b), a distribuição da Série II/r- pode ser motivada pelo fato de que todas as construções nas quais estes prefixos ocorrem são orientadas para P ou, ao menos, não orientadas para A.

Martins (2003), ao discutir a possibilidade de o Mbyá Guarani ter um sistema inverso como sugerido por Payne (1994b), afirma que “se entendido como uma inversão inerente de topicalidade (1> 2 > 3), a qual deve ser codificada por um sistema de concordância pessoal que contrasta participantes ativos e inativos, o sistema inverso pode ser identificado no Mbyá (*Ibidem*, p.78)”. Entretanto, a autora questiona que a morfossintaxe dita inversa, como proposto por Payne (1994b), também ocorre em construções genitivas, sentenças intransitivas inativas e em sintagmas posposicionais.

Velázquez-Castillo (2008) discute que a proposta de Payne (1994b) de um sistema inverso baseado na transitividade não se sustentaria em virtude da grande variedade de contextos em que a morfologia dita inversa ocorre e, especialmente, o prefixo {r-}. Para a autora, se a categoria de inversão existir em Guarani Paraguaio seria de maneira coberta, uma vez que não há formas exclusivas na língua que atuem nesta função. Assim, segundo Velázquez-Castillo (2008), uma análise estritamente inversa dos prefixos relacionais, baseada nas relações de transitividade, privilegiaria um contexto em detrimento de outros. Para a autora, todas as ocorrências de {r-} podem ser motivadas pela análise relacional: tanto {r-} quanto {h-} indicam o grau de conexão entre predicado-argumento, {r-} reservado para situações em que a conexão é estreita e {h-} para as situações em que esta conexão não é tão próxima.

Tomando por base os dados que iremos discutir, neste capítulo, relativos à ordem sintática, e os trabalhos de Jelinek e Carnie (2003) e de Sandalo (2008, 2011), mostraremos que, em Avá, a noção de inversão, conforme proposta por Payne (1994b), pode ser reinterpretada em termos de movimento sintático. Assim sendo, argumentaremos nesta dissertação, que uma análise da chamada inversão das hierarquias argumentais associada aos fenômenos sintáticos (Cf. JELINEK; CARNIE, 2003; SANDALO, 2008, 2011) apresenta maior abrangência explicativa, tanto com relação ao número de línguas que a evidenciam, quanto ao número de

fenômenos sintáticos decorrentes desta associação, como caso, *object shift*, marcação diferencial de objeto, alternâncias de voz (direta vs. inversa; ativa vs. antipassiva), entre outros.

Mostraremos, ainda, que as situações nas quais o sujeito é de primeira pessoa e o objeto é de segunda pessoa (i.e. 1A, 2O) apresentam, em Avá, características sintáticas e morfológicas particulares, que as diferenciam das construções em que há um argumento de terceira pessoa envolvido. Estes dados da língua Avá trarão evidências adicionais para a compreensão da estreita relação que se estabelece entre os fenômenos sintático-morfológicos e a categoria de pessoa dos argumentos nucleares.

Este capítulo está organizado da seguinte maneira: na seção 2, apresentaremos uma descrição detalhada do sistema de concordância da língua Avá, em consonância com as descrições a cerca de outras línguas Tupi-Guarani; na seção 3, discutiremos a questão inovadora trazida por este trabalho, relativa à ordem dos constituintes da língua e sua relação com a hierarquia de pessoa; na seção 4, abordaremos uma distinção entre argumentos e adjuntos, a partir de testes realizados com estruturas passivas; e, finalmente, na seção 5, apresentaremos a proposta de Jelinek e Carnie (2003) sobre os aspectos sintáticos envolvidos nas hierarquias argumentais e aventaremos, a partir desta proposta, uma hipótese sintática de interpretação da inversão da hierarquia de pessoa em Avá.

2. CONCORDÂNCIA TRANSITIVA EM AVÁ

O Avá, assim como as demais línguas da família Tupi-Guarani (RODRIGUES, 1990; SEKI, 1990, 2000; LEITE, 1990; JENSEN, 1990; HARRISON, 1994; PAYNE, 1994b; entre outros), exibe um padrão de hierarquia de pessoa (1 > 2 > 3) que afeta o sistema de concordância da língua, ou seja, a seleção do argumento que será marcado nos verbos transitivos está condicionada à pessoa que figura na posição de sujeito e de objeto. Assim, o sujeito será marcado, por meio da Série I de prefixos, se este for de primeira ou segunda pessoa e o objeto de terceira pessoa (i.e. 1A ou 2A e 3O), ou se o sujeito e o objeto forem duas terceiras pessoas (i.e. 3A, 3O), como mostram os exemplos a seguir.

Exemplo 04.
1A ou 2A e 3O.

a.	*che*	*a-h-echa*	*jagua*	*pe*
	1S	1S-REL-ver	cachorro	POSP
	"Eu vejo o cachorro".			

b.	*nde*	*re-h-echa*	*jagua*	*pe*
	2S	2S-REL-ver	cachorro	POSP
	"Tu vês o cachorro"			

Exemplo 05.
3A e 3O.

a. *pe* *kuña* *o-h-echa* *chu-pe*
DET mulher 3S-REL-ver 3S-POSP
“A mulher o vê”.

Por outro lado, o objeto é marcado no predicado verbal, por meio da Série II, se este for de primeira ou segunda pessoa e o sujeito for uma terceira pessoa (i.e. 1O ou 2O e 3A) ou quando o sujeito é de segunda pessoa e o objeto de primeira pessoa (i.e. 2A e 1O), como evidenciam os exemplos abaixo.

Exemplo 06.
1O ou 2O e 3A.

a. *pe* *kuña* *che=r-echa* *kuri*
DET mulher 1S-REL-ver PASS
“A mulher me viu”.

b. *pe* *kuña* *nde=r-echa*
DET mulher 2S-REL-ver
“A mulher te vê”.

Exemplo 07.

2A e 1O.

a.	*nde*	*che=r-echa*	*kuri*
	2S	1S-REL-ver	PASS

"Tu me viste".

Finalmente, quando o sujeito é de primeira pessoa e o objeto de segunda (i.e. 1A e 2O), ocorre no predicado verbal uma terceira série de prefixos: a Série III[10], de prefixos *portmanteau*[11]. Esta série é descrita (JENSEN, 1990, SEKI) como responsável pela codificação simultânea de sujeito e o objeto no verbo transitivo, em sentenças independentes, no contexto em que A é primeira pessoa (independentemente do número) e O é segunda pessoa, singular ou plural, como mostramos no exemplo 08 abaixo.

[10] Esta série é numerada por Jensen (1990) como Série IV, em virtude de algumas línguas Tupi-Guarani exibirem outra série de prefixos co-referenciais, a qual é numerada pela autora como Série III.

[11] Os prefixos {ro-} e {po-} são considerados portmanteau porque codificam, simultaneamente, um sujeito de primeira pessoa e o objeto de segunda pessoa. Esta característica pode ser evidenciada pela alomorfia existente entre estes prefixos, que é condicionada pelo traço de [PLURAL] do objeto.

Exemplo 08.
1A e 2O.

a. *che* *ro-h-echa*
1s 1S/2S-REL-ver
“Eu te vejo”

b. *che* *po-h-echa*
1s 1S/2PL-REL-ver
“Eu vos vejo”

2.1. OS MARCADORES DE PESSOA

Conforme apresentamos na seção anterior, existem na língua Avá marcadores de pessoa que assinalam a relação de concordância entre o predicado verbal e os argumentos nucleares. Estes marcadores de pessoa das Séries I, II e III são apresentados na Tabela 06 a seguir.

Tabela 06: Marcadores de pessoa em Avá

		Série I	Série II	Série III
SG	1	a-	che-	ro-
	2	re-	ne-	
	3	o-	i-	
PL	1 INCL	ja-	ñane-	po-
	1EXCL	ro-	ore-	
	2	pe-	pene-	
	3	o-	i-	

Como discutimos nos exemplos 04 e 05, os marcadores da Série I assinalam o sujeito transitivo, nos contextos em que o objeto é de terceira pessoa (i.e. 1A ou 2A e 3O; ou 3A e 3O). Esta série também codifica o sujeito em verbos intransitivos ativos[12] (SEKI, 1990), conforme mostramos nos exemplos em 09.

Exemplo 09.

VERBO INTRANSITIVO ATIVO.

a. *che* *a-ke*
1S 1S-dormir
"Eu durmo."

b. *nde* *re-ke*
2S 2S-dormir
"Tu dormes."

c. *ha'e* *o-ke*
3S 3S-dormir
"Ele dorme."

d. *ñande* *ja-ke*
1INCL 1INCL-dormir
"Nós dormimos."

[12] A questão da cisão na codificação dos sujeitos intransitivos não está em foco neste trabalho. Sobre esta discussão veja Rodrigues (1953); Seki (1990); Dixon (1994).

e. *ore* *ro-ke*
1EXCL 1EXCL-dormir
“Nós dormimos.”

f. *peẽ* *pe-ke*
2PL 2PL-dormir
“Vós dormis.”

g. *ha’e kuera* *o-ke*
3PL 3PL-dormir
“Eles dormem.”

Por outro lado, conforme apresentamos nos exemplos 06 e 07, a Série II indica, no predicado verbal transitivo, o objeto de primeira ou segunda pessoa (i.e. 3A e 1O ou 2O; ou 2A e 1O). Além disso, esta série é responsável pela codificação do sujeito em verbos intransitivos estativos (SEKI, 1990), como mostram os exemplos em 10.

Exemplo 10.
VERBO INTRASITIVO ESTATIVO.

a. *che* *che=kane’õ*
1S 1S-estar cansado
“Eu estou cansado.”

b. *nde* *ne=kane’õ*
2S 2S-estar cansado
“Tu estás cansado.”

c. *ha'e* *i=kane'õ*
1S 3S-estar cansado
"Ele está cansado."

d. *ñande* *ñane=kane'õ*
1INCL 1INCL-estar cansado
"Nós estamos cansados."

e. *ore* *ore=kane'õ*
1EXCL 1EXCL-estar cansado
"Nós estamos cansados."

f. *peẽ* *pene=kane'õ*
2PL 2PL-estar cansado
"Vós estais cansados."

g. *ha'e kuera* *i=kane'õ*
3PL 3-estar cansado
"Eles estão cansados."

Já a Série III, conforme mostramos no exemplo 08, ocorre somente em predicados verbais transitivos e codifica simultaneamente o sujeito e o objeto, nos contextos em que o sujeito é de primeira pessoa e o objeto de segunda pessoa, singular ou plural (i.e. 1A e 2OSG/PL). Estas informações relativas à atuação dos marcadores pessoais da língua Avá são sumarizadas na Tabela 07 abaixo.

Tabela 07: Funções dos marcadores de pessoa

Marcadores de Pessoa	Funções
Série I	Codifica: Sujeito transitivo, quando 1A ou 2A e 3O; ou quando 3A e 3O. Sujeito intrasitivo, quando o verbo é ativo.
Série II	Codifica: Sujeito transitivo, quando 3A, 1O ou 2O; ou quando 2A e 1O. Sujeito intrasitivo, quando o verbo é estativo.
Série III	Codifica: Sujeito e objeto, simultaneamente, quando 1A e 2O.

2.2. OS PREFIXOS RELACIONAIS

É possível percebermos nos exemplos de 04 a 08 que, além dos marcadores de pessoa, existem outros prefixos que figuram no predicado verbal transitivo. A literatura acerca das línguas da família Tupi-Guarani (RODRIGUES, 1953, 1984/85; SEKI, 1990, 2000; CABRAL, 2001) considera que estes prefixos, denominados relacionais, indicam o grau de conexão (Cf. VELÁZQUEZ-CASTILLO, 2008) existente na relação gramatical que se estabelece entre o núcleo de um predicado (nominal, posposicional e verbal) e o seu complemento. Assim, os prefixos {ø ~ r-} indicariam no núcleo do sintagma a adjacência do complemento, enquanto {i- ~ h-} assinalariam a não-adjacência do complemento (Cf. DUARTE, 2005).

Em Avá, notamos que estes prefixos apresentam uma alomorfia condicionada tanto pelo segmento inicial da raiz (se vogal ou consoante), quanto

pela categoria de pessoa do objeto. Assim, quando o objeto é [+PARTICIPANTE] (Cf. FARKAS, 1990), ou seja, se este é uma primeira ou uma segunda pessoa, os prefixos {ø ~ r-} são utilizados; por outro lado, se o objeto é [-PARTICIPANTE], i.e., uma terceira pessoa, os prefixos {i- ~ h-} serão acionados. Os prefixos relacionais em Avá são apresentados na Tabela 08 abaixo, e a seguir, trazemos exemplos de sentenças transitivas nas quais estes prefixos relacionais estão presentes.

Tabela 08: Prefixos relacionais

	[+PART]	[-PART]
Raiz iniciada por Consoante	Ø-	i-
Raiz iniciada por Vogal	r-	h-

Exemplo 11.

a. *che* *a-i-nupã* *jagua*
1S 1S-REL-bater cachorro
"Eu bato no cachorro".

b. *kuña* *che=Ø-nupã*
mulher 1S-REL-bater
"A mulher me bate".

3. ORDEM DOS CONSTITUINTES

Como mostramos na seção anterior, em Avá e nas demais línguas da família Tupi-Guarani (RODRIGUES, 1990; SEKI, 1990, 2000; LEITE, 1990; JENSEN, 1990; HARRISON, 1994; PAYNE, 1994; entre outros), a hierarquia de pessoa afeta o sistema de concordância. Nesta seção, evidenciaremos, contudo, que a hierarquia de pessoa presente em Avá afeta também a ordem sintática da língua. A nossa intenção é, a partir de conceitos e testes da Gramática Gerativa, evidenciar novos fatos que contribuirão para um novo entendimento do fenômeno da hierarquia de pessoa nesta língua. Estes fatos poderão, ainda, apontar possibilidades de análise e caminhos de investigação para outras línguas da família Tupi-Guarani.

Esta relação entre a ordem sintática e a hierarquia de pessoa é evidenciada, anteriormente no Brasil, por Sandalo (2008, 2011) para a língua Kadiwéu. A autora mostra que objetos de primeira e segunda pessoa devem preceder o verbo, ao passo que, objetos de terceira pessoa permanecem na posição pós-verbal. Esta relação pode ser associada, então, segundo a autora, ao *Mapping Principle* de Diesing (1992) assumido por Jelinek e Carnie (2003). Este princípio estabelece, conforme veremos em detalhe na seção 5 deste Capítulo, que o efeito das hierarquias argumentais emerge de uma correspondência formalmente codificada entre a estrutura sintática e a estrutura semântica. Estes fatos notados por Sandalo (2008, 2011) são muito semelhantes àqueles que discutiremos, em seguida, com relação ao Avá.

Em Avá, argumentos internos de primeira ou segunda pessoa (i.e. 1O ou 2O) devem preceder o verbo, gerando a ordem OV. Por outro lado, argumentos internos de terceira pessoa (i.e. 3O) permanecem na posição pós-verbal, na ordem VO. A hipótese aqui levantada é a de que o objeto sofre deslocamento sintático para a posição pré-verbal.

Assim, para verificarmos esta distinção entre as ordens VO e OV, realizamos testes com advérbios, assumindo a proposta de Pollock (1989) de que certos advérbios são adjungidos ao VP. Assim, todos os elementos que precedem os advérbios estariam fora do VP e todos os elementos que seguem o advérbio estariam dentro do VP. Exemplos destes testes com os advérbios *koãy* "já" e *aguyjema* "sempre" são apresentados a seguir.

Exemplo 12
3A, 1O.

a. *ha'i* *che* *koãy* *che=r-echa*
mulher 1S ADV 1S -REL-ver
"A mulher já me viu".

b. *ha'i* *che* *aguyjema* *che=r-echa*
mulher 1S ADV 1S -REL-ver
"A mulher sempre me vê".

c. *ha'i* *ñande* *koãy* *ñande=r-echa*

	mulher	1INCL	ADV	1INCL -REL-ver
	“A mulher já nos viu”.			
d.	*ha’i*	*ore*	*aguyjema*	*ore=r-echa*
	mulher	1EXCL	ADV	1EXCL -REL-ver
	“A mulher sempre nos vê”.			

Exemplo 13.

3A, 2O.

a.	*ha’i*	*nde*	*koãy*	*nde=r-echa*
	mulher	2S	ADV	2S -REL-ver
	“A mulher já te viu”.			
b.	*ha’i*	*nde*	*aguyjema*	*nde=r-echa*
	mulher	2S	ADV	2S-REL-ver
	“A mulher sempre te vê”.			

Exemplo 14.

2A, 1O.

a.	*nde*	*che*	*koãy*	*che-r-echa*
	2S	1S	ADV	1S-REL-ver
	“Tu já me viste”			
b.	*nde*	*che*	*aguyjema*	*che=r-echa*
	2S	1S	ADV	1S-REL-ver
	“Tu sempre me vês”			

Exemplo 15.
3A, 3O.

a. *ha'i* *aguyjema* *o-h-echa* *i-chupe*
mulher ADV 1S-REL-ver REL-3-POSP
"A mulher sempre o vê".

Nos exemplos de 12 a 15, percebemos que o advérbio pode ser posicionado entre o objeto pré-verbal e o verbo. Isto é uma evidência para argumentarmos a favor da hipótese de que, na língua Avá, há uma posição pré-verbal que aloca o objeto deslocado, quer dizer, a inversão na hierarquia (1 > 2 >3) desencadeia o movimento do objeto para uma posição externa a vP, uma vez que se esta posição fosse um outro especificador de vP, não encontraríamos um advérbio interveniente nesta posição. Assim, quando o sujeito é de terceira pessoa e o objeto de primeira ou segunda pessoa , ou quando o sujeito é de segunda pessoa e o objeto de primeira, o objeto não pode ficar *in situ*, interno ao VP, na posição pós-verbal. Ele deve se mover para uma posição externa ao vP, gerando a ordem SOV.

Desse modo, evidenciamos que a língua Avá apresenta claramente um reflexo sintático desencadeado pela hierarquia de pessoa. Esta relação entre a ordem sintática e a categoria de pessoa dos argumentos traz fortes evidências para

a proposta de Jelinek e Carnie (2003), conforme discutiremos, em detalhe, na seção 5 deste Capítulo.

Esta evidência sintática da hierarquia de pessoa, notada neste trabalho, apresenta, ainda, outra importante implicação, relacionada ao estatuto dos marcadores de pessoa e, em especial, acerca da Série II. Esta série é tradicionalmente descrita como sendo composta por pronominais cliticizados de estatuto argumental (Cf. RODRIGUES, 1984/85; 1990, SEKI, 1990, 2000; MARTINS, 2003; CARDOSO, 2008).

Entretanto, tomando por base estes testes com advérbios que realizamos, é possível argumentarmos que, na língua Avá, a Série II de clíticos configura concordância e não pronomes pessoais (Cf. RODRIGUES, 1984/85; SEKI, 2000; MARTINS, 2003; CARDOSO, 2008), em virtude de comprovarmos a realização de um argumento pronominal em uma posição externa a vP, como vemos em 16.

Exemplo 16.
3A e 1O.

a.	*ha'i*	*che*	*koãy*	*che=ø-nupã*
	mulher	1S	ADV	1S -REL-bater

"A mulher já me bateu".

Finalmente, uma questão interessante se relaciona ao fato de que objetos de segunda pessoa não precisam necessariamente se mover para uma posição pré-verbal, nos contextos em que os sujeitos são de primeira pessoa e os prefixos *portmanteau* da Série III são acionados, como mostram os exemplos abaixo.

Exemplo 17.
1A e 2O.

a. *che* *ndevy* *ro-h-echa*
1S 2s-POSP 1S/2S-REL-ver
"Eu te vejo".

b. *che* *ro-h-echa* *ndevy*
1S 1S/2S-REL-ver 2s-POSP
"Eu te vejo".

Exemplo 18.
1A e 2O.

a. *che* *aguyjema* *ro-h-echa* *ndevy*
1S ADV 1S/2S-REL-ver 2s-POSP
"Eu sempre te vejo".

b. *che* *ndevy* *aguyjema* *ro-h-echa*
1S 2s-POSP ADV 1S/2S-REL-ver
"Eu sempre te vejo".

Exemplo 19.

1A, 2OPL.

a. *che* *peẽme* *po-h-echa*
1S 2PL-POSP 1S/2PL-REL-ver
"Eu vos vejo".

b. *che* *po-h-echa* *peẽme*
1S 1S/2PL-REL-ver 2PL-POSP
"Eu vos vejo".

Como é possível verificarmos nos exemplos de 17 a 19, existem quatro características notáveis nestas construções, que envolvem um sujeito de primeira e um objeto de segunda pessoa, que as distinguem das demais construções apresentadas: (i) a ordem sintática; o objeto pode ser realizado tanto pré quanto pós-verbal; (ii) as marcas -vy e -me[13] no objeto singular e plural, respectivamente; (iii) a série III de concordância, que é específica para este contexto de 1A, 2O; e (iv) o prefixo relacional; o {h-} é acionado, embora o objeto seja [+PARTICIPANTE].

Estas construções apresentam, desse modo, aspectos sintáticos e morfológicos particulares/únicos. A hipótese que iremos sugerir, neste trabalho, compreende estes aspectos como resultantes de uma interação entre a categoria de

[13] Com os verbos *echa* "ver" e *nupã* "bater", o objeto, quando fonologicamente realizado, figurava obrigatoriamente com as marcas *–vy* e *–me.* Esta investigação, contudo, deverá ser ampliada posteriormente para outros verbos da língua.

pessoa dos argumentos nucleares e os componentes sintático e morfológico, conforme discutiremos, em detalhe, no Capítulo IV desta dissertação.

4. ARGUMENTOS VS. ADJUNTOS

Resta agora tratar do constituinte pós-verbal. Seria um argumento *in situ* realmente? Nas sentenças transitivas da língua Avá, notamos que o argumento interno de terceira pessoa pode vir ou não acompanhado por um elemento *pe*, tratado como posposição por Martins (2003) e como marca de caso acusativo por Cardoso (2008), como mostram os exemplos a seguir.

Exemplo 20.

a.	*che*	*a-h-echa*	*jagua*	*pe*
	1S	1S-REL-ver	cachorro	POSP
	"Eu vejo o cachorro".			

b.	*che*	*a-h-echa*	*jagua*
	1S	1S-REL-ver	cachorro
	"Eu vejo o cachorro".		

Para averiguarmos se o DP que aparece acompanhado deste elemento seria realmente um argumento e não um PP não-argumental, realizamos o teste da passiva, uma vez que somente um argumento interno de um verbo poderia figurar como sujeito gramatical em uma passiva. Com este teste foi possível certificarmos que os DPs que aparecem seguidos pelo elemento *pe*[14] são realmente argumentos nucleares do verbo. Exemplos de estruturas passivas são apresentados abaixo.

Exemplo 21.

a.	che	a-h-echa	jagua
	1S	1S- REL-ver	cachorro
	“Eu vejo o cachorro”.		

b.	jagua	o-je-h-echa
	cachorro	3SG-REFL/PAS-ver
	“Cachorro foi visto”.	

Exemplo 22.

a.	che	a- ’u	so’o
	1S	1S- comer	carne
	“Eu como carne”.		

[14] Sobre o estatuto do elemento *pe* no Guarani Paraguaio veja Cory (2009).

b. so'o o-je-'u
carne 3SG-REFL/PAS-comer
"Carne foi comida".

Cabe, ainda, destacar que em Avá a forma passiva apresenta uma estrutura homófona à forma reflexiva, o que pode tornar as sentenças ambíguas, no contexto em que o sujeito passivo/reflexivo é [+HUMANO], como vemos no exemplo abaixo.

Exemplo 23.

a. Pedro o-je-juka
Pedro 3SG-REFL/PAS-matar
"Pedro foi morto (matado)."
"Pedro se matou."

Com relação às construções nas quais 1A e 2O, mostramos que uma das características notáveis, que as diferencia de outras construções, é a presença da marca –vy no objeto singular[15]. No intuito de verificarmos se o pronome

[15] O Avá é uma língua *pro-drop*, assim, o objeto não precisa ser fonologicamente realizado. Contudo, conforme mencionamos (veja nota de rodapé 12), na construção 1A, 2O, o objeto quando realizado deve vir acompanhado das marcas –vy (objeto singular) e –me (objeto plural).

acompanhado desta marca codificava um argumento nuclear, i.e., se a sentença era transitiva, aplicamos também nesta situação o teste da passiva, conforme mostramos no exemplo abaixo.

Exemplo 24.

a. che *ndevy* ro-h-echa
1S 2s-POSP 1S/2S-REL-ver
"Eu te vejo".

b. nde re-je-h-echa
2S 2S- REFL/PAS-REL-ver
"Tu foste visto".

Conforme verificamos com este teste, a sentença em 24.a é transitiva em virtude de permitir passivização. Além disso, em 24.b, é possível notarmos que os marcadores da Série III não são permitidos na passiva, uma vez que esta estrutura é intransitiva.

5. ASPECTOS SINTÁTICOS DAS HIERARQUIAS ARGUMENTAIS

Nesta seção, discutiremos a proposta de Jelinek e Carnie (2003) relativa a uma interpretação sintática do fenômeno das hierarquias argumentais e

aventaremos, a partir desta proposta, uma hipótese sintática de análise para o padrão de hierarquia de pessoa presente em Avá. Argumentaremos, assim, que a inversão na hierarquia de pessoa, como proposto por Payne (1994b), pode ser reinterpretada em termos de movimento sintático.

5.1. JELINEK E CARNIE (2003)

Jelinek e Carnie (2003) discutem que hierarquias argumentais descrevem situações nas quais o fenômeno sintático interage, de maneiras distintas, com argumentos de diferentes tipos. O efeito destas hierarquias argumentais (Cf. JELINEK, 1993; MEINUNGER, 1999; ISAAK, 2000 *apud* JELINEK; CARNIE, 2003) emerge de uma correspondência formalmente codificada entre a estrutura sintática e a estrutura semântica.

Existem nas línguas do mundo diferentes tipos de hierarquias argumentais, que podem ser baseadas em pessoa, definitude, animacidade, etc. Embora haja esta diversidade, as hierarquias argumentais apresentam, conforme os autores, as seguintes propriedades comuns:

04. PROPRIEDADES DAS HIERARQUIAS ARGUMENTAIS (Cf. JELINEK; CARNIE, 2003, p.266)

a. Existe uma classificação dos argumentos de acordo com uma escala de pressuposição[16]. Quer dizer, argumentos que são mais locais, mais específicos, mais definidos e/ou mais animados são pressupostos pelos falantes no discurso. Estes elementos excedem em hierarquia (*outrank*) elementos não-locais, não-específicos, menos animados, etc. Na hierarquia, estes elementos são mais declarados do que pressupostos.

b. Existem manifestações sintáticas desta hierarquia, tais como, caso e/ou alternâncias de vozes. Nestas situações, os argumentos que ocupam as posições de sujeito e de objeto são ordenados de acordo com esta escala de pressuposição.

Tendo em vista estas características das hierarquias argumentais, os autores assumem a proposta de "*Mapping Principle"* de Diesing (1992 *apud* JELINEK; CARNIE, 2003), que sugere a existência de um mapeamento direto entre o constituinte sintático (em algum nível de representação) e as estruturas semânticas. Este Princípio de Mapeamento é tomado pelos autores como sendo o

[16] Tradução nossa para: *scale of presuppositionality* (Cf. JELINEK; CARNIE, 2003, p. 266).

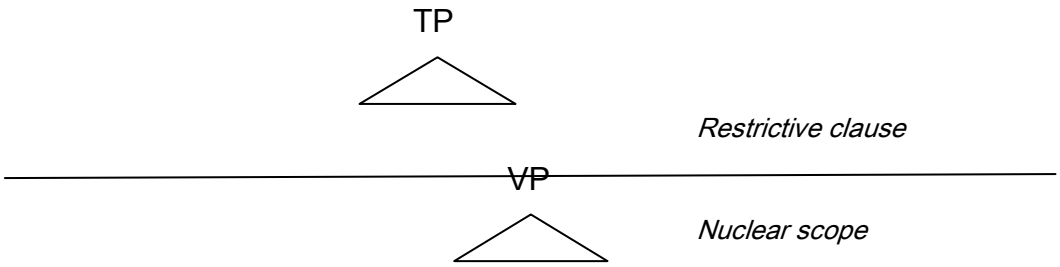
principal meio pelo qual a gramática codifica uma escala de pressuposição. Assim sendo, uma noção crucial nesta proposta é a de que não importa quais traços são pressupostos pelos usos de uma determinada língua, mas sim que existe uma correspondência previsível entre o *status* de informação estrutural e a realização sintática dos argumentos.

Para Diesing (1992 *apud* JELINEK; CARNIE, 2003), uma sentença está dividida em três partes: (i) um quantificador, que aponta o número de participantes da ação ou estado; (ii) um restritor, que declara a informação pressuposta sobre os participantes; esta parte equivale ao TP ou IP; e (iii) um escopo nuclear, correspondente ao VP, que afirma o que é verdadeiro sobre as entidades e fornece nova informação à sentença. Uma representação desta divisão é apresentada em 05.

05. THE MAPPING PRINCIPLE (Cf. DIESING, 1992 *apud* JELINEK; CARNIE, 2003, p.266)

a. (Quantificador $_{x,y}$ [Restritor (x,y) [Escopo Nuclear (x,y)])
Every *person* *loves cookies*

b.



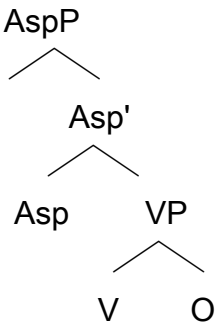
Em um nível mais formal, somente variáveis são permitidas no escopo nuclear. Variáveis podem ser de dois tipos: (i) vestígios de NPs que se moveram para fora de VP; (ii) NPs não-quantificados, não-pressupostos. Em termos de sintaxe, isto significa que NPs quantificados (como os específicos ou definidos) não podem permanecer internos ao VP, eles devem se mover para criar uma variável, assim, somente NPs não-pressupostos (i.e., não-específicos ou indefinidos) podem figurar no escopo nuclear. Um efeito gerado por este movimento se relaciona ao fato de que elementos mais altos na hierarquia relacional correspondem aos elementos que ocupam posições relativamente mais altas na árvore sintática.

Os autores assumem uma versão particular deste princípio de mapeamento em associação com a noção de fases de Carnie (no prelo *apud* JELINEK; CARNIE, 2003)[17]. Para Carnie, diferentemente de Chomsky (2001a *apud* JELINEK; CARNIE, 2003), as fases consistem em: (i) um elemento predicativo (v ou V); (ii) um único argumento (NP); (iii) um operador temporal que localiza o predicado e o argumento no tempo e no espaço (Asp ou T).

Para uma sentença transitiva simples, então, a primeira fase é composta por um predicado lexical, que expressa um estado ou evento (V), pelo argumento interno, e pelo núcleo Asp, como mostra a estrutura em 06.

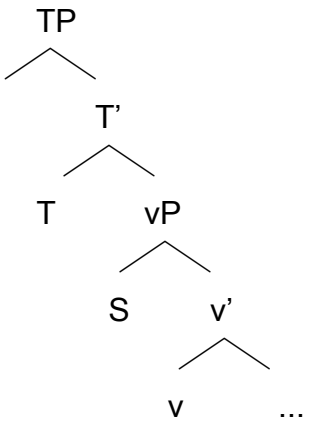
[17] Publicado posteriormente em: CARNIE, A.; BARSS, A. Phases and nominal Interpretation, **Research in Language 4**, p. 127-132. 2006.

06. FASE 1: SENTENÇA TRANSITIVA SIMPLES (Cf. JELINEK; CARNIE, 2003, p. 269)



A segunda fase, em uma sentença transitiva simples, contém o argumento externo introduzindo o predicado leve (v), o NP sujeito e núcleo T, como mostra a estrutura em 07.

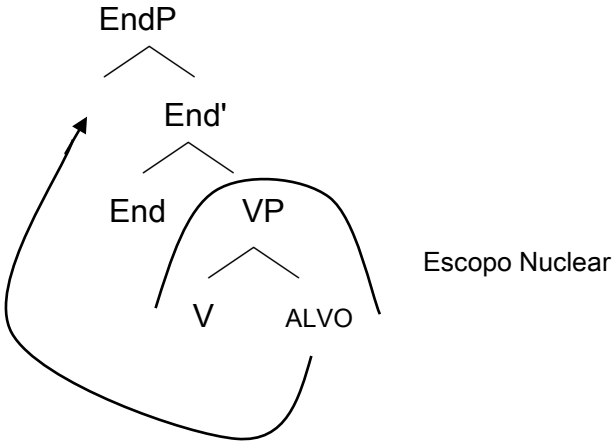
07. FASE 2: SENTENÇA TRANSITIVA SIMPLES (Cf. JELINEK; CARNIE, 2003, p. 269)



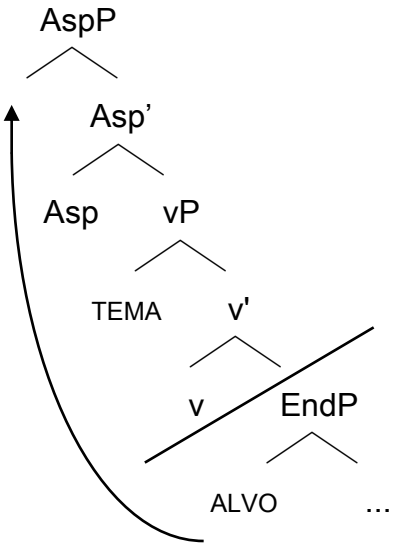
Quando a sentença é bitransitiva com a presença de um argumento ALVO, existe uma terceira fase, rotulada pelos autores como EndP. Esta fase é

correspondente ao vP mais baixo que introduz o argumento alvo/fonte (Cf. Larson, 1988), como mostramos nas estruturas em 08 e 09.

08. FASE 1: SENTENÇA BITRANSITIVA (Cf. JELINEK; CARNIE, 2003, p. 279)



09. FASE 2: SENTENÇA BITRANSITIVA (Cf. JELINEK; CARNIE, 2003, p. 280)



Como é possível observamos em 08, argumento ALVO sendo pressuposto não permanece no escopo nuclear, uma vez que não constitui uma variável. Desse modo, este sobe para a posição de especificador de EndP. Entretanto, a projeção EndP não é capaz de licenciar Caso a este argumento ALVO. Assim, como vemos em 09, este argumento para receber Caso se move para a posição Spec-AspP, na fase mais alta. O acesso à Fase 2 somente é permitido ao argumento ALVO em virtude de seu posicionamento em Spec-EndP, i.e., na borda da Fase 1. Nas situações em que o argumento ALVO não é pressuposto, este permanece interno ao escopo nuclear e é marcado com Caso inerente, já que não está acessível para a próxima fase.

5.2. HIERARQUIA DE PESSOA EM AVÁ: PROPOSTA SINTÁTICA DE ANÁLISE

Conforme apresentamos na discussão dos dados, em Avá, argumentos internos de primeira ou segunda pessoa (i.e. 1O ou 2O) devem preceder o verbo, gerando a ordem OV. Por outro lado, argumentos internos de terceira pessoa (i.e. 3O) permanecem na posição pós-verbal, na ordem VO. A partir dos testes realizados, percebemos que os advérbios *koãy* “já” e *aguyjema* “sempre” estão posicionados entre o objeto pré-verbal e o verbo. Isto é uma evidência a favor da hipótese defendida neste trabalho de que há, na língua Avá, uma posição pré-verbal que aloca o objeto deslocado.

Nesse sentido, é possível também argumentarmos que a hierarquia de pessoa presente em Avá gera reflexos sintáticos nesta língua, uma vez que averiguamos um deslocamento argumental desencadeado por esta. Quer dizer, a inversão na hierarquia de pessoa (i.e. O > A) promove o movimento do objeto para uma posição pré-verbal, externa a vP, uma vez que se esta posição fosse um outro especificador de vP, não encontraríamos um advérbio interveniente entre o objeto deslocado e o verbo.

Conforme mencionamos, Jelinek e Carnie (2003) discutem que uma das características das hierarquias argumentais é o fato de haver, nestes fenômenos, uma classificação dos argumentos de acordo com uma escala de pressuposição. Isto significa que argumentos que são mais locais, mais específicos, mais definidos e/ou mais animados são pressupostos pelos falantes no discurso. Estes argumentos figuram em posições hierárquicas mais altas em relação aos argumentos não-locais, não-específicos e/ou menos animados, que são elementos mais declarados do que pressupostos.

No que concerne a categoria de pessoa, responsável pela hierarquia argumental presente em Avá, é importante salientarmos que existe uma noção fundamental de que a primeira e a segunda pessoa apresentam um *status* diferencial

em relação à terceira[18]. Esta noção é amplamente discutida em diversos trabalhos, como nos de Benveniste (1966/1991), Hockett (1966), Ingram (1978), Zwick (1977), Moravcsik (1978), Farkas (1990); entre outros. Nestes trabalhos, foram propostas algumas conceituações e distinções importantes como, por exemplo, local vs. não-local (Cf. HOCKETT, 1966); participante vs. não-participante (Cf. FARKAS, 1990). Estas distinções estabelecem um agrupamento natural (Cf. MORAVCSIK, 1978) entre a primeira e a segunda pessoa (argumentos locais, participantes) em oposição a terceira pessoa (argumento não-local, não-participante).

Segundo Benveniste (1966/1991), a forma dita como terceira pessoa é, propriamente, a não-pessoa, uma vez que esta comporta uma indicação de enunciado sobre alguém ou alguma coisa, mas não se refere a uma pessoa específica. Para o autor, a terceira pessoa é excetuada da relação pela qual “eu” e “tu” se especificam.

Assim sendo, o conceito de pressuposição proposto por Jelinek e Carnie (2003) pode ser relacionado às distinções propostas pelos autores supracitados, quer dizer, os argumentos de primeira e segunda pessoa são pressupostos em virtude de serem argumentos locais, participantes; ao passo que, argumentos de terceira pessoa são não-pressupostos, uma vez que estes são argumentos não-

[18] Sobre uma representação formal da categoria de pessoa veja Harley e Ritter (2002); Nevins (2007).

locais, não-participantes. Estes conceitos, que associam a primeira e a segunda em oposição a terceira pessoa, são fundamentais para compreendermos o comportamento sintático dos argumentos envolvidos em hierarquias de pessoa, como averiguamos em Avá.

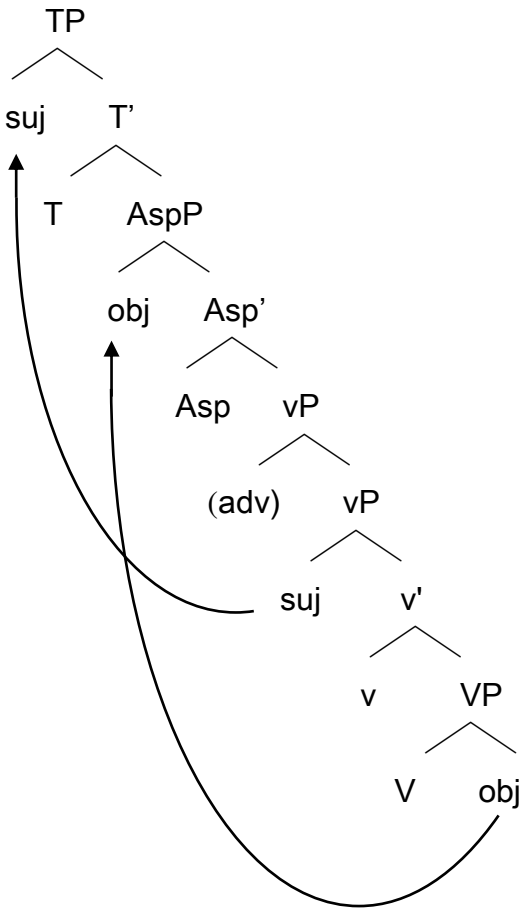
Desse modo, a hipótese aqui defendida, seguindo a proposta de Jelinek e Carnie (2003), sugere que o deslocamento sintático sofrido pelo objeto de primeira ou segunda pessoa em Avá é motivado pelo fato destes argumentos serem mais pressupostos (i.e. locais, participantes) e, por isso, não podem permanecer internos ao escopo nuclear (VP), uma vez que não constituem uma variável permitida nesta posição. Conforme mostram Jelinek e Carnie (2003), somente NPs não-pressupostos (como os não-específicos ou indefinidos) ou vestígios de NPs pressupostos, que se moveram para fora de VP, podem figurar no escopo nuclear.

A partir dos testes com advérbios, argumentamos a favor da hipótese de que o objeto sofre deslocamento sintático para uma posição externa a vP, em virtude de assumirmos (Cf. POLLOCK, 1989) que alguns advérbios são adjungidos ao VP, assim, todos os elementos que precedem os advérbios estariam fora do VP e todos os elementos que seguem o advérbio estariam dentro do VP.

Propomos, então, que esta posição pré-verbal que aloca o objeto deslocado é o especificador de uma projeção funcional AspP[19] (JELINEK; CARNIE, 2003; SANDALO, 2008; 2011), conforme mostramos na estrutura sintática em 10. Esta projeção funcional é compreendida, nesta proposta, como responsável pela checagem de traços de pressuposição dos NPs que figuram na posição de argumento interno.

[19] Assumimos nesta proposta o rótulo AspP, proposto por Jelinek e Carnie (2003), para esta projeção funcional acima de vP para qual os NPs pressupostos se movem. Este rótulo, entretanto, a nosso ver, não implica que esta projeção seja aspectual em Avá. Compreendemos esta projeção como responsável pela checagem de traços de pressuposição.

10. ESTRUTURA TRANSITIVA: MOVIMENTO DOS ARGUMENTOS



Como é possível verificarmos em 10, o sujeito na posição de argumento externo se move para Spec-TP para checar Caso Nominativo, licenciado pelo núcleo T. O objeto, por sua vez, na posição de argumento interno, checa seu Caso Acusativo, licenciado por V, e se move para Spec-AspP para gerar uma variável permitida no escopo nuclear, i.e., o vestígio do NP que se moveu para fora de VP (Cf. JELINEK; CARNIE, 2003).

O movimento de ambos os argumentos, para as posições Spec-TP e Spec-AspP, gera uma configuração na qual há duas posições, em um TP expandido, que desencadeiam concordância. O argumento posicionado no especificador mais próximo ao complexo v-VP será responsável pelo controle da concordância no núcleo do predicado verbal. Assim, quando o objeto de primeira ou segunda pessoa se desloca para a posição Spec-AspP, este controlará a concordância, i.e., ocorrerá implementação dos marcadores de pessoa da Série II. Por outro lado, se o objeto é de terceira pessoa, permanecendo *in situ*, a concordância será controlada pelo argumento que figura na posição de Spec-TP, desse modo, serão realizados os marcadores de pessoa da Série I.

Contudo, quando o objeto é de segunda pessoa e o sujeito é de primeira, ocorre uma situação em que ambos os argumentos estão ativos para concordância, o que é evidenciado pela implementação dos prefixos *portmanteau* da Série III e, em especial, pelo prefixo {po-} que concorda com o traço [+PL] do objeto. A hipótese que defenderemos é a de a primeira pessoa, em virtude de ser muito marcada, bane a ocorrência de outro argumento [PARTICIPANTE] em um mesmo domínio de concordância (TP expandido). Assim, embora o objeto esteja posicionado em um especificador mais próximo ao complexo v-VP (Spec-AspP), este não será responsável isoladamente pelo controle da concordância, mas esta ocorrerá em associação com o sujeito 1A, posicionado em Spec-TP. A noção fundamental aqui

sugerida é a de que o argumento posicionado em um especificador mais próximo controla a concordância, exceto quando o argumento posicionado no especificador mais distante é de primeira pessoa. Quer dizer, a primeira pessoa, sendo muito marcada, não pode ser apagada, esta deve ser realizada por concordância no núcleo do predicado verbal, mesmo quando existe outro argumento posicionado em um especificador mais próximo ao complexo v-VP. Estas questões serão abordadas detidamente no Capítulo IV desta dissertação.

Em suma, o deslocamento do sujeito e do objeto gera uma configuração na qual há duas posições, em um TP expandido, que desencadeiam concordância: Spec-TP e Spec-AspP. Existe, entretanto, uma única posição prefixal para a realização de concordância. Dessa maneira, defenderemos a hipótese de que a estrutura gerada pela sintaxe, ao ser interpretada pelo componente morfológico, será submetida às operações pós-sintáticas de Abaixamento (*Lowering*, cf. EMBICK; NOYER, 2001), Fusão (*Fusion,* cf. HALLE; MARANTZ, 1993) e Empobrecimento (*Impoverishment*, cf. BONET, 1991; HALLE; MARANTZ, 1993, 1994), por motivos de implementação. Estas operações serão discutidas em detalhe no Capítulo IV desta dissertação.

Tendo em vista as discussões que traçamos até aqui, é possível concluirmos que a hierarquia de pessoa presente em Avá gera reflexos sintáticos nesta língua. Evidenciamos, desse modo, a partir da proposta de Jelinek e Carnie

(2003), que a noção de inversão (Cf. PAYNE, 1994b) pode ser reinterpretada para a língua Avá em termos de movimento sintático.

III. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1. A MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

A Morfologia Distribuída (doravante MD), desenvolvimento recente da Gramática Gerativa, é uma proposta teórica que busca refletir (Cf. EMBICK; HALLE, 2004) sobre a relação entre os processos de formação das palavras e os componentes da competência gramatical: a sintaxe, a semântica e a fonologia. A MD surgiu no início da década de 90 com os trabalhos inaugurais de Halle e Marantz (1993); Halle (1997) e Marantz (1997). Embick e Halle (2004) argumentam que, no modelo de gramática adotado nesta proposta, se assume que cada palavra é formada por operações sintáticas e que a sintaxe consiste em um conjunto de regras que geram estruturas sintáticas que estão sujeitas a outras operações nos níveis de interface PF e LF[20]. Assim, nesta abordagem sintática de morfologia, alguns

[20] Conforme Chomsky (1995, p.21), a proposta da *Extended Standard Theory* (EST) é de que a arquitetura das línguas promove uma variedade de sistemas simbólicos (níveis de representação), incluindo o nível da Forma Fonética (PF), o nível da Forma Lógica (LF), e o nível da Estrutura-D (DS), que relaciona o sistema computacional e o léxico. Estes níveis de representação não são relacionados diretamente, mas suas relações são mediadas por um nível intermediário, a Estrutura-S

aspectos da formação das palavras são atribuídos a operações sintáticas, como movimentos de núcleos[21] que ocorrem na sintaxe propriamente, enquanto outros aspectos são relacionados a operações que acontecem no componente pós-sintático, i.e., na *Morfologia* (Cf. NOYER, 1992). Sobre esta proposta da MD, Halle e Marantz (1993, p.111) afirmam que:

> We have called our approach *Distributed Morphology* to highlight the fact that the machinery of what has been called morphology is not concentrated in a single component of grammar, but rather is distributed among several different components.

(SS). Adotando esta visão, os objetos simbólicos, denominados de *structural descriptions* (SD) são seqüências (π, λ, δ, σ), onde π e λ são representações nos níveis de interface externos PF e LF, respectivamente; δ está na interface interna entre o sistema computacional e o léxico, e σ é derivativo. Estas relações entre os níveis de interface podem ser observadas no esquema abaixo.

(1) *D-Structure* < --- *Lexicon*
↓
PF < --- *S-Structure*
↓
LF

[21] Tradução nossa para: *head movement* (Cf. EMBICK; HALLE, 2004, p.4).

1.1. A ARQUITETURA DE GRAMÁTICA NA MD

A arquitetura de gramática proposta pela MD não inclui um Léxico, como proposto nos modelos lexicalistas da Gramática Gerativa. No entanto, este modelo não exclui a necessidade de listar certos tipos de informação, mas, apresenta significativas diferenças em relação à organização e à estrutura interna das listas propostas. Nesse sentido, Harley e Noyer (1999, p.3) apontam que:

> There is no Lexicon in DM in the sense familiar from generative grammar of the 1970s and 1980s. In other words, DM unequivocally rejects the Lexicalist Hypothesis. The jobs assigned to the Lexicon component in earlier theories are *distributed* through various other components.

A MD explode o léxico (Cf. MARANTZ, 1997) e inclui três listas distribuídas que seriam acessadas no processamento mental da linguagem: a lista dos *Morfemas*; a lista do *Vocabulário* e a lista da *Enciclopédia*. Os conteúdos destas listas serão discutidos na seqüência.

Embick e Halle (2004) evidenciam que em MD o termo *morfema* se refere às unidades que estão sujeitas às operações sintáticas, ou seja, *morfemas* são os nódulos terminais das estruturas arbóreas, formados por complexo de traços, que podem ser de dois tipos: fonéticos/fonológicos e gramaticais/sintático-semântico. Dessa maneira, os *morfemas* são divididos em duas grandes classes:

11. MORFEMAS:

a. MORFEMAS ABSTRATOS: compostos por traços sem informação sobre o conteúdo fonético-fonológico, como [PASS] ou [PL], ou traços que figuram no nódulo D do determinante.

b. RAÍZES: são seqüências de complexos traços fonéticos e, em alguns casos, traços diacríticos não fonéticos. As raízes não possuem traços gramaticais (sintático-semânticos). (Cf. EMBICK; HALLE, 2004, p.6)

Um pressuposto fundamental para a MD (Cf. CHOMSKY, 1970; MARANTZ, 1997 *apud* EMBICK; HALLE, 2004) é o de que as Raízes não apresentam categoria gramatical, quer dizer, categorias gramaticais tradicionais como nome e verbo são rótulos que se referem a estruturas sintáticas nas quais uma Raiz é combinada a um núcleo funcional que define sua categoria. Harley e Noyer (1999, p.7)[22] esclarecem que:

> Specifically, the different 'parts of speech' can be defined as a single l-morpheme, or Root (to adopt the terminology of Pesetsky 1995), in certain local relations with category defining f-morphemes. For example, a 'noun' or

[22] Harley e Noyer (1998a) propõem uma alternativa para a distinção entre concreto e abstrato, sugerindo que os morfemas são de dois tipos: os morfemas-f e os morfemas-l, o que corresponde basicamente à divisão convencional entre categorias funcionais e lexicais. Os morfemas-f seriam aqueles cujos conteúdos determinam expressões fonológicas únicas e são definidos por traços sintáticos e semânticos disponíveis na Gramática Universal. Já os morfemas-l são preenchidos por Itens Vocabulares que denotam um conceito específico de uma língua.

> a ‘nominalization’ is a Root whose nearest c-commanding f-morpheme (or licenser) is a Determiner, a ‘verb’ is a Root whose nearest c-commanding f-morphemes are v, Aspect and Tense; without Tense such a Root is simply a ‘participle’ (Embick 1997, Harley and Noyer 1998b). Thus, the same Vocabulary Item may appear in different morphological categories depending on the syntactic context that the item’s l-morpheme (or *Root*) appears in. For example, the Vocabulary Item *destroy* is realized as a ‘noun’ *destruct-(ion)* when its nearest licenser is a Determiner, but the same Vocabulary Item is realized as a ‘participle’ *destroy-(ing)* when its nearest licensers are Aspect and v; if Tense appears immediately above Aspect, then the ‘participle’ becomes a ‘verb’ such as *destroy-(s)*.

Conforme apontamos anteriormente, em uma derivação sintática, os núcleos funcionais não apresentam informação fonético-fonológica, assim, (Cf. EMBICK; HALLE, 2004) uma das funções da Morfologia é fornecer traços fonológicos aos morfemas abstratos. Este mecanismo de suprimento é denominado de *Inserção Vocabular* e *Vocabulário* é a lista de expoentes fonológicos de diferentes morfemas abstratos. E mais, cada par contendo um expoente fonológico com o conteúdo gramatical sobre o contexto no qual este expoente deve ser inserido é denominado *Item Vocabular*. Estes Itens Vocabulares são, na realidade, regras que adicionam conteúdo fonológico aos nódulos compostos por traços abstratos.

Um exemplo de um Item Vocabular fornecido por Embick e Halle (2004) se relaciona à formação do plural dos nomes em inglês. A Inserção Vocabular fornece traços fonológicos ao morfema abstrato [pl], combinado com nomes na

sintaxe. O expoente fonológico regular de plural em inglês é /-z/ e este é expresso formalmente pelo Item Vocabular em 12.

12. ITEM VOCABULAR:

[pl] ↔ /-z/

Dessa maneira, quando esta regra é aplicada a [pl] gera o efeito de adicionar /-z/ a este nódulo. Uma questão importante com relação à Inserção Vocabular é o fato de que o Item Vocabular mais especificado será aplicado, em um determinado nódulo, em detrimento dos competidores menos especificados. Os princípios que governam a aplicação de Itens Vocabulares são formalizados (Cf. HALLE, 1997 *apud* EMBICK; HALLE, 2004) nos seguintes termos:

> Subset Principle: The phonological exponent of a Vocabulary Item is inserted into a position if the item matches all or a subset of the features specified in the terminal morpheme. Insertion does not take place if the Vocabulary Item contains features not present in the morpheme. Where several Vocabulary Items meet the conditions for insertion, the item matching the greatest number of features specified in the terminal morpheme must be chosen.

Assim, no Item em 12, é possível notar que o traço [pl] para 'plural' em inglês apresenta também os expoentes *–Ø* (como em *moose*-Ø) e -*en* (como em *ox*-*en*). Como o traço [pl] está no mesmo constituinte da Raiz quando a Inserção Vocabular ocorre, a identidade dessa Raiz pode imprimir uma condição contextual à

escolha do expoente para o nódulo de [pl]. O efeito resultante desta condição é denominado de *alomorfia contextual* e formalmente representado por condições adicionais de Inserção, conforme mostramos em 13. Em seguida, apresentamos a estrutura sintática proposta por Embick e Halle (2004) para a representação do nódulo de Plural.

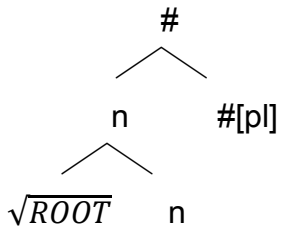
13. ALOMORFIA CONTEXTUAL:

[pl] ↔ /-z/

[pl] ↔ -en / {$\sqrt{OX}$, $\sqrt{CHILD}$, ...}__

[pl] ↔ -Ø / {$\sqrt{MOOSE}$, $\sqrt{FOOT}$, ...}__

14. ESTRUTURA PARA PLURAL:



Tendo em vista os princípios que regem a Inserção Vocabular, vemos que os Item Vocabulares em 13 estão competindo pela Inserção no nódulo #[pl] e somente um único Item Vocabular pode inserir um expoente nesta posição. Assim, quando temos condições adicionais para a Inserção, como as identidades das

raízes, o plural default ou regular /-z/ não pode ser inserido, porque existem outros Itens Vocabulares mais especificados.

Como havíamos mencionado, em MD, os Morfemas e o Vocabulário são duas das três listas acessadas durante o processamento da linguagem. A terceira lista proposta, denominada *Enciclopédia,* se relaciona ao fato de que alguns aspectos, do que se entende como 'significado', não são previsíveis e por isso necessitam ser listados. Embick e Halle (2004) mostram que, por exemplo, o fato da Raiz $\sqrt{CAT}$ ter relação com *felis catus* e não com *canis lupus* deve ser listado. Dessa forma, as interpretações que não são previsíveis e as interpretações idiomáticas, que são encontradas com objetos construídos sintaticamente, devem ser codificadas na gramática. Este tipo de informação está contido na Enciclopédia. Em 15, apresentamos (Cf. EMBICK; HALLE, 2004) um sumário das listas e, em 16, uma representação esquemática da estrutura de gramática proposta pela MD.

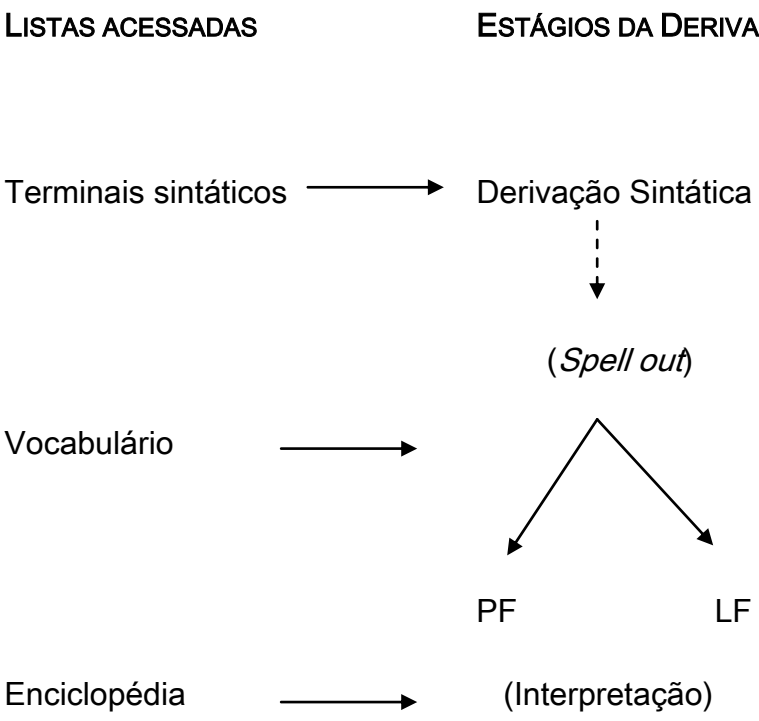
15. LISTAS:

a. MORFEMAS: a lista contendo as Raízes e os Morfemas Abstratos.

b. VOCABULÁRIO: a lista dos Itens Vocabulares, que são as regras que fornecem conteúdo fonológico aos morfemas abstratos.

c. ENCICLOPÉDIA: A lista de informação semântica que deve ser listada, tanto as propriedades das Raízes quanto objetos sintaticamente construídos (expressões idiomáticas).

16. ESTRUTURA DA GRAMÁTICA PROPOSTA PELA MD (CF. EMBICK; HALLE, 2004)



1.2. PROPRIEDADES DA MD

A MD apresenta três características que (Cf. HALLE; MARANTZ, 1994) a diferenciam de outras abordagens:

17. PROPRIEDADES DA MD:

a. INSERÇÃO TARDIA (*Late Insertion*): Esta propriedade se refere a hipótese de que os Terminais Sintáticos são complexos de traços sintáticos e semânticos sem informações fonológicas e que seus traços fonológicos são fornecidos somente na Inserção Vocabular, após a sintaxe.

b. SUBESPECIFICAÇÃO (*Underspecification*): Os Itens Vocabulares são caracteristicamente subespecificados, em relação aos traços dos nódulos nos quais estes são inseridos. Assim, é comum existir muitos Itens acessíveis para Inserção em um dado terminal, por isso, o Item Vocabular mais especificado será inserido.

c. ESTRUTURA SINTÁTICA HIERÁRQUICA (*Syntactic Hierarquical Structure All the Way Down*): Os terminais sintáticos nos quais os Itens Vocabulares são inseridos estão organizados em estruturas hierárquicas determinadas por princípios e

operações da sintaxe. Estas estruturas hierárquicas da sintaxe podem ser modificadas no componente PF por operações morfológicas que, no entanto, devem respeitar as condições de localidade sintáticas, atentando para o requerimento de que a interação entre os constituintes aconteça em uma relação de regência ou de adjacência estrutural. Dessa maneira, esta propriedade da MD se relaciona ao fato de que as operações sintáticas e morfológicas devem respeitar a mesma estrutura de constituintes.

2. OPERAÇÕES PÓS-SINTÁTICAS

Na arquitetura de gramática proposta pela MD (Cf. EMBICK; HALLE, 2004), se assume que a sintaxe gera estruturas hierárquicas que são interpretadas e modificadas em PF, nos processos de Inserção Vocabular e de linearização. A Inserção Vocabular, como apontamos na seção 1.1., é o processo no qual os morfemas abstratos são providos de traços fonológicos. A linearização, por outro lado, é uma operação binária, representada pelo operador (*), que estabelece a ordem linear das estruturas hierárquicas geradas pela sintaxe. Dada uma estrutura formada por núcleos funcionais [X Y], a linearização desta é definida como em 18.

18. LINEARIZAÇÃO:

LIN [x y] $\longrightarrow$ (x * y) ou (y * x)

De acordo com Embick e Halle (2004), a linearização pode ser aplicada tanto antes quanto após a Inserção Vocabular: no primeiro caso, a linearização é aplicada aos morfemas abstratos; e no último caso, aos expoentes fonológicos. Estas possibilidades são sumarizadas em 19.

19. POSSIBILIDADES DE LINEARIZAÇÃO:

a. LINEARIZAÇÃO DE MORFEMAS ABSTRATOS: É aplicada antes da Inserção Vocabular e determinada pelas propriedades dos traços abstratos, e não pelas propriedades dos expoentes fonológicos.

b. LINEARIZAÇÃO DE PARTES FONOLÓGICAS: É aplicada após a Inserção Vocabular, assim, suas propriedades são determinadas pelos expoentes fonológicos.

A proposta sugerida pela MD (Cf. EMBICK; HALLE, 2004) é de que os processos de Inserção Vocabular e linearização, embora apresentem requerimentos particulares nas diversas línguas, são aplicados em PF em todas as línguas do mundo. Há situações, ainda, referidas na literatura como *mismatches* (Cf. HALLE;

MARANTZ, 1993; EMBICK; HALLE, 2004) entre a sintaxe e a morfologia, em que a relação entre estes componentes não é tão direta, em virtude de outras regras de PF atuarem, produzindo estruturas morfológicas diferentes das estruturas sintáticas das quais foram derivadas. No entanto, estas operações não abandonam a premissa central da teoria de que a estrutura sintática e a estrutura morfológica são, no caso *default*, a mesma e estas regras aplicadas em PF são reajustamentos mínimos motivados por requerimentos particulares das línguas. Dessa forma, diferentemente da sintaxe que é um sistema gerativo, PF é um componente interpretativo, cujas regras não são aplicadas livremente, mas desencadeadas por requerimentos específicos que devem ser aprendidos pelos falantes das línguas particulares.

Outras operações de PF trabalhadas na literatura são: Concatenação Morfológica (*Morphological Merger*, cf. MARANTZ, 1984, 1988; BOBALJIK, 1994; EMBICK; NOYER, 2001), Fusão (*Fusion*, cf. HALLE; MARANTZ, 1993), Fissão (*Fission*, cf. NOYER, 1992, 1997; HALLE, 1997) e Empobrecimento (*Impoverishment*, cf. BONET, 1991; HALLE; MARANTZ, 1993, 1994). Estas operações serão discutidas nas seções que se seguem.

2.1. CONCATENAÇÃO MORFOLÓGICA

A Concatenação Morfológica, proposta inicialmente por Marantz (1984), e desenvolvida em trabalhos subseqüentes (MARANTZ, 1988; BOBALJIK, 1994; EMBICK; NOYER, 2001), estava relacionada (Cf. HARLEY; NOYER, 1999) originalmente, aos princípios de boa formação entre os níveis de representação na sintaxe. Em Marantz (1988 *apud* HARLEY; NOYER, 1999), esta operação foi formalizada da seguinte maneira:

> *Morphological Merger*: At any level of syntactic analysis (D-structure, S-structure, Phonological Structure), a relation between X and Y may be replaced by (expressed by) the affixation of the lexical head of X to the lexical head of Y.

Embick e Noyer (2001), ampliando estas noções iniciais, discutem que as propriedades de localidade de uma operação de Concatenação são determinadas pelo estágio na derivação em que a operação acontece: a Concatenação que ocorre antes da Inserção Vocabular, nas estruturas hierárquicas, difere daquele que ocorre após a Inserção Vocabular/Linearização. A primeira, denominada Abaixamento (*Lowering*), envolve adjunção de núcleo para núcleo, e em virtude destes núcleos não serem necessariamente adjacentes, esta operação tem um caráter não-local, não-adjacente. Para a segunda, denominada Deslocamento Local (*Local Dislocation*), a relação relevante para afixação não é hierárquica, mas as de

precedência linear e adjacência. Em 20, apresentamos uma estrutura em que o núcleo X é movido por Abaixamento a Y, núcleo de seu complemento, e em 21, mostramos uma representação esquemática da realização de Deslocamento Local.

20. ABAIXAMENTO DE X° A Y° (Cf. *Ibidem*, p. 561):

$[_{XP}\ X^{\circ} \ldots [_{YP} \ldots\ Y^{\circ} \ldots]] \rightarrow [_{XP} \ldots [_{YP} \ldots [_{Y^{\circ}}\ Y^{\circ} + X^{\circ}] \ldots]]$

21. DESLOCAMENTO LOCAL (Cf. *Ibidem*, p. 563)[23]:

$[X * [Z * Y]] \rightarrow [[_{Z^{\circ}}\ Z + X] * Y]$

A primeira hipótese que os autores desenvolvem, relacionada ao Deslocamento Local, sugere que, se uma operação de movimento é sensível às propriedades providas pela Inserção Vocabular, esta será necessariamente aplicada aos elementos adjacentes. Um exemplo que os autores discutem é a formação dos comparativos e superlativos em Inglês, em que há uma condição prosódica sobre o hospedeiro: o morfema comparativo/superlativo somente pode ser combinado a um adjetivo de uma sílaba métrica. A informação necessária para o processo ocorrer é específica ao Vocabulário e, além disso, em virtude das estruturas serem linearizadas por Inserção Vocabular (Cf. EMBICK; NOYER, 2001), o morfema de

[23] A notação *a * b* é usada para identificar o requerimento de que *a* deve preceder linearmente e ser adjacente a *b* (Cf. EMBICK; NOYER, 2001).

comparativo/superlativo não pode figurar no adjetivo quando há um advérbio interveniente.

A segunda hipótese, denominada de *Late Lowering Hypothesis*, assume que todo Abaixamento na Morfologia segue todos os movimentos ocorridos na sintaxe e não pode remover um ambiente criado por movimento sintático. Quer dizer, o Abaixamento opera somente na estrutura que está no *output* da sintaxe, i.e., a estrutura resultante, depois que todas as operações sintáticas ocorreram. O exemplo que os autores analisam se relaciona ao Abaixamento de T para v em inglês (*Ibidem*, p. 567), que não pode ser aplicado quando o vP está localizado em uma posição mais alta que T:

Exemplo 25.

a. *Mary said she would quietly play her trumpet, and* [$_{vP}$ *quietly play her trumpet*]$_1$ *she did t* 1.

b. **Mary said she would quietly play her trumpet, and* [$_{vP}$ *quietly play-ed*$_2$ *her trumpet*]$_1$ *she t* 2 *t* 1.

No exemplo apresentado em 25.a., o vP posicionado a frente impossibilita o Abaixamento pós-sintático de T para v; e 25.b. mostra o que resultaria se o Abaixamento pudesse preceder o vP. A predição dos autores seria a de que

nenhuma língua permitiria o Abaixamento de um núcleo Y a um XP que, de maneira subseqüente, se mova para acima de Y.

2.2. Fusão

Halle e Marantz (1993) propõem uma distinção entre Concatenação e Fusão: a Concatenação, sendo um movimento de núcleo para núcleo, une nódulos terminais sob um nódulo categorial de um núcleo, mas mantém dois nódulos independentes neste nódulo categorial. Então, na Inserção Vocabular, dois Itens Vocabulares são inseridos sob este núcleo derivado, um para cada nódulo terminal que passou pela operação de Concatenação. Por outro lado, a operação denominada Fusão toma dois nódulos terminais que são irmãos sob um único nódulo categorial e os funde em um único nódulo terminal. Assim, somente um Item Vocabular pode ser inserido e este deve apresentar um subconjunto de traços morfossintáticos do nódulo fundido, incluindo os traços de ambos os nódulos presentes no *input*. Então, diferentemente da Concatenação, a Fusão reduz o número de morfemas independentes em uma árvore sintática, como mostra a formalização em 22 (Cf. EMBICK; HALLE, 2004).

22. FUSÃO:

X_i [α] X_j [β] $\rightarrow$ X [α,β]

Embick; Halle (2004, p. 54) apresentam exemplos da concordância do Latim que ilustram esta regra relacionada à operação de Fusão. O presente do Indicativo ativo e passivo do verbo latino *laudō* "elogiar" são mostrados nos exemplos 26 e 27 abaixo.

Exemplo 26. PRESENTE DO INDICATIVO ATIVO

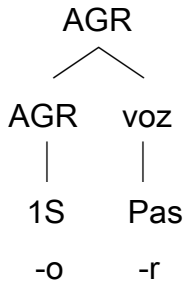
laud-ō "eu elogio"
laud-ā-s "tu elogias"
laud-a-t "ele/ela elogia"
laud-ā-mus "nós elogiamos"
lau-ā-tis "vós elogiais"
laud-a-nt "eles elogiam"

Exemplo 27: PRESENTE PASSIVO

laud-or "eu sou elogiado"
laud-ā-ris "tu és elogiado"
laud-a-tur "ele/ela é elogiado"
laud-ā-mur "nós somos elogiados"
lau-ā-minī "vós sois elogiados"
laud-a-ntur "eles são elogiados"

Nestes exemplos, é possível notar que existem muitos componentes comuns nas terminações nas duas vozes, e há um componente –r nas formas de AGR passivas, em adição aos expoentes de pessoa/número encontrados nas formas ativas. Segundo os autores, estes componentes comuns sugerem que, no caso das passivas, a Inserção consiste de um componente AGR em adição ao componente passivo –r, como mostra a estrutura em 23.

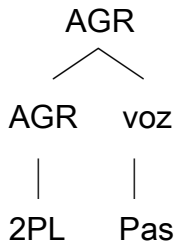
23. COMPONENTE AGR:



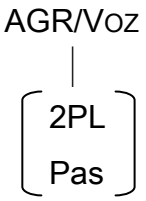
Este padrão, no qual as formas de AGR passivas estão relacionadas às formas de AGR ativas, apresenta uma exceção: na forma 2PL, não há relação entre a forma passiva –minī e a forma ativa –tis. Este fato pode ser compreendido em termos de uma regra de Fusão, que une os nódulos discretos AGR e Voz em um único nódulo possível para a Inserção Vocabular, como podemos visualizar as estruturas em 24.

24. FUSÃO:

a. INPUT



b. OUTPUT



A Inserção no único nódulo em 24.b. é realizada por um único Item Vocabular que se refere, ao mesmo tempo, aos traços de 2PL e [Pas]. Este Item bloqueia a Inserção dos Itens regulares para 2PL (com o expoente –tis) e para [Pas] (com o expoente –r). Dessa forma, o processo de Fusão é acionado quando dois morfemas abstratos, motivados morfossintaticamente, são realizados como um único nódulo sob condições específicas.

Uma questão importante é que a operação de Fusão não pode combinar um morfema abstrato e uma Raiz: essa operação só poderá ser identificada quando um único expoente se realiza na posição de dois outros expoentes esperados. Em outras palavras, Fusão realiza a aplicação de tipos específicos de Itens Vocabulares e, uma vez que as Raízes não estão sujeitas à Inserção Vocabular, não há possibilidade de se identificar uma fusão entre uma Raiz e um núcleo funcional.

2.3. FISSÃO

A operação de Fissão foi proposta, inicialmente, por Noyer (1992, 1997 *apud* HARLEY; NOYER, 1999) para dar conta de situações nas quais um único morfema pode corresponder a mais de um Item Vocabular. Em situações regulares, um único Item Vocabular pode ser inserido em um dado morfema, no entanto, quando a Fissão ocorre, a Inserção Vocabular não é finalizada até que um único Item Vocabular seja inserido. Ou seja, os Itens Vocabulares são aplicados ao irmão do morfema fissionado até que todos os Itens Vocabulares possíveis sejam inseridos, ou todos os traços de um morfema tenham sido descarregados[24]. Um traço é descarregado quando a Inserção de um dado Item Vocabular é condicionada por sua presença. Noyer (1997) argumenta que os traços que condicionam a Inserção de um dado Item Vocabular podem ser de dois tipos: traços expressos primariamente ou secundariamente. Somente traços expressos primariamente são descarregados pela Inserção do Item Vocabular.

Um exemplo desta distinção apresentado por Harley e Noyer (1999) se refere aos prefixos de conjugação em *Tamazight Berber*, nos quais o morfema de

[24] Tradução nossa para *discharded* (Cf. HARLEY; NOYER, 1999, p.18).

AGR pode figurar como um, dois ou três Itens Vocabulares separados, que podem ocorrer como prefixo ou sufixo, conforme apresentamos nos exemplos em 28.

Exemplo 28.

a. CONJUGAÇÃO DO VERBO DAWA ‘CURAR’ EM TAMAZIGHT BERBER:

	SINGULAR	PLURAL
3M	*i-dawa*	*dawa-n*
3F	*t-dawa*	*dawa-n-t*
2M	*t-dawa-d*	*t-dawa-m*
2F	*t-dawa-d*	*t-dawa-n-t*
1	*dawa-ɣ*	*n-dawa*

b. ITENS VOCABULARES

/n-/ ⟷ 1 PL
/-ɣ/ ⟷ 1
/t-/ ⟷ 2
/t-/ ⟷ 3 SG F
/-m/ ⟷ PL M (2)
/i-/ ⟷ SG M
/-d/ ⟷ SG (2)
/-n/ ⟷ PL
/-t/ ⟷ F

Em 28.b., os Itens Vocabulares, que apresentam traços indicados nos parênteses, somente poderão ser inseridos se o traço entre parênteses tiver sido descarregado. Por exemplo, -m pode ser inserido somente se t- ‘2’ for descarregado

primeiramente. Dessa forma, os parênteses são usados para denotar os traços que são expressos secundariamente por um Item Vocabular, enquanto os traços que não estão indicados entre parênteses são aqueles expressos primariamente. Desse modo, no morfema fissionado, os Itens Vocabulares não irão competir por uma única posição de expoente, ao contrário, uma posição adicional é automaticamente disponibilizada sempre que um Item Vocabular for inserido.

2.4. EMPOBRECIMENTO

Bonet (1991 *apud* EMBICK; HALLE, 2004) propôs que existem regras que apagam traços sob condições específicas e as denominou de regras de Empobrecimento (*Impoverisment rules*), para enfatizar o fato de que estas simplificam, i.e., empobrecem o complexo de traços. Por meio do apagamento de traços antes da Inserção Vocabular, estas regras de empobrecimento apresentam o efeito de estender o número de casos nos quais um Item menos especificado será inserido.

Halle e Marantz (1994) apresentam uma ilustração de Empobrecimento considerando dois Itens Vocabulares de uma categoria X em uma dada língua, como mostramos em 25.a a seguir. Estes Itens competem pela Inserção em um nódulo da categoria X, em 25.b., e a competição é ganha pelo Item A em virtude de este

apresentar um subconjunto de traços no nódulo de X maior do que o Item B. Em seguida, os autores sugerem que esta língua estaria sujeita a uma regra de empobrecimento, apresentada em 25.c., que apaga o traço F2 em um nódulo da categoria X, se este é seguido pela categoria Y. Os efeitos do Empobrecimento de 25.c. são apresentados em 25.d. Como o traço F2 foi apagado, o Item A não pode mais ser inserido em um nódulo de X que contém os traços F1, F2, F3, assim, o Item B mais geral e menos restrito será inserido para expressar o complexo de traços F1, F2, F3, sob X que é operativo na sintaxe.

25. EMPOBRECIMENTO

a. Categoria X

Item A: [F1, F2] $\leftrightarrow P_A$

Item B: [F1] $\leftrightarrow P_B$

b.

$$\begin{array}{c} X \\ | \\ [F1, F2, F3] \end{array}$$

c.

$$F2 \rightarrow \emptyset \Big/ \left(\begin{array}{cc} X & Y \\ | & \\ [\_\_] & \end{array} \right)$$

d.

$$\begin{array}{cc} X & Y \\ | & \\ [F1, \cancel{F2}, F3] & \end{array}$$

Halle e Marantz (1994) caracterizam estes aspectos, que resultam de Empobrecimento, como “retreat to the general case” (*Ibidem*, p. 278), no qual um Item mais especificado perde para um Item menos especificado. Assim, como é possível verificarmos em 25, o Item A mais especificado perde para o Item B menos especificado quando o traço F2 é apagado por Empobrecimento no nódulo X, localizado antes do nódulo Y.

Um exemplo familiar de Empobrecimento (Cf. HALLE; MARANTZ, 1994; BONET, 1995; EMBICK; HALLE, 2004) é encontrado no caso do “spurious se” em espanhol, na situação em que os clíticos dativo e acusativo co-ocorrem em uma mesma sentença simples. Quando o clítico dativo aparece isolado, ele se realiza como *le*(*s*), conforme podemos observar no exemplo 29.

Exemplo 29.

A	*Pedro,*	*le*	*dieron*	*el*	*premio*	*ayer*.
PREP	Pedro	3.DAT	dar-3PL	DET	prêmio	ADV

Por outro lado, quando o clítico dativo está acompanhado por um clítico acusativo, neste caso *lo*, a forma dativa se realiza como *se*, como vemos em 30.

Exemplo 30.

A	*Pedro,*	*el*	*premio*	*se*	*lo*	*dieron.*
PREP	Pedro	DET	prêmio	3.DAT	3.ACUS	dar-3PL

Casos deste tipo mostram o que Bonet (1995 *apud* EMBICK; HALLE, 2004) denomina de opacidade: a forma de um clítico que se realiza em conjunção com outros clíticos difere da forma que este apresenta isoladamente. Além disso, uma questão importante para a autora é a de que o aparecimento da forma *se* não é arbitrária, uma vez que este clítico é encontrado nos demais ambiente[25] em espanhol. Observemos o quadro de clíticos do espanhol apresentado na Tabela 09 a seguir.

Tabela 09: Clíticos do espanhol

	3ª Pessoa		2ª Pessoa	1ª Pessoa
	Masc.	Fem.	M/F	M/F
acus.sg.	l-o	l-a	t-e	m-e
acus.pl.	l-o-s	l-a-s	Ø-o-s	n-o-s
dat.sg.	l-e	l-e	t-e	m-e
dat.pl	l-e-s	l-e-s	Ø-o-s	n-o-s
refl. (sg/pl)	s-e	s-e	(como acima)	(como acima)

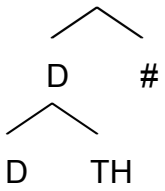
Fonte: Embick e Halle (2004).

A segmentação na Tabela 09 reflete a análise de Harris (1995 *apud* EMBICK; HALLE, 2004) de que os clíticos no espanhol, assim como os nomes,

[25] Tradução nossa para *elsewhere* (Cf. EMBICK; HALLE, 2004, p. 61)

apresentam uma vogal temática. Esta vogal se realiza na posição tema TH, um nódulo agregado aos nomes em PF de acordo com os requerimentos de boa formação específicos das línguas. Com adição do núcleo # para número, a estrutura dos clíticos na qual a Inserção Vocabular ocorre é apresentada em 26.

26. ESTRUTURA DOS CLÍTICOS EM ESPANHOL (Cf. EMBICK; HALLE, 2004, p. 61)



Para as consoantes encontradas no sistema de clíticos, que são os expoentes que figuram no núcleo D, Halle e Marantz (1994) propõem os seguintes Itens Vocabulares:

27. ITENS VOCABULARES:

1	↔	n/___# [pl]
2	↔	Ø/___# [pl]
1	↔	m
2	↔	t
Caso	↔	l
	↔	s

Um aspecto importante deste sistema, na perspectiva do fenômeno de *spurious se*, se relaciona ao fato do expoente s- ser inserido por qualquer outro Item Vocabular nos demais ambientes. Assim, a regra de empobrecimento que opera no ambiente de *spurious se* é apresentada em 28.

28. REGRA DE EMPOBRECIMENTO

[DATIVO] $\rightarrow$ Ø/___ [ACUSATIVO]

Esta regra apaga o traço [DATIVO] do clítico antes da Inserção Vocabular, desse modo, os Itens Vocabulares que se referem aos traços de Caso não podem ser inseridos no nódulo empobrecido. Quer dizer, o Item Vocabular que normalmente insere l- no nódulo que apresenta o traço [DATIVO] não pode ser aplicado e, como resultado, o Item Vocabular *default* insere s- neste nódulo.

Embick e Halle (2004) ressaltam que estas regras de Empobrecimento possibilitam o apagamento de traços, mas não permitem mudar ou introduzir novos traços. Nesse sentido, estas regras são uma maneira de se estabelecer certos sincretismos, por meio da eliminação de traços dos nódulos muito especificados, alimentando, assim, a aplicação de Itens Vocabulares menos especificados.

3. NOYER (1992)

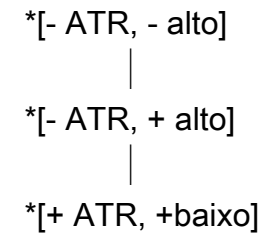
O modelo assumido por Noyer (1992) promove uma distinção entre morfologia derivacional e flexional: morfologia derivacional consiste em um conjunto de regras e princípios que operam sobre as raízes e sobre os afixos derivacionais na construção de átomos das estruturas sintáticas, denominados de X°s; por outro lado, a morfologia flexional é um conjunto de regras e princípios que suprem os X°s de conteúdo fonológico cuja realização é sensível a processos sintáticos, como *agreement* (relação sintática de indexação), *concord* (relação sintática de cópia), marcação de caso (realização morfológica de relações sintáticas), incorporação (movimento de X°). Estes processos são localizados no mapeamento para PF, no componente pós-sintático denominado *Morfologia*. Nesse sentido, Noyer (1992) afirma que o modelo assumido por ele se enquadra na vertente Lexicalista Fraca (MARANTZ,1991,1992; HALLE, 1989a, 1990, 1992 *apud* NOYER, 1992) na qual se entende que nem todos os processos de formação das palavras ocorrem antes da sintaxe.

3.1. FILTROS MORFOSSINTÁTICOS

Noyer (1992) aponta que cada língua deve possuir um conjunto de traços morfossintáticos, como pessoa, número e gênero (seja gramatical ou baseado em diferenças sexuais), da mesma maneira que cada língua deve escolher um conjunto de traços fonológicos universais na definição do alfabeto lexical de seus segmentos. Desse modo, o autor propõe uma teoria de filtros morfossintáticos baseada na proposta de Calabrese (1988,1992 *apud* NOYER, 1992) relativa à composição de um alfabeto fonológico.

A proposta de Calabrese (1988, 1992 *apud* NOYER, 1992) seria a de que a Gramática Universal estabelece listas de traços e complexos de traços, organizadas em hierarquias de acordo com suas complexidades. Assim, as hierarquias seriam restrições de co-ocorrência destas listas de traços, portanto, funcionariam como filtros. Por exemplo, Calabrese (1992 *apud* NOYER, 1992) mostra que nenhuma língua distingue [ATR] para vogais altas a menos que distinga este traço para as vogais médias, assim como, nenhuma língua diferencia [ATR] para vogais baixas a menos que o faça para as vogais não-baixas. Desse modo, o autor propõe a seguinte hierarquia apresentada em 29 a seguir.

29. HIERARQUIA DO TRAÇO [ATR] (Cf. CALABRESE, 1992, p. 14 *apud* NOYER, 1992)



Ao converter estas idéias para morfossintaxe, Noyer (1992) assume que existe um conjunto universal de traços morfossintáticos, ao menos para pessoa, número e traços de gênero. Deste conjunto universal de traços, alguns podem estar ativos e outros inativos nos diversos sistemas morfossintáticos. Com relação aos traços ativos, nem todos estarão subdivididos da mesma maneira nas línguas, gerando um efeito de lacunas nos sistemas flexionais. Estas lacunas podem ser compreendidas por meio dos filtros morfossintáticos. Noyer (1992) apresenta um exemplo dos prefixos presentes na conjugação do Imperfeito do Indicativo do Árabe, como mostramos no exemplo 31, a seguir, e em 30, apresentamos alguns fatos perceptíveis no paradigma abaixo.

Exemplo 31. PREFIXOS DO ÁRABE (IMPERFEITO DO INDICATIVO): k t b “escrever”

SINGULAR	DUAL	PLURAL	
y-aktub-u	*y-aktub-aani*	*y-aktub-uuna*	3M
t-aktub-u	*t-akttub-aani*	*y-aktub-na*	3F
t-aktub-u	*t-aktub-aani*	*t-aktub-uuna*	2M
t-aktub-iina	*	*t-aktub-na*	2F
ʔ-aktub-u	*	*n-aktub-u*	1

30. CARACTERÍSTICAS DO PARADIGMA APRESENTADO NO EXEMPLO 31:

a. Não há distinção de gênero na 1ª pessoa.
b. Não há número dual na 1ª pessoa.
c. Não há distinção de gênero na 2ª pessoa dual.
d. Não há 1ª pessoa inclusiva vs. exclusiva.
e. A 3ª F a 2ª M são as mesmas no singular e no dual.
f. Gênero: feminino e masculino, mas nunca neutro.

Noyer (1992) discute que algumas das características em 30 decorrem da seleção de traços ativos e outras da existência de filtros. Assim, em 30.f., o fato do Árabe não apresentar um gênero neutro explícito se relaciona à escolha de traços ativos que combinam lexicalmente para formar os núcleos de argumentos e de concordância na sintaxe. Por outro lado, o fato de gênero e do número dual não classificarem todas as categorias permite que as generalizações 30.a-d. sejam mais bem expressas como filtros:

31. FILTROS:

a.	*[1 F]	↔	Nenhuma 1ª pessoa feminina
b.	*[1 DUAL]	↔	Nenhuma 1ª pessoa dual
c.	*[2 DUAL F]	↔	Nenhuma 2ª pessoa dual feminina
d.	*[1 2]	↔	Nenhuma 1ª pessoa inclusiva

3.2. HIERARQUIA DE TRAÇOS

O filtro proposto em 31.a. denota que os traços [1] e [F] não podem ocorrer como partes de um mesmo nódulo, assim, como resultado, na realização morfológica da 1ª pessoa feminina em árabe, há o apagamento do traço [F] e não do traço [1], uma vez que esta não é homófona à 3ª pessoa feminina, como seria esperado caso o traço [1] fosse deletado. Este apagamento pode ser representado pela regra em 32.

32. REGRA DE APAGAMENTO:

$F \rightarrow Ø / 1$

No entanto, Noyer (1992) adverte que esta regra é muito poderosa para expressar este tipo de ambigüidade sistemática, já que facilmente poderia denotar a relação oposta, produzindo incorretamente uma 1ª pessoa feminina homófona à 3ª

pessoa feminina, o que não é verdade para o Árabe. Este reverso da regra 32 é apresentado em 33 abaixo.

33. REGRA REVERSA:

$1 \rightarrow \emptyset$ / F

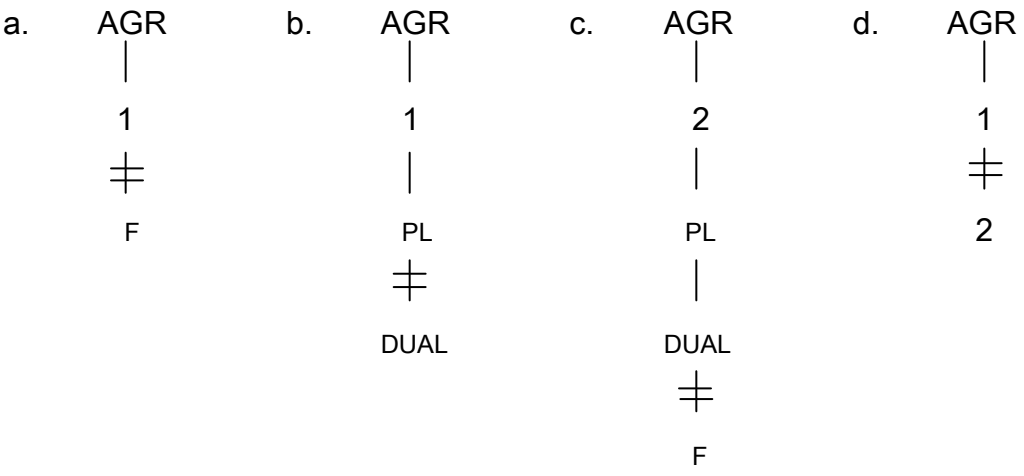
Ao invés de regras deste tipo, Noyer (1992) propõe que os traços que compõem um filtro não estão simplesmente ordenados, mas formam uma estrutura hierárquica. Assim, se 1 > F nesta hierarquia, por princípio, quando o filtro *[1F] é ativado na Morfologia, o traço [F], e não o traço [1], será apagado. Além disso, o autor assume que estas hierarquias podem ser representadas por diagramas arbóreos e os apagamentos de traços morfossintáticos são relacionado ao *Delinking* de representações autossegmentais, como proposto por Bonet (1991 *apud* NOYER, 1992):

34. APAGAMENTO DO TRAÇO [F]:

AGR
|
1
#
F

Dessa maneira, os filtros propostos em 31 são representados por geometrias de traços que indicam o traço a ser apagado por uma relação de dependência na árvore, como mostramos em 35.

35. ESTRUTURAS ARBÓREAS DOS FILTROS APRESENTADOS EM 31:



Tendo em vista estes filtros, Noyer (1992) propõe hierarquia de traços conforme mostramos em 36, e em 37, apresentamos a formalização proposta pelo autor para a hipótese da hierarquia de traços.

36. HIERARQUIA DE TRAÇOS:

1 > 2 > PL > DUAL > F

37. A HIPÓTESE DA HIERARQUIA DE TRAÇOS (*Ibidem*, p.94):

Existe uma hierarquia universal de traços morfossintáticos. Se F e G são traços morfossintáticos e F é mais alto que G na hierarquia, então:

a. Se *[αF,βG] está ativo na Morfologia, então [αF,βG] será empobrecido para [αF].

b. Se existem duas regras de *spell-out*, uma se refere a F e a outra a G, que separam ou sobrepõem descrições estruturais (SDs), a regra que se relaciona a F deverá ser aplicada primeiro.

3.3. TEORIA ACERCA DOS TRAÇOS DE PESSOA

Noyer (1992) aponta que qualquer teoria acerca dos traços de pessoa-número deve atentar para três objetivos: o primeiro é predizer quais são as possibilidades das categorias de pessoa-número na linguagem humana; o segundo é mostrar como as categorias de pessoa-número são representadas e interpretadas nos diferentes níveis da gramática; e o terceiro objetivo seria estabelecer uma avaliação métrica na qual certas categorias e inventários são entendidos como complexos, enquanto outros são considerados simples do ponto de vista da aquisição de linguagem.

Noyer (1992) pontua que a interpretação dos traços de pessoa deve reconhecer certos papéis discursivos como primitivos: os marcadores dêiticos e a localização do ato de fala com relação ao lugar, ao tempo e aos participantes. Assim, a primeira distinção, no caso dos traços de pessoa, seria entre participantes e não-participantes do ato de fala:

38. TRAÇOS DE PESSOA:

a. Participantes – falante ou ouvinte[26].
   Não-participantes – nem falante, nem ouvinte.

b. 1 = falante.
   2 = ouvinte.
   3 = nem falante, nem ouvinte.

Noyer (1992) mostra que os papéis discursivos em 38.b apresentam a possibilidade de formar sete subconjuntos, como mostramos em 39.

39. SUBCONJUNTOS POSSÍVEIS:

a. {1}
b. {2}
c. {3}
d. {1, 2}

[26] Tradução nossa para *speaker* e *hearer* (Cf. NOYER, 1992, p. 146)

e. {1, 3}
f. {2, 3}
g. {1, 2, 3}

No entanto, as línguas naturais não utilizam estas sete possibilidades de distinção, mas apresentam uma divisão máxima de quatro categorias de pessoa como apresentamos em 40.

40. CATEGORIAS DE PESSOA:

a. {1} ou {1, 3} – 1ª pessoa (exclusiva)
b. {1, 2} ou {1, 2, 3} – 1ª pessoa (inclusiva)
c. {2} ou {2, 3} – 2ª pessoa
d. {3} – 3ª pessoa

O autor aponta, ainda, que estas quatro categorias podem ser representadas usando-se parênteses para indicar o papel discursivo opcional em cada categoria.

41. CATEGORIAS DE PESSOA:

a. {1, (3)} – 1ª pessoa (exclusiva)
b. {1, 2, (3)} – 1ª pessoa (inclusiva)
c. {2, (3)} – 2ª pessoa
d. {3} – 3ª pessoa

Desta constatação, Noyer (1992) sugere duas generalizações:

42. GENERALIZAÇÕES:

a. GENERALIZAÇÃO I: nenhuma categoria de pessoa especialmente exclui {3}.

b. GENERALIZAÇÃO II: a menos que {3} seja o único papel permitido (= 3ª pessoa), {3} é opcional.

c. GENERALIZAÇÃO II (revisada): somente argumentos que excluem participantes podem requerer {3}.

Desse modo, a 3ª pessoa pode ser entendida de duas maneiras: esta pode ser definida como uma categoria que é especificamente não-participante (a não-pessoa, Cf. BENVENISTE, 1956; 1972 *apud* NOYER, 1992) ou como a categoria que requer {3}, quer dizer, a categoria [+3]. Assim, seguindo Farkas (1990), o autor assume que 3ª pessoa é definida como [-participante], excluindo os papéis {1, 2}, ou seja, a categoria [+3] por excelência.

3.4. HIERARQUIA DE PESSOA UNIVERSAL?

Nem todas as línguas do mundo apresentam as quatro distinções apresentadas em 31, por exemplo, a distinção inclusiva/exclusiva não é encontrada nas famílias lingüísticas Indo-Européias e Semíticas, assim, os argumentos de 1ª pessoa nestas línguas apresentam os papéis discursivos: {1, (2), (3)}. Além disso, como evidenciado por Zwicky (1977), é significante que nenhuma língua do mundo apresente o sincretismo funcional do tipo *{(1), 2, (3)} “syou”. Esta categoria “syou”, que é o sincretismo entre a 1ª inclusiva e a 2ª pessoa, exige ao menos um destinatário, e pode incluir outros, inclusive, o falante. “Syou” passa pela Generalização I porque não exclui {3} e passa pela Generalização II porque não requer {3}. Desse modo, para excluir esta categoria, Noyer (1992) estabelece uma terceira generalização:

43. GENERALIZAÇÕES:

GENERALIZAÇÃO III: o papel {1} não pode nunca ser opcional.

Zwicky (1977) sugere, ainda, que existe uma Hierarquia de Pessoa Universal (HPU), conforme apresentamos em 44.

44. HIERARQUIA DE PESSOA UNIVERSAL:

1 > 2 > 3

De maneira correlata, Noyer (1992) propõe que o papel {3} é opcional a menos que este seja o único papel requerido; o papel {2} somente é opcional se o papel {1} é obrigatório; e o papel {1} nunca é opcional. Assim, o autor estabelece uma quarta generalização:

45. GENERALIZAÇÕES:

GENERALIZAÇÃO IV: um papel pode ser opcional somente se outro papel mais alto na hierarquia é requerido.

Como havíamos apontado anteriormente, Noyer (1992) sugere que categorias morfossintáticas muito especificadas são empobrecidas na Morfologia por meio de filtros específicos das línguas. Retomando a Hipótese da Hierarquia de Traços, o autor assinala que os filtros devem ser combinados com as hierarquias de traços para se estabelecer qual traço será apagado. Assim, uma simples hierarquia é postulada:

46. HIERARQUIA DE PESSOA (Cf. NOYER, 1992, p. 154)

I > you

Desse modo, em virtude da hierarquia em 46, uma categoria como “syou” não permite empobrecimento, uma vez que esta categoria somente poderia ser derivada pelo apagamento de [± I], na presença de [+you], por meio do filtro *[αI, +you]. Este apagamento, então, não poderia ocorrer já que o mecanismo de apagamento obedece à hierarquia de traços.

3.5. E AS LÍNGUAS 2 >1?

Nevins e Sandalo (2010) discutem a realização da concordância de sujeito e objeto em Kadiwéu em uma única posição prefixal e mostram que esta língua exibe um efeito de “segunda pessoa sobre a primeira” na morfologia de concordância. Os autores argumentam que este fato poderia inicialmente desafiar a noção de uma hierarquia universal de pessoa. Entretanto, Nevins e Sandalo (2010) evidenciam que, considerando tanto os fatos internos do Kadiwéu quanto padrões similares de outras línguas (como, por exemplo, o Georgiano), a primeira pessoa é realmente especial. Desse modo, se a primeira pessoa desaparece na presença de uma segunda pessoa objeto, isto se deve a uma regra morfológica de apagamento: o traço de [+AUTOR], que é mais marcado, é apagado quando existem dois argumentos [+PARTICIPANTE].

Os autores defendem, ainda, a proposta de que é insuficiente uma explicação para este padrão 2 > 1 do Kadiwéu baseada na hierarquia, uma vez que as pessoas 1SG, 1PL e 2 não podem ser ranqueadas em uma hierarquia consistente nesta língua, já que 1SG > 2 > 1PL com objetos, mas 2 > 1SG = 1PL com sujeitos. Este comportamento diferencial da 1SG e da 1PL, além da interação entre sujeito vs. objeto, sugere uma complicada hierarquia de pessoa + número. Para os autores, a generalização mais simples para este caso pode ser encontrada nas propriedades dos próprios afixos. A decisão do vencedor em cada combinação é, parcialmente, efeito de uma interface entre a forma e os traços morfossintáticos dos afixos.

Assim, a análise proposta de Nevins e Sandalo (2010) para este padrão 2 > 1 se relaciona ao inventário de expoentes em Kadiwéu, associada à restrição de *Coherence* (Cf. TROMMER, 2008 *apud* NEVINS; SANDALO, 2010), que bane co-indexações distintas adjacentes nas formas de concordância, quer dizer, esta restrição elimina dois afixos de concordância adjacentes (dois afixos de pessoa, ou dois afixos de número) com índices de referência argumental i e j, em que i ≠ j. Esta restrição esclarece a interação entre o padrão de concordância da segunda pessoa e o padrão de concordância *portmanteau* (pessoa + número) encontrado na primeira pessoa plural.

IV. CONCORDÂNCIA EM AVÁ: ASPECTOS MORFOLÓGICOS

1. COMENTÁRIOS INTRODUTÓRIOS

A partir do quadro teórico da MD, é possível argumentarmos que a estrutura hierárquica gerada pela sintaxe é interpretada e modificada pela Morfologia, na medida em que esta atribui material fonológico aos morfemas abstratos por meio da Inserção Vocabular e opera regras morfológicas específicas da língua Avá. Neste Capítulo, iremos tratar das operações pós-sintáticas e dos mecanismos de realização da concordância implementados no componente pós-sintático. Tomando por base os dados apresentados no Capítulo II e as questões teóricas discutidas no Capítulo III, a proposta de análise que iremos aventar aqui tem por intuito esclarecer os seguintes questionamentos:

i. Quais são os condicionamentos morfossintáticos presentes na alomorfia entre os marcadores pessoais das Séries I e II? Com qual núcleo funcional estes marcadores estabelecem concordância?

ii. Qual o estatuto dos prefixos *portmanteau* da Série III? Com qual núcleo funcional estes prefixos estabelecem concordância? Como esta concordância é implementada pela Morfologia?

iii. Qual a função dos prefixos {r- ~ Ø-} e {h- ~ i-}? Com qual núcleo funcional estes prefixos estabelecem concordância?

A proposta teórica sugerida, neste Capítulo, terá como foco as sentenças transitivas, uma vez que estas apresentam, como discutimos anteriormente, reflexos morfológicos e sintáticos ocasionados pela hierarquia de pessoa operante em Avá.

Este capítulo está organizado da seguinte maneira: na Seção 2, apresentaremos um breve sumário das informações apontadas no Capítulo II, com relação aos aspectos morfológicos e sintáticos desencadeados pela hierarquia de pessoa presente na língua Avá. Na Seção 3, trataremos das operações pós-sintáticas de Abaixamento e Fusão, realizadas na Morfologia; e abordaremos os mecanismos de Inserção Vocabular referentes à implementação dos marcadores pessoais das Séries I e II. Na seção 4, examinaremos os aspectos sintáticos e morfológicos envolvidos na construção 1A, 2O, em Avá, enfocando o mapeamento desta estrutura para o componente morfológico, bem como as regras de

empobrecimento e a Inserção Vocabular dos marcadores da Série III. Finalmente, na seção 5, apontaremos as considerações finais, retomando as principais questões discutidas neste Capítulo.

2. HIERARQUIA DE PESSOA EM AVÁ: BREVE SUMÁRIO

No Capítulo II desta dissertação, mostramos que a hierarquia de pessoa afeta o sistema de concordância da língua Avá, assim, a seleção do argumento que será assinalado nos verbos transitivos está relacionada à pessoa que figura na posição de sujeito e de objeto.

Desse modo, o sujeito será marcado no verbo transitivo, por meio da Série I de prefixos, se este for de primeira ou segunda pessoa e o objeto de terceira pessoa (i.e. 1A ou 2A e 3O), ou se o sujeito e o objeto forem duas terceiras pessoas (i.e. 3A e 3O).

Por outro lado, o objeto é marcado no predicado verbal, por meio da Série II, se este for de primeira ou segunda pessoa e o sujeito for uma terceira pessoa (i.e. 1O ou 2O e 3A), ou quando o sujeito é de segunda pessoa e o objeto de primeira pessoa (i.e. 2A e 1O).

Finalmente, quando o sujeito é de primeira pessoa e o objeto de segunda (i.e. 1A e 2O), o sujeito e o objeto são marcados simultaneamente por meio da Série

III, de prefixos *portmanteau*. Este sistema de concordância é sintetizado na Tabela 10 abaixo.

Tabela 10: Codificação dos argumentos nucleares de verbos transitivos em Avá

A	O	Desdobramentos
3	1	Somente O é marcado (Série II/r-).
3	2	Somente O é marcado (Série II/r-).
2	1	Somente O é marcado (Série II/r-).
1	2	Prefixos *portemanteau* são usados (Série III/h-).
1	3	Somente A é marcado (Série I/h-).
2	3	Somente A é marcado (Série I/h-).
3	3	Somente A é marcado (Série I/h-).

Com relação aos marcadores de pessoa, mostramos que estes, além de exibirem uma alomorfia condicionada pela hierarquia de pessoa nos verbos transitivos, atuam em uma cisão na codificação do único argumento de verbos intransitivos, uma vez que a Série I assinala o sujeito intransitivo de verbos [+ATIVOS] e a Série II indica o sujeito intransitivo de verbos [-ATIVOS].

Sobre os prefixos relacionais, indicamos que estes figuram no núcleo do predicado verbal assinalando a relação gramatical que este estabelece com seu complemento, i.e., com o objeto. Os prefixos relacionais apresentam uma alomorfia condicionada tanto pelo segmento inicial da raiz verbal quanto pelo traço [αPARTICIPANTE] do objeto.

Acerca da ordem sintática, mostramos neste trabalho, que esta também está condicionada à hierarquia de pessoa operante em Avá. A partir de testes com

advérbios, evidenciamos que objetos de primeira ou segunda pessoa devem preceder o verbo, gerando a ordem OV; ao passo que, objetos de terceira pessoa permanecem na posição pós-verbal, na ordem VO. A hipótese que levantamos, a partir da proposta de Jelinek e Carnie (2003), seria a de que os objetos, quando pressupostos (i.e. 1O ou 2O), sofrem deslocamento sintático para uma posição mais alta na derivação sintática, externa ao complexo v-VP. Propusemos que esta posição é o especificador de uma projeção funcional AspP, responsável pela checagem de traços de pressuposição dos NPs que figuram na posição de argumento interno.

Desse modo, sugerimos que o sujeito na posição de argumento externo se move para Spec-TP para checar caso nominativo, licenciado pelo núcleo T. O objeto, por sua vez, na posição de argumento interno, checa seu caso acusativo, licenciado por V, e se move para Spec-AspP para gerar uma variável permitida no escopo nuclear, i.e., o vestígio do NP pressuposto que se moveu para fora de VP (Cf. JELINEK; CARNIE, 2003).

Este deslocamento de ambos os argumentos gera uma configuração na qual há duas posições, em um TP expandido, que desencadeiam concordância: Spec-TP e Spec-AspP. Existe, entretanto, uma única posição para a realização de concordância. Desse modo, a hipótese que aqui defendemos é a de que a Morfologia implementa as operações pós-sintáticas de Abaixamento (*Lowering*, cf. EMBICK; NOYER, 2001) e Fusão (*Fusion*, cf. HALLE; MARANTZ, 1993), que irá unir

os dois núcleos de concordância T e Asp em um único nódulo categorial [T,Asp]. Este nódulo fundido será o ambiente no qual serão implementadas as regras de Empobrecimento (*Impoverishment*, cf. BONET, 1991; HALLE; MARANTZ, 1993, 1994) e a Inserção Vocabular dos marcadores das Séries I, II e III. Estas operações serão discutidas detidamente na próxima seção.

3. OPERAÇÕES PÓS-SINTÁTICAS

Conforme apontamos, a hipótese que aventamos nesta dissertação, a partir da MD, é a de que a estrutura hierárquica gerada pelo componente sintático é interpretada e modificada pelo componente morfológico, na medida em que este executa operações pós-sintáticas e atribui traços fonológicos aos traços abstratos manipulados pela sintaxe, por meio da Inserção Vocabular.

Segundo Embick e Halle (2004), as operações pós-sintáticas não abandonam a premissa central da teoria de que a estrutura sintática e a estrutura morfológica são, no caso *default*, a mesma e estas regras aplicadas no componente morfológico são reajustamentos mínimos motivados por requerimentos particulares das línguas. Dessa forma, diferentemente da sintaxe que é um sistema gerativo, PF

é um componente interpretativo, cujas regras são desencadeadas por requerimentos específicos, que devem ser aprendidos pelos falantes das línguas particulares.

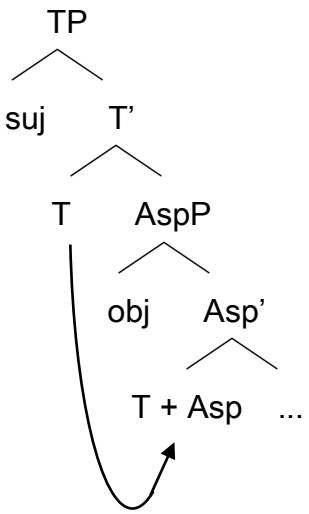
Com relação ao componente sintático, argumentamos que o deslocamento sintático sofrido pelo objeto para a posição de Spec-AspP e o movimento do sujeito para Spec-TP geram uma configuração na qual existem duas posições, em um TP expandido, que desencadeiam concordância: uma no núcleo T e outra no núcleo Asp. Contudo, existe na língua uma única posição prefixal, no núcleo do predicado verbal, para realização desta concordância, i.e., para implementação dos marcadores de pessoa das Séries I, II e III. Sendo assim, a hipótese que defendemos é a de que Morfologia executa operações pós-sintáticas com intuito de unir estes núcleos de concordância T e Asp, permitindo a realização da Inserção Vocabular. Estas operações são discutidas, em detalhe, na próxima subseção.

3.1. ABAIXAMENTO E FUSÃO

A primeira operação aplicada pela Morfologia é um tipo de Concatenação (*Merger*, cf. EMBICK; NOYER, 2001), que envolve adjunção de núcleo para núcleo e

ocorre antes da Inserção Vocabular, denominada de Abaixamento[27] (EMBICK; NOYER, 2001). Nesta operação, o núcleo T sofre movimento morfológico descendente até o núcleo Asp da projeção funcional AspP, como mostra a estrutura em 46.

47. ABAIXAMENTO DE T ATÉ ASP:



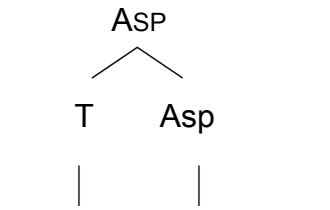
Como vemos em 47, o núcleo T desce da posição em que foi gerado em TP e se adjunge ao núcleo Asp na projeção AspP. Em seguida, estes núcleos, que se encontram adjacentes, serão submetidos a uma segunda operação: a Fusão

[27] A evidência para a proposta de Abaixamento se relaciona tanto ao caráter afixal dos marcadores de pessoa e quanto ao posicionamento do verbo em relação ao advérbio. Conforme discutimos no Capítulo II desta dissertação, mostramos a partir dos testes realizados que o verbo segue o advérbio. Isto indica que o verbo não se move para fora do vP. Desse modo, propomos que a realização da concordância se dá no componente pós-sintático.

(HALLE; MARANTZ, 1993). Esta operação fundirá estes dois nódulos terminais T e Asp, que são irmãos sob um único nódulo categorial, em um único nódulo terminal [T, Asp], como mostram as estruturas em 48.

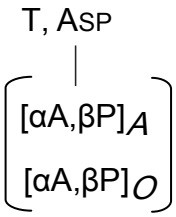
48. FUSÃO DE T E ASP EM ASP:

a. INPUT



[28]

b. OUTPUT



A evidência para a proposta de que a Morfologia implementa uma operação de fusão dos núcleos T e Asp se deve ao fato de que, embora haja um único nódulo para concordância, existe uma alomorfia entre as séries de concordância I e II, que são realizadas em uma única posição prefixal. Esta alomorfia reflete uma relação de concordância que o complexo v-VP estabelece com o especificador mais próximo: a série II é acionada no contexto em que há deslocamento do objeto 1O/2O para a posição de Spec-Asp; e a Série I é utilizada

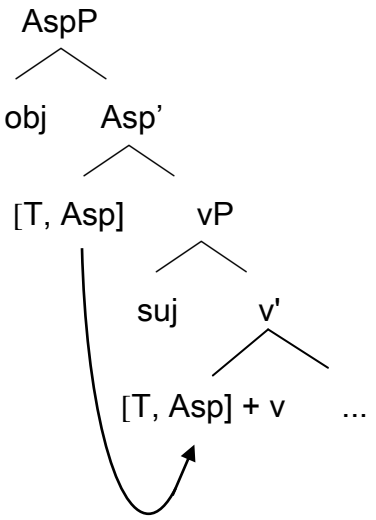
[28] Estes traços de pessoa presentes nos nódulos T e Asp serão discutidos na seção 3.2., deste Capítulo.

na situação em que somente o sujeito se move para Spec-TP, para checar caso nominativo.

Outra evidência, que corrobora a hipótese de que há na sintaxe duas posições que desencadeiam concordância e que o componente morfológico realiza a Fusão destas duas posições, se relaciona ao fato de existir na língua Avá prefixos *portmanteau*, de concordância simultânea com sujeito e objeto. A questão destes prefixos da Série III será discutida, em detalhe, na subseção 4.1.

Finalmente, o componente morfológico opera um último movimento morfológico descendente por Abaixamento, no qual o nódulo fundido [T, Asp] descerá até v, local no qual ocorrerá a Inserção Vocabular, como mostra a estrutura em 49.

49. ABAIXAMENTO DE [T, ASP] ATÉ V:



Nesta situação, representada pela estrutura em 48, não haverá a realização de Fusão entre os núcleos [T, Asp] e v, uma vez que existem duas posições prefixais independentes para realização de concordância: o núcleo fundido [T, Asp], no qual ocorre a Inserção dos marcadores de pessoa das Séries I, II e III; e o núcleo v, no qual são implementados os prefixos relacionais, como mostram os exemplos a seguir.

Exemplo 32.

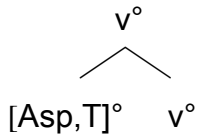
a. a-h-echa “eu vejo”

b. che-r-echa “me vê”

c. ro-h-echa “te vejo”

Como é possível verificarmos nos exemplos em 32, os núcleos [T, Asp] e v são irmãos sob o nódulo categorial v, i.e., permanecem adjacentes sem, entretanto, se unirem em um único nódulo, uma vez que dois Itens Vocabulares distintos são acionados inserindo dois expoentes fonológicos diferentes. Este núcleo complexo em v, como vemos na estrutura em 50, será o domínio local para a realização da Inserção Vocabular e das regras de Empobrecimento.

50. NÚCLEO V



Com relação ao núcleo V lexical, a hipótese que assumimos é a de que este sobe até o núcleo v (leve) ainda na sintaxe, formando o complexo [v° +V°]. Tendo em vista o posicionamento pré-verbal do advérbio, conforme averiguamos nos testes realizados, é possível argumentarmos que o verbo não se move para fora do vP.

3.2. INSERÇÃO VOCABULAR E OS ITENS VOCABULARES EM [T, ASP]

Um pressuposto importante para a MD é o de que, em uma derivação sintática, os núcleos funcionais não apresentam informação fonético-fonológica, assim, (Cf. EMBICK; HALLE, 2004) uma das funções da Morfologia é fornecer traços fonológicos aos morfemas abstratos manipulados pela sintaxe. Este mecanismo de suprimento é denominado de Inserção Vocabular.

Nesta seção, iremos retomar, brevemente, os movimentos argumentais e os mecanismos de concordância ocorridos na sintaxe e discutiremos o processo de realização desta concordância implementado pelo componente morfológico, por meio

da Inserção Vocabular. Trataremos, aqui, especificamente, da realização dos marcadores de pessoa das Séries I e II. A realização da Série III, de prefixos *portmanteau*, será discutida na subseção 4.1 deste Capítulo.

Conforme apresentamos, existe uma alomorfia entre os marcadores das Séries I e II condicionada pela pessoa que figura na posição de sujeito e de objeto. Tendo em vista o quadro da MD, propomos que estes marcadores de pessoa são parte do inventário de expoentes fonológicos inseridos no nódulo fundido [T, Asp] de concordância em v e os morfemas abstratos presentes neste nódulo de concordância são compostos por complexos de traços de pessoa (HALLE, 1997), conforme mostramos em 51.

51. TRAÇOS DE PESSOA (HALLE, 1997):

a. [+AUTOR, +PARTICIPANTE][29] = {1}
b. [- AUTOR, +PARTICIPANTE] = {2}
c. [- AUTOR, - PARTICIPANTE] = {3}

Halle (1997) mostra que, dados os traços que compõem o paradigma em 51, seria esperada a existência de uma quarta pessoa [+AUTOR, - PARTICIPANTE]. O autor pontua que, de fato, esta pessoa pode ser encontrada em algumas línguas como o Walbiri (HALE, 1973 *apud* HALLE, 1997), nas quais a quarta pessoa

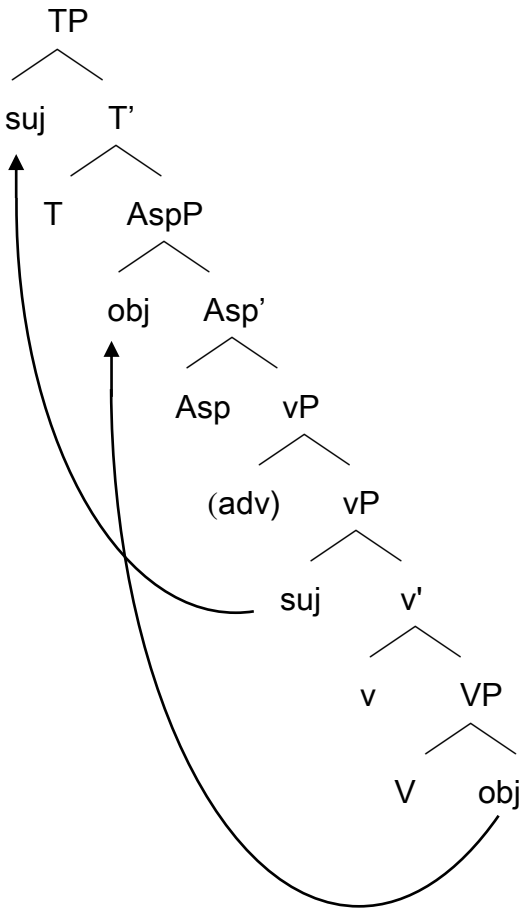
[29] Doravante: [αA, αP].

apresenta o referente “eu e alguém mais, mas não você”. Esta quarta pessoa se difere das outras pessoas por não apresentar a forma singular, uma vez que, segundo Halle (1997), esta composição [+AUTOR, - PARTICIPANTE] não poderia ser realizada por uma única pessoa. Também em Avá, esta quarta pessoa pode ser encontrada na primeira pessoa plural exclusiva {ore}, e será fundamental para discutirmos o estatuto dos prefixos *portmanteau*, na subseção 4.1.

Tendo em vista a operação de Fusão ocorrida, somente um Item Vocabular pode ser inserido (Cf. HALLE; MARANTZ, 1993) e este deve apresentar um subconjunto de traços morfossintáticos do nódulo fundido, incluindo os traços de ambos os nódulos presentes no *input*.

A hipótese que defendemos aqui é a de que o argumento posicionado no especificador mais próximo ao complexo v-VP será responsável pelo controle da concordância. Desse modo, se o objeto é de primeira ou segunda pessoa, este sofrerá deslocamento sintático para uma posição externa a VP. Conforme assumimos, esta posição é o especificador de uma projeção AspP, em um domínio imediatamente acima do complexo v-VP, como mostra a estrutura em 52.

52. DESLOCAMENTO DOS ARGUMENTOS:



Na estrutura sintática em 52, percebemos que o objeto, quando pressuposto, i.e., 1O/2O, se move para Spec-AspP. Neste contexto, então, o objeto será responsável pelo controle da concordância no núcleo do predicado verbal, já que este argumento está posicionado no especificador mais próximo ao complexo v-VP.

A proposta que aventamos é a de que o núcleo de concordância fundido [T, Asp] apresentará, nesta situação, depois de ocorridas as operações pós-sintáticas, um complexo de traços de pessoa [αA, βP], referente ao objeto. No momento em que o componente morfológico realiza a Inserção Vocabular, os expoentes fonológicos da Série II serão inseridos neste núcleo de concordância [T, Asp] em v, uma vez que estes expoentes da Série II são marcas de concordância com o objeto, ou seja, apresentam um conjunto de traços morfossintáticos relevantes para este contexto de Inserção. Apresentamos, a seguir, os Itens Vocabulares que inserem expoentes neste contexto.

53. ITENS VOCABULARES EM [T, ASP] REFERENTES AO OBJETO:

a. /che-/↔ [+A, +P]$_O$

b. /ne-/↔ [-A, +P]$_O$

c. /i-/↔ [±PL] /__ [-A, -P]$_O$

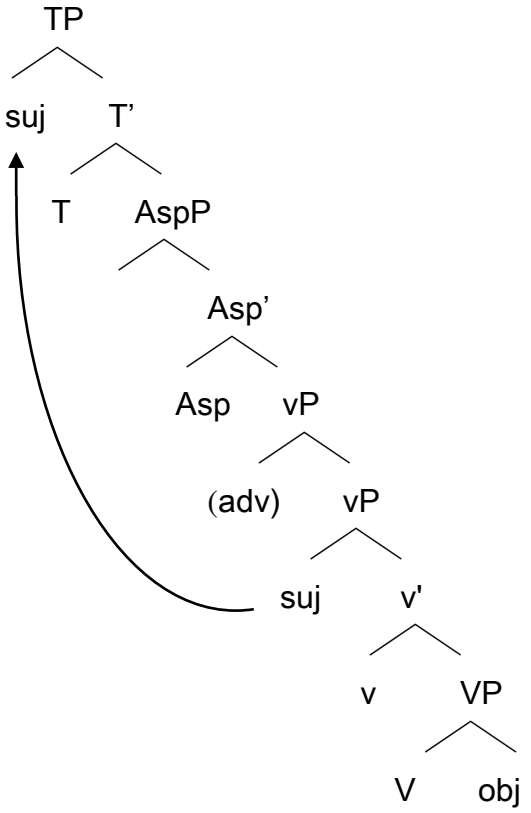
d. /ñane-/↔ [+PL] /__ [+A, +P]$_O$

e. /ore-/↔ [+PL] /__ [+A, -P]$_O$

f. /pene-/↔ [+PL] /__ [-A, +P]$_O$

Por outro lado, se o objeto é não-pressuposto, i.e., 3O, este permanecerá *in situ*, interno ao VP, como vemos em 54.

54. OBJETO *IN SITU*:



Na estrutura sintática em 54, existe uma única posição em TP ativa para concordância. Desse modo, o sujeito posicionado em Spec-TP será responsável pelo controle da concordância no núcleo V. De maneira análoga à análise sugerida acima, neste contexto, propomos que o núcleo de concordância [T, Asp], resultante das operações pós-sintáticas, apresentará, no componente morfológico, um complexo de traços de pessoa [αA, βP], referente ao sujeito.

Nesta situação, a Morfologia realizará a Inserção Vocabular, no núcleo fundido [T, Asp], dos expoentes fonológicos da Série I, que são marcas de concordância com o sujeito. Os Itens Vocabulares que inserem expoentes neste contexto são apresentados em 55.

55. ITENS VOCABULARES EM [T, ASP] REFERENTES AO SUJEITO:

a. /a-/↔ [+A, +P]$_A$

b. /re-/↔ [-A, +P]$_A$

c. /o-/↔ [±PL] /__ [-A, -P]$_A$

d. /ja-/↔ [+PL] /__ [+A, +P]$_A$

e. /ro-/↔ [+PL] /__ [+A, -P]$_A$

f. /pe-/↔ [-A, +P]$_A$

Em suma, a Morfologia modifica o *output* da sintaxe, por meio das operações de Abaixamento e de Fusão, e atribui conteúdo fonológico aos traços abstratos manipulados pelas operações ocorridas na sintaxe. Esta codificação realizada pela Morfologia explica a alomorfia existente entre as séries de concordância, uma vez que a Inserção de expoentes das Séries I e II está condicionada ao feixe de traços presente no nódulo fundido de concordância [T, Asp] em v.

Desse modo, os marcadores da Série I serão inseridos quando o complexo de traços de pessoa em [T, Asp] se refere ao sujeito, no contexto em que há somente uma posição, em TP, ativa para concordância. Por outro lado, os marcadores da Série II serão inseridos em [T, Asp], quando os traços de pessoa presentes neste núcleo se referem ao objeto. Esta situação é decorrente do movimento do objeto para Spec-AspP. De acordo com o que argumentamos, esta posição controla a concordância no núcleo do predicado verbal, em virtude de ser o especificador mais próximo ao complexo v-VP.

3.3. INSERÇÃO VOCABULAR EM v

Conforme apresentamos, existem outros prefixos denominados relacionais {r- ~ Ø-} e {h- ~ i-} (GREGÓRES; SUÁREZ, 1967; MONSERRAT, 1976; RODRIGUES, 1984/85; SEKI, 1990, 2000), que figuram no núcleo do predicado assinalando uma relação de concordância que este estabelece com o seu complemento. Propomos, neste trabalho, que estes prefixos são expoentes fonológicos inseridos em v e o morfema abstrato presente neste nódulo é composto pelos traços [αPARTICIPANTE]. Em outras palavras, os prefixos relacionais são o *spell out* do núcleo v, resultantes de uma relação de concordância que o núcleo V lexical

estabelece com o argumento interno. Este argumento pode apresentar valores positivos ou negativos para o traço [PARTICIPANTE].

Tomando por base os traços binários de pessoa, propostos por Halle (1997), podemos assinalar que os argumentos internos que apresentam os traços [+A, +P] ou [-A, +P] desencadeiam o uso dos prefixos {r- ~ Ø-}. Por outro lado, argumentos internos compostos pelos traços [-A, -P], desencadeiam a implementação dos prefixos {h- ~ i-}. Esta alomorfia existente entre os prefixos relacionais, sumarizada na Tabela 08, é retomada a seguir na Tabela 11.

Tabela 11: Prefixos Relacionais

	[+P]	[-P]
Raiz iniciada por Consoante	Ø-	i-
Raiz iniciada por Vogal	r-	h-

Apresentamos, a seguir, os Itens Vocabulares que inserem expoentes no núcleo v.

56. ITENS VOCABULARES EM V:

a. /r-/ ↔ [αA, +P]$_O$ /__ $\{\sqrt{V}\}$

b. /Ø-/ ↔ [αA, +P]$_O$ /__ $\{\sqrt{C}\}$

c. /h-/ ↔ [αA, -P]$_O$ /__ $\{\sqrt{V}\}$

d. /i-/ ↔ [αA, -P]$_O$ /__ $\{\sqrt{C}\}$

Nos Itens Vocabulares em 56, é possível verificarmos que o traço [PARTICIPANTE] é determinante na seleção dos Itens a serem inseridos. Além disso, a realização de traços fonológicos aos traços abstratos de [αA, βP]$_O$, do núcleo de concordância em v, atenta para uma condição adicional de Inserção que é a identidade da Raiz. Ou seja, como os traços de pessoa estão no mesmo constituinte da Raiz quando a Inserção Vocabular ocorre, o segmento inicial dessa Raiz, se vogal ou consoante, imprime uma condição contextual à escolha do expoente para o nódulo de [αA, βP]$_O$.

Nesta dissertação, não assumiremos que estes prefixos relacionais podem ser entendidos como marcadores inversos, nos termos propostos por Payne (1994b), em virtude do variado número de contextos morfossintáticos (construções genitivas, sentenças intransitivas inativas e sintagmas posposicionais) em que estes prefixos ocorrem como foi sinalizado por Martins (2003) e por Velázquez-Castillo (2008). Estes contextos não estão em foco neste trabalho e por isso mesmo, não foram investigados com rigor necessário.

Argumentamos que existe, em Avá, uma evidência sintática da chamada inversão da hierarquia de pessoa que é o deslocamento do objeto para uma posição externa a vP, como evidenciamos nos testes com advérbios, apresentados no Capítulo II. Desse modo, nesta proposta, os prefixos relacionais serão tratados como marcas de concordância em v com o argumento interno [αPARTICIPANTE].

4. 1A, 2O EM AVÁ: ASPECTOS SINTÁTICOS E MORFOLÓGICOS

No Capítulo II desta dissertação, mostramos que a construção 1A, 2O, em Avá, apresenta características particulares que a diferenciam das demais combinações de pessoa dos argumentos nucleares, nos verbos transitivos. Estas características são: (i) a ordem sintática (o objeto pode figurar tanto pré como pós-verbal); (ii) as marcas –vy e –me obrigatórias no objeto singular e plural, respectivamente; (iii) a Série III de concordância, que é específica para este contexto de 1A e 2OSG/PL; e (iv) o prefixo relacional acionado é o {h-}, embora o objeto seja [+PARTICIPANTE].

Estas características sintáticas e morfológicas se assemelham a certos fenômenos sintáticos comumente encontrados em línguas ergativas, como antipassivas, antipassiva espúria, foco de objeto e foco de sujeito. Esta semelhança se deve, principalmente, a dois aspectos: (i) a influência da categoria de pessoa dos argumentos nucleares sobre estes fenômenos sintáticos; e (ii) o aparecimento de concordância espúria[30] no núcleo do predicado verbal.

---

[30] Em determinados fenômenos sintáticos, como antipassiva espúria, foco de sujeito e foco de objeto, é recorrente o aparecimento de concordância excêntrica no núcleo do predicado verbal como, por exemplo, concordância intransitiva em construções transitivas; e/ou concordância intransitiva controlada pelo sujeito ergativo. Sobre concordância espúria veja Hale e Storto (1997); Storto (1999); Hale (2002); Bobaljik e Branigan (2006).

Abordaremos, a seguir, três trabalhos trazem conceitos fundamentais para a análise que proporemos acerca da construção 1A, 2O em Avá: Storto (1999), sobre concordância excêntrica nas construções de foco de objeto em Karitiana; Nevins e Sandalo (2010), sobre a obrigatória antipassivização com argumento ALVO {1} em Kadiwéu; e Bobaljik e Braningan (2006), sobre o fenômeno da antipassiva espúria em Chukchi.

Storto (1999) aponta que em Karitiana (Família Arikém) existe uma construção que envolve movimento do objeto para a posição inicial da sentença, tanto na matriz como em sentenças subordinadas não-declarativas. Esta construção é marcada pela presença do prefixo {ti-} e ocorre em três ambientes sintáticos: (i) quando o objeto é focado; (ii) em sentenças relativas nas quais o núcleo é o objeto; (iii) quando existe movimento-wh do objeto.

Uma questão interessante relacionada ao foco de objeto em Karitiana é o surgimento de um padrão excêntrico de concordância, no qual o verbo concorda com o sujeito ergativo, ao contrário do que seria esperado, uma vez que estas sentenças são transitivas, como mostram os exemplos a seguir.

Exemplo 33.

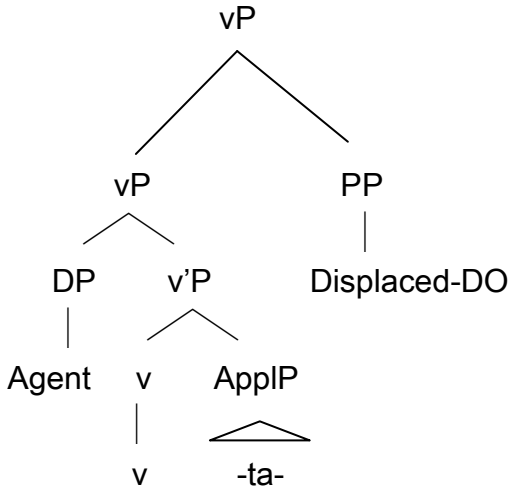
a.	*'Ep*	*aj-ti-pasagngã-t*	*ajxa*
	trees	2pl-OFC-count-nfut	2pl
	"Trees, you-pl are counting".		

b. *'Ep* *i-ti-pasagngã-t* *João*
trees 3-OFC-count-nfut João
"Trees, João is counting".

Storto (1999) assinala que este padrão de concordância é realmente excêntrico em virtude de serem transitivas estas sentenças, quer dizer, se estas sentenças fossem intransitivas, com o objeto oblíquo não marcado (i.e. antipassivas), a concordância com o sujeito não seria excepcional. Contudo, em Karitiana, os objetos oblíquos são tipicamente marcados pelo sufixo {-ty}, além disso, o objeto, nas construções com foco, não pode ser omitido, o que indica que estas construções são realmente transitivas.

Nevins e Sandalo (2010) mostram que em Kadiwéu ocorre uma antipassivização obrigatória do objeto direto quando o argumento ALVO é uma primeira pessoa. Antipassiva é uma estrutura em que ocorre, conforme os autores, *a lateral 'demotion' of the Direct Object into a vP adjoined PP* (*Ibidem*, p. 19), como mostra a estrutura abaixo.

57. ESTRUTURA ANTIPASSIVA EM KADIWÉU (*Ibidem*, p. 20)



Os autores apontam que a antipassivização em Kadiwéu apresenta uma variedade de usos como, por exemplo, indicar ações não realizadas, conotando uma leitura *irrealis* do evento. Um destaque é o uso puramente formal da antipassiva, não apresentando, portanto, conseqüências interpretativas: a obrigatória antipassivização do objeto direto quando o objeto indireto é {1}, como mostram os exemplos abaixo.

Exemplo 34.

a. **iqeen- i- ta- i- wa*
introduce- Pl- Appl- 1Obj- Inv2
"He introduces them to me". (*Ibidem*, p. 21)

b. *n- iqeen- i- ta- i- wa*
AP- introduce- Pl- Appl- 1Obj- Inv2
"He introduces them to me". (*Ibidem*, p. 21)

Sumarizando, o argumento ALVO {1} engatilha antipassivização do argumento TEMA em Kadiwéu. Os autores capturam esta restrição da seguinte maneira:

58. RESTRIÇÃO:
$*[1_{IO}\ X_{DO}]_{ApplP}$

A restrição em 12 é uma evidência, conforme Nevins e Sandalo (2010), de que a primeira pessoa é marcada em Kadiwéu, por isso não pode figurar em um mesmo ambiente com outros DPs. Este filtro se relaciona, ainda, segundo os autores, aos efeitos de Pessoa-Caso que, sintaticamente, banem certas combinações de argumentos no mesmo domínio de ApplP (Cf. NEVINS, 2007).

Bobaljik e Braningan (2006) discutem fatos semelhantes a estes do Kadiwéu em Chukchi (Chukotko-Kamchatkan), língua ergativa falada no norte da Rússia. Os autores mostram que esta língua apresenta dois tipos de voz antipassiva: uma canônica e outra espúria. Na antipassiva (canônica), o objeto direto é expresso como oblíquo. Isto significa que esta construção é formalmente intransitiva, tanto em

marcação de caso quanto nas propriedades de concordância, como mostram os exemplos em 35.

Exemplo 35.

a. ʔaaček-a kimitʔ-ən ne-nɬʔetet-ən
youth-ERG load-ABS 3PL.SUB-carry-3SG.OBJ
‘(The) young men carried away the load’ (*Ibidem*, p.4)

b. ʔaaček-ət ne-nɬʔetet-ɣʔet kimitʔ-e
youth-PL(ABS) 3PL.SUB-carry-3SG.OBJ load-INSTR
‘(The) young men carried away the load’ (*Ibidem*, p.4)

Entretanto, existem determinadas combinações de pessoa-número, nas quais o objeto é mais alto que o sujeito na hierarquia, que não são expressas da maneira esperada. Nestas combinações (*3SG > 1SG; *2 > 1), a morfologia antipassiva é usada no verbo, embora a sentença permaneça transitiva, i.e., o sistema de marcação de caso ergativo-absolutivo é mantido. Esta construção é rotulada por Hale (2002 *apud* BOBALJIK; BRANIGAN, 2006) como antipassiva espúria (doravante SPA), em virtude da morfologia antipassiva, ainda que obrigatória, não apresentar efeitos na sintaxe ou na semântica destas construções, como é possível verificarmos no exemplo a seguir.

Exemplo 36.

a. ə-nan ɣəm Ø-ine-ɬʔu-ɣʔi
he-ERG I (ABS) 3SG.SUB-AP-see-3SG.SUBJ
'He saw me.' (*Ibidem*, p.6)

A análise de Bobaljik e Braningan (2006)[31] para as construções de SPA, em Chukchi, parte da premissa de que o núcleo v nesta língua não é capaz de checar/licenciar caso absolutivo ao argumento interno. Assim, sujeito e objeto se movem para o domínio de T para checarem seus traços de caso. Os autores argumentam, dessa maneira, que um único núcleo pode checar caso estrutural[32] de dois argumentos, se for necessário por convergência.

---

[31] Os autores assumem nesta proposta que a morfologia é pós-sintática nos termos propostos pela Morfologia Distribuída (Halle; Marantz, 1993).

[32] Os autores apresentam evidências de que, nesta língua, o caso ergativo é estrutural (e não inerente), checado pelo núcleo T, como mostram as seguintes afirmações:

> For Chukchi, at least, arguments in favour of treating the ergative as a structural case come from the fact that the ergative argument is an intimate part of the agreement system, and from evidence that the ergative is not tied to thematic roles or lexical properties of verb roots (contrast Quirky Case in Icelandic). Case in Chukchi is controlled by transitivity, not by theta-roles, and the external argument is a full participant in the system of case alternations in verbal diathesis in the language (see especially, Nedjalkov, 1976). Thus, agents in Chukchi (unlike Basque and Hindi) are obligatorily absolutive (not ergative) when there is no object requiring structural case. This can be seen in unergatives (Polinsky, 1990), antipassives, unspecified object verbs such as eat, and noun-incorporation structures.

Na sentença antipassiva, que é uma intransitiva derivada, existe somente uma instância de checagem de caso em T, desse modo, o objeto não deixa o domínio de v-VP. Na SPA, entretanto, que é uma transitiva normal, o objeto se move para T para receber caso. Como os autores pontuaram, a SAP é obrigatória em determinadas construções inversas, nas quais o objeto é mais alto que o sujeito na hierarquia de pessoa-número. Assim, quando estes dois argumentos estão em uma relação de checagem com o mesmo núcleo funcional, ocorrerá, no mapeamento para o componente morfológico, o apagamento de traços de um dos argumentos, especificamente, do argumento mais baixo, i.e., do objeto.

Este apagamento dos traços do objeto em T, na Morfologia, prevê a ativação dos traços do objeto na cópia que figura em uma posição mais baixa na cadeia[33]. Isto possibilita que o vP seja interpretado como antipassivo, quer dizer, com o objeto interno ao complexo v-VP. Assim sendo, a morfologia antipassiva espúria é implementada neste contexto transitivo.

> Additionally, non-agent subjects such as (instruments, experiencers, causers, etc.) productively alternate in case, being marked ergative when they end up as the subject of a transitive clause. (*Ibidem*, p. 13)

[33] Bobaljik e Braningan (2006, p.8) apontam que:

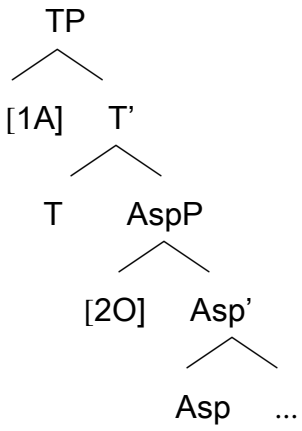
> Now, recent work in the syntax of chains has shown that the automatic consequence of the deletion of a higher copy in a chain is the exceptional activation of a lower copy. This results, for example, in arguments appearing to be pronounced in unexpectedly low positions, in response to morpho-phonological conditions on the high position.

Conforme mostramos, em Avá, as construções 1A, 2O apresentam aspectos particulares que as diferenciam das demais construções nas quais um argumento de terceira pessoa (i.e. 3A/O) está envolvido. A hipótese que iremos aqui sugerir compreende estes aspectos como resultantes de uma interação entre a categoria de pessoa dos argumentos nucleares e os fenômenos gerativos e interpretativos dos componentes sintático e morfológico, respectivamente.

Tendo em vista os trabalhos supracitados, defendemos a proposta de que na construção 1A, 2O, em Avá, existe uma restrição[34] de pessoa que bane a ocorrência do argumento interno 2O no mesmo domínio de concordância (TP expandido) do argumento externo 1A, como mostra a estrutura a seguir.

[34] Existem diversos trabalhos, dentro da teoria sintática, que abordam as restrições de Pessoa-Caso (*Person-Case Constraints - PCC*), como os de Bonet (1991, 1995); Anagnostopoulou (2003, 2005); Adger; Harbour (2006); Nevins (2007); entre outros. Estas restrições banem sintaticamente determinadas combinações de argumentos em um mesmo domínio de checagem; por exemplo, em Catalão e no Grego Moderno (Cf. BONET, 1991; NEVINS, 2007) não são permitidos dois argumentos [+1]/[+2] nos verbos ditransitivos.

59. ESTRUTURA DA CONSTRUÇÃO 1A, 2O:



Esta restrição pode ser capturada da seguinte maneira:

60. RESTRIÇÃO:

$*[1_A\ 2_O]_{TP}$

Partindo da proposta de Bobaljik e Braningan (2006), propomos que esta estrutura, gerada pela sintaxe, ao ser mapeada para o componente morfológico será submetida às regras de Empobrecimento (BONET, 1991; HALLE; MARANTZ, 1993, 1994), que irão apagar parte dos traços-φ do argumento mais baixo, i.e., do objeto.

Bobaljik e Branigan (2006) notam que a operação de apagamento se aplica somente aos traços de concordância e não ao real objeto (DP/pronome), o qual participa normalmente da sintaxe, inclusive na marcação de caso. Desse modo,

sugerimos a hipótese de que, em Avá, o objeto 2O checa seu caso acusativo, licenciado pelo núcleo V, e se move para Spec-AspP para checar traços de pressuposição. Nesta posição, este argumento torna-se ativo para concordância. Entretanto, em virtude da presença do sujeito 1A na posição de Spec-TP e da restrição *$[1_A\ 2_O]_{TP}$, o objeto terá seus traços de pessoa apagados no nódulo de concordância, no mapeamento para o componente morfológico, por meio de uma regra de empobrecimento específica da língua Avá.

Com relação à ordem sintática e a possibilidade de realização do objeto tanto pré como pós-verbal, apontamos, por hora, descritivamente, que ambas as posições, em uma cadeia de cópia, podem realizar-se em Avá, contudo, em distribuição complementar. As possibilidades de PF *outputs* são sumarizadas a seguir.

61. PF *OUTPUTS*:

	S	V	
a.	che	ro-h-echa	
	S	O	V
b.	che	ndevy	ro-h-echa
	S	V	O
c.	che	ro-h-echa	ndevy

	S	V	
d.	che	po-h-echa	
	S	V	OPL
e.	che	po-h-echa	peẽme
	S	OPL	V
f.	che	peẽme	po-h-echa

Como notamos em 61, existem duas questões relevantes associadas à ordem sintática destas construções: (i) o objeto não precisa necessariamente ser realizado; (ii) se o objeto se realiza, este deve vir acompanhado, obrigatoriamente, das marcas –vy (objeto singular) e –me (objeto plural)[35]. Estas questões, entretanto, deverão ser melhor investigadas em trabalhos futuros.

Em suma, existe uma notável influência da categoria de pessoa sobre este fenômeno sintático. Esta influência nos permite estabelecer um paralelo entre a construção 1A, 2O, em Avá, e determinados fenômenos sintáticos, comumente encontrados em línguas ergativas, como antipassivas (NEVINS; SANDALO, 2010) e antipassiva espúria (HALE, 2002; BOBALJIK; BRANIGAN; 2006), entre outros.

[35] Em Guarani Paraguaio, a marca -ve (ndéve), que corresponde a este elemento –vy, é tratada como posposição “a ti” (GUASCH; MELIÀ, 2005). Rodrigues (1990) interpreta as marcas –βe (eneβe) e –me (peʔẽme), em Tupinambá, como marcas de caso dativo.

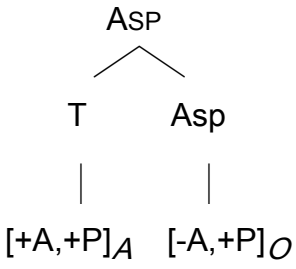
Tomando por base estas considerações, propusemos que na construção 1A, 2O, em Avá, existe uma restrição de pessoa que bane a ocorrência do argumento interno 2O, i.e., outro argumento [PARTICIPANTE], no mesmo domínio de concordância (TP expandido) do argumento externo 1A.

Desse modo, sugerimos a hipótese de que o objeto 2O checa seu caso acusativo, licenciado pelo núcleo V, e se move para Spec-AspP para checar traços de pressuposição. Nesta posição, este argumento torna-se ativo para concordância. Entretanto, em virtude da presença do sujeito 1A na posição de Spec-TP e da restrição *$[1_A\ 2_O]_{TP}$, o objeto terá parte de seus traços-φ apagados (Cf. BOBALJIK; BRANIGAN, 2006), no mapeamento para o componente morfológico.

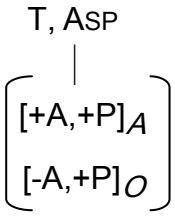
Isto significa que, nesta situação, existem duas posições em TP ativas para concordância: Spec-TP e Spec-AspP. Assim sendo, na morfologia, em virtude da operação de fusão, o núcleo fundido de concordância [T,Asp] será composto por feixes de traços de ambos os argumentos, como mostram as estruturas em 62.

62. FUSÃO DE T E ASP EM ASP:

a. INPUT



b. OUTPUT



Contudo, em virtude da restrição de pessoa *$[1_A\ 2_O]_{TP}$, o objeto terá parte de seus traços de pessoa apagados, na Morfologia, por meio de uma regra de Empobrecimento (BONET, 1991; HALLE; MARANTZ, 1993, 1994), específica da língua Avá. Dessa maneira, o objeto não será responsável isoladamente pelo controle da concordância, embora esteja posicionado em Spec-AspP, i.e., o especificador mais próximo ao complexo v-VP. A concordância, nesta situação, se dará em associação com o argumento externo, posicionado em Spec-TP. Quer dizer, ambos os argumentos serão responsáveis, conjuntamente, pelo controle da concordância.

A evidência para esta proposta se relaciona à realização dos prefixos *portmanteau*, da Série III, que são marcas de concordância simultânea com sujeito e objeto. Estes prefixos são utilizados especificamente neste contexto em que 1A, 2O, conforme discutiremos detidamente na próxima seção.

A noção fundamental aqui defendida é a de que a primeira pessoa é marcada em Avá. Isto gera, neste contexto, duas principais conseqüências: (i) o sujeito de primeira pessoa bane a ocorrência de outro argumento [PARTICIPANTE] em um mesmo domínio de concordância; e (ii) a primeira pessoa não pode ser apagada, i.e., esta deve ser realizada por concordância, no núcleo do predicado verbal, mesmo quando existe outro argumento posicionado em um especificador mais próximo ao complexo v-VP.

Aqui, cabe-nos retomar a discussão proposta por Noyer (1992) com relação aos filtros morfossintáticos e à hipótese da hierarquia de traços, repetida abaixo em 63.

63. A HIPÓTESE DA HIERARQUIA DE TRAÇOS (NOYER, 1992, p.94):

Existe uma hierarquia universal de traços morfossintáticos. Se F e G são traços morfossintáticos e F é mais alto que G na hierarquia, então:

a. Se *[αF,βG] está ativo na Morfologia, então [αF,βG] será empobrecido para [αF].

b. Se existem duas regras de *spell-out*, uma se refere a F e a outra a G, que separam ou sobrepõem descrições estruturais (SDs), a regra que se relaciona a F deverá ser aplicada primeiro.

A partir destas noções, é possível propormos um filtro morfossintático que implementa, no componente morfológico, a restrição de pessoa *$[1_A\ 2_O]_{TP}$. Este filtro atua no sentido de empobrecer, ou seja, de apagar o traço [PARTICIPANTE] do feixe de traços referente ao objeto. Apresentamos, em 64, o filtro morfossintático proposto; e em 65, representamos, em uma geometria de traços (Cf. NOYER, 1992), o traço que será apagado pela regra de Empobrecimento aplicada em PF.

64. FILTRO MORFOSSINTÁTICO:

*$[\alpha A, \beta P]_O$

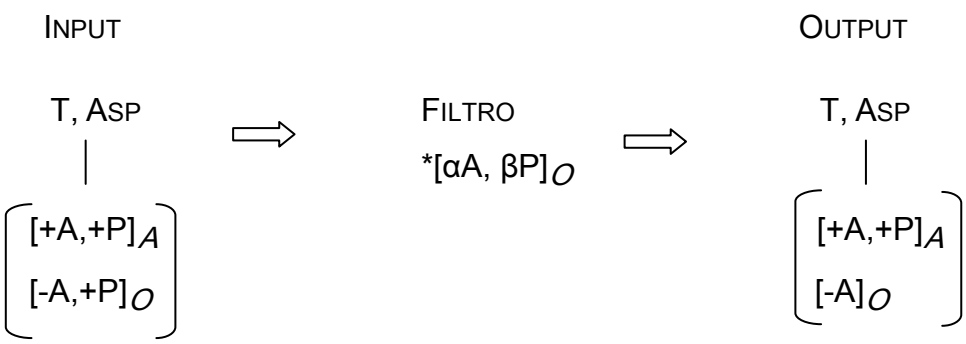
65. REGRA DE EMPOBRECIMENTO:

AGR
|
A
≠
P

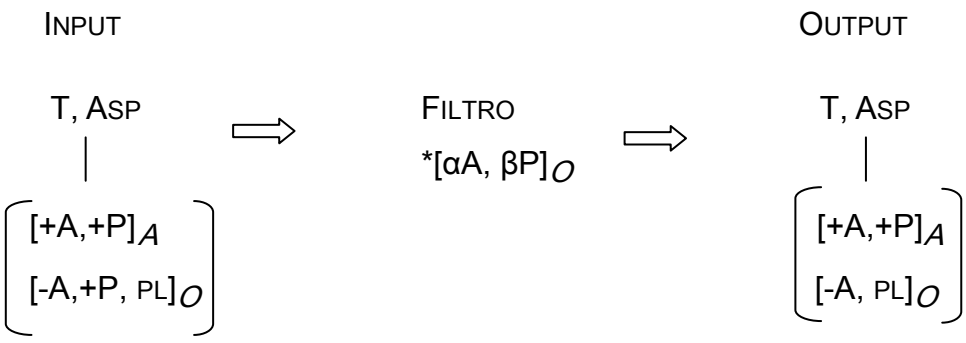
Seguindo a proposta de Noyer (1992), argumentamos que o filtro *$[\alpha A, \beta P]_O$ está ativo na Morfologia e A > P, então, o feixe de traços $[\alpha A, \beta P]_O$ será empobrecido para $[\alpha A]_O$, como mostra a geometria em 65. Representamos, a seguir, o mecanismo de Empobrecimento do nódulo [T, Asp].

66. EMPOBRECIMENTO DO NÚCLEO T, ASP:

a. Situação 1: 1A, 2O.



b. Situação 2: 1A, 2OPL.



Existem duas motivações para propormos este filtro morfossintático, a primeira delas se relaciona ao fato da primeira pessoa e, por conseguinte, o traço [AUTOR], apresentar, em Avá, um *status* diferencial, especial, em relação às outras pessoas. Este caráter diferencial da primeira pessoa, em Avá, pode ser notado na restrição $*[1_A\ 2_O]_{TP}$, que bane a ocorrência de outro argumento [PARTICIPANTE], no contexto em que 1A.

Esta questão parece estar associada a um universal lingüístico de que a primeira pessoa é, realmente, a mais marcada. Esta característica da primeira pessoa pode ser capturada, tanto em termos de uma hierarquia universal de pessoa (ZWICKY, 1977), na qual 1 > 2 > 3, quanto nos termos propostos por Noyer (1992), I > you.

Parece ser consensual a noção de que a primeira pessoa é universalmente mais marcada, em relação às outras pessoas, embora as línguas possam se diferenciar no que compete aos mecanismos de implementação desta marcação, conforme apontamos em relação ao Kadiwéu (NEVINS; SANDALO, 2010), que exibe um efeito de "segunda pessoa sobre a primeira" na morfologia de concordância.

A segunda motivação para a proposta do filtro morfossintático*[αA, βP]$_O$, está associada à restrição sintática que bane a ocorrência de um argumento interno 2O no mesmo domínio de concordância do argumento externo 1A. Esta restrição sugere a impossibilidade de ocorrência de outro argumento [+PARTICIPANTE] no mesmo domínio do sujeito [+A,+P]. Isto aponta para a necessidade de apagamento do traço [PARTICIPANTE] do objeto. Ou seja, tendo em vista a restrição *[1$_A$ 2$_O$]$_{TP}$, o traço de pessoa do objeto que deve ser, necessariamente, apagado é o de [PARTICIPANTE].

Além disso, como mostra a estrutura em 65.b., o traço de número do objeto permanece ativo no núcleo [T, Asp], sendo responsável, inclusive, pela alomorfia entre os prefixos {ro-} e {po-}. Isto indica que somente parte dos traços-φ do objeto foi apagada no componente morfológico.

Existem, ainda, duas outras evidências do apagamento do traço [PARTICIPANTE] do objeto: a Inserção do prefixo {ro-}, que é o mesmo expoente fonológico usado para codificar o sujeito de primeira pessoa plural exclusiva; e o prefixo relacional {h-}, acionado neste contexto. Estas evidências serão discutidas, em detalhe, na próxima subseção.

4.1. A INSERÇÃO VOCABULAR NO NÚCLEO [T, ASP] EMPOBRECIDO

Na seção anterior, discutimos que na construção 1A, 2O, em Avá, existe uma restrição de pessoa *$[1_A\ 2_O]_{TP}$ que bane a ocorrência de um argumento interno 2O no mesmo domínio de concordância do argumento externo 1A. Desse modo, propusemos que, no mapeamento para o componente morfológico, haverá o apagamento do traço [PARTICIPANTE] do objeto, por meio do filtro morfossintático *[αA, βP]$_O$. Nesta subseção, trataremos do mecanismo de Inserção Vocabular e dos Itens

Vocabulares que inserem os expoentes fonológicos da Série III, de prefixos *portmanteau*, neste contexto em particular.

Conforme apresentamos, os marcadores da Série III codificam, simultaneamente, no núcleo do predicado verbal, sujeito de primeira pessoa e o objeto de segunda pessoa singular ou plural. Dessa maneira, estes marcadores apresentam uma alomorfia condicionada pelo traço [PL] do objeto, como mostram os exemplos a seguir.

Exemplo 37.

a. *che* *ro-h-aihu*
1s 1S/2S-REL-amar
"Eu te amo".

b. *che* *po-i-nupã*
1s 1S/2PL-REL-bater
"Eu vos bato".

Estes prefixos {ro-} e {po-} são compreendidos, nesta proposta, como expoentes fonológicos inseridos no nódulo de concordância empobrecido [T, Asp], pelos seguintes Itens Vocabulares.

67. ITENS VOCABULARES QUE INSEREM UM EXPOENTE FONOLÓGICO NO NÓDULO EMPOBRECIDO [T, ASP]:

a. /ro-/↔ $\begin{bmatrix} [+A,+P]_A \\ [-A]_O \end{bmatrix}$

b. /po-/↔ $\begin{bmatrix} [+A,+P]_A \\ [-A, \text{PL}]_O \end{bmatrix}$

Este mecanismo de Inserção Vocabular é, particularmente, interessante em diversos aspectos. Primeiramente, uma característica notável se relaciona ao fato do núcleo [T, Asp] apresentar, nesta situação, feixes de traços de ambos os argumentos. Isto permite caracterizar os expoentes {ro-} e {po-} como prefixos *portmanteau* de pessoa, e no caso de {po-}, *portmanteau* de pessoa-número.

O segundo aspecto interessante se relaciona ao Empobrecimento do núcleo [T, Asp], em virtude do apagamento do traço [PARTICIPANTE] do objeto. Como argumentamos, este núcleo fundido é submetido ao filtro morfossintático *$[\alpha A, \beta P]_O$, no componente morfológico, para satisfazer a restrição *$[1_A\ 2_O]_{TP}$, que bane a ocorrência de um argumento [PARTICIPANTE] no mesmo domínio de concordância do sujeito 1A.

O terceiro aspecto relevante é, conforme mencionamos, a alomorfia existente entre os expoentes {ro-} e {po-}, condicionada pelo traço [PL] do objeto. Aqui, gostaríamos de destacar um fato bastante relevante acerca do expoente {ro-}, que irá corroborar a hipótese de que, ocorre na Morfologia, apagamento do traço [PARTICIPANTE] do objeto: o expoente {ro-}, usado neste contexto como *portmanteau*, é o mesmo expoente da Série I, que codifica o sujeito de primeira pessoa plural exclusiva, como mostram os exemplos a seguir.

Exemplo 38.

a. *che* *ro-i-nupã*
1s 1S/2S-REL-bater
"Eu te bati"

b. *ore* *ro-h-echa* *jagua*
1EXCL 1EXCL- REL-ver cachorro
"Nós (excl.) vemos o cachorro."

Como havíamos apontado, Halle (1997) sugere que algumas línguas apresentam uma quarta pessoa, composta pelo feixe de traços [+AUTOR, -PARTICIPANTE]. Segundo o autor, esta quarta pessoa apresenta, nestas línguas, o referente "eu e alguém mais, mas não você". Desse modo, a quarta pessoa pode ser localizada na primeira pessoa plural exclusiva, i.e., {1,3}. Estas noções são

fundamentais para compreendermos a Inserção Vocabular do expoente {ro-} neste contexto como *portmanteau*.

A proposta que aventamos é a de que, neste contexto de Inserção, o componente morfológico interpreta o complexo de traços presente no nódulo empobrecido [T, Asp], como sendo esta quarta pessoa descrita por Halle (1997), pelos seguintes motivos: (i), o complexo de traços em [T, Asp] é composto por feixes de traços de dois argumentos; isto satisfaz a premissa (Cf. HALLE, 1997) de que a composição [+AUTOR, - PARTICIPANTE] não poderia ser realizada por uma única pessoa; (ii) o traço [PARTICIPANTE] do objeto foi apagado, por meio do filtro morfossintático *[αA, βP]$_O$; desse modo, a ausência do traço [PARTICIPANTE] significa a exclusão da segunda pessoa, ou seja, o complexo de traços presentes em [T, Asp] é interpretado como {1,3}.

Em virtude destes dois motivos, a Morfologia promove a Inserção Vocabular do expoente fonológico {ro-} neste contexto, uma vez que interpreta os traços presentes em [T, Asp] como sendo aqueles que compõem a quarta pessoa, i.e., a primeira pessoa exclusiva plural, [+AUTOR, - PARTICIPANTE].

Rodrigues (1990) mostra que, em Tupinambá, a forma verbal para primeira pessoa plural inclusiva {ya-} é usada também no contexto de terceira pessoa, como mostram os exemplos a seguir.

Exemplo 39.

a. *pirá* *ya-y-pɨsɨk*
fish 1.IN- REL-catch
“We (incl.) caught fish”. (RODRIGUES, 1990, p. 393)

b. *moyá* *kuyá* *ya-y-suʔú*
cobra mulher 1.IN?- REL-bit
“A snake bit the woman”. (RODRIGUES, 1990, p. 393)

Contudo, a forma verbal, interpretada pelos missionários como terceira pessoa {o-}, também é usada nos contextos que incluem o falante (*speaker*), como mostram os exemplos a seguir.

Exemplo 40.

a. *kunumĩ* *pirá* *o-y-pɨsɨk*
boy fish 3-REL-catch
“The boy caught fish”. (RODRIGUES, 1990, p. 393)

b. *asé* *pirá* *o-y-pɨsɨk*
we.all fish 3-REL-catch
“We (all) caught fish”. (RODRIGUES, 1990, p. 393)

Rodrigues (1990) sugere que o sistema de referência pessoal do Tupinambá é caracterizado por um conjunto de traços que inclui o contraste entre o falante e o ouvinte em um parâmetro, e a focalização da terceira pessoa em outro

parâmetro. Para o autor, o processo de focalizar uma pessoa em um discurso implica em selecionar esta pessoa de um dado conjunto pragmático; este conjunto pode incluir outros elementos que são deixados, entretanto, fora do foco.

O contraste entre o falante (*speaker*) e o ouvinte (*hearer*), por exemplo, pode ser salientado ou neutralizado por meio de foco. O contraste é salientado quando o falante ou o ouvinte são focalizados, de maneira mutuamente excludente; como evidenciam as seguintes combinações[36] de elementos pessoais: {1}, {1 3}, {2}, {2 3}. Por outro lado, o contraste é neutralizado quando tanto falante quanto ouvinte são focalizados, conjuntamente, como nas combinações {1 2} e {1 2 3}; ou quando ambos são deixados fora do foco, como na combinação {3}.

Com relação às construções apresentadas em 39.b. e 40.a., que envolvem dois argumentos de terceira pessoa, Rodrigues (1990) propõe que a

---

[36] Rodrigues (1990, p. 395) aponta que existem sete combinações básicas de elementos pessoais:
{1} – Somente o falante está em foco.
{2} – Somente o ouvinte está em foco.
{3} – Somente a terceira pessoa está em foco.
{1, 2} – Somente o falante e o ouvinte estão em foco.
{1, 3} – Somente o falante e a terceira pessoa estão em foco.
{2, 3} – Somente o ouvinte e a terceira pessoa estão em foco.
{1, 2, 3} – O falante, o ouvinte e a terceira pessoa estão em foco.

distribuição dos marcadores ya-/o-, nos verbos transitivos, se relaciona a foco: se o sujeito, i.e., o agente, está em foco, este é marcado no verbo por {o-}; se, entretanto, o objeto, i.e., o paciente, está em foco, o sujeito é marcado por {ya-}.

Desse modo, o autor conclui que, em Tupinambá, o marcador {o-} significa que a terceira pessoa está em foco, e que não existe nenhum contraste entre o falante e o ouvinte, quer dizer, este marcador significa {(you, I and he)$^{+f}$}, bem como {he^{+f}}. De maneira análoga, o marcador {ya-} denota que a terceira pessoa está fora do foco, e que não existe nenhum contraste entre o falante e o ouvinte, ou seja, este marcador significa {(you and I)$^{+f}$ and he^{-f} }.

Esta análise proposta por Rodrigues (1990) para o Tupinambá é particularmente interessante porque aponta para a possibilidade de uma língua Tupi-Guarani apresentar foco de sujeito; e evidencia a ocorrência do marcador de primeira pessoa plural inclusiva {1,2}, atuando como [-FOCO], em construções que envolvem duas terceiras pessoas.

Estas discussões apontadas por Rodrigues (1990) colaboram para a compreensão dos aspectos morfológicos presentes na construção 1A, 2O, em Avá. Conforme argumentamos, o prefixo {ro-} atua tanto como primeira pessoa plural exclusiva, quanto como *portmanteau*, no contexto em que o sujeito é de primeira pessoa e o objeto é de segunda pessoa. Seguindo as noções propostas por Rodrigues (1990), é possível aventarmos que, nas duas ocorrências do prefixo {-ro},

este focaliza a primeira pessoa, na medida em que estabelece um contraste entre {1} e {2}. Quer dizer, a combinação {1,3}, que compõem este marcador, exclui a segunda pessoa do foco.

Nesse sentido, é possível retomarmos o paralelo que propomos entre a construção 1A, 2O, em Avá, e os fenômenos sintáticos de antipassiva espúria, foco de objeto, etc., comumente encontrados em línguas ergativas. Conforme argumentamos, existem duas características comuns a estas construções: (i) a influência da categoria de pessoa dos argumentos nucleares sobre estes fenômenos sintáticos; e (ii) o aparecimento de concordância espúria no núcleo do predicado verbal.

Esta segunda característica pode ser relacionada ao estatuto do prefixo {ro-} discutido nesta seção. Quer dizer, o expoente {ro-}[37], usado como *portmanteau*, pode ser considerado um caso de concordância espúria, uma vez que este é o mesmo expoente usado como sujeito de primeira pessoa plural exclusiva. Assim, {ro-} é uma marca de concordância com sujeito, porém, um sujeito espúrio, no sentido em que este é composto por feixes de traços de dois argumentos {1,3}, excluindo o argumento [PARTICIPANTE] de sua combinação. E, ainda, esta concordância pode ser considerada espúria uma vez que esta é, essencialmente, um reflexo morfológico,

[37] Para Cardoso (2008), o prefixo {ro-}, em Kaiowá, é marca de concordância ergativa.

ocasionado pelas operações realizadas na Morfologia, por motivos de Inserção Vocabular.

Em suma, propomos que o marcador {-ro} é o expoente fonológico que corresponde à quarta pessoa [+AUTOR, - PARTICIPANTE] (Cf. HALLE, 1997). Este expoente é inserido em dois contextos: (i) quando o nódulo [T, Asp] apresenta o feixe de traços $[+A, -P]_{\mathcal{A}}$, referente ao sujeito de primeira pessoa plural exclusiva; (ii) quando o nódulo [T, Asp], composto por feixes de traços de ambos os argumentos, sofre o apagamento do traço [PARTICIPANTE] do objeto. Neste contexto, o prefixo {ro-} pode ser compreendido como concordância espúria de primeira pessoa, uma vez que este emerge como um reflexo morfológico, resultado das operações realizadas pelo componente morfológico.

Com relação ao marcador {po-}, propomos que este é um *portmanteau* de pessoa-número, uma vez que o traço [PL] do objeto é determinante para a Inserção deste expoente fonológico no nódulo [T, Asp] empobrecido. Conforme mencionamos, este nódulo [T, Asp] é composto pelo complexo de traços $[[+A,+P]_{\mathcal{A}}, [-A, PL]_{\mathcal{O}}]_{T,ASP}$. Desse modo, este marcador codifica, essencialmente, o traço de pessoa do sujeito e o traço de número do objeto.

Finalmente, é importante assinalarmos que a relação entre os expoentes *portmanteau* e os prefixos relacionais, que são os expoentes fonológicos inseridos

no nódulo de concordância em v, trazem evidências adicionais para a proposta de que o traço [PARTICIPANTE] do objeto foi apagado no componente morfológico.

Conforme argumentamos neste Capítulo, os prefixos {h- ~ i-} são marcas de concordância com o argumento interno [αA, -P], ao passo que os prefixos {r- ~ Ø-} são marcas de concordância com o argumento interno [αA, +P]. Nas situações em que os expoentes {ro-} e {po-} são inseridos, os prefixos relacionais acionados são o {h- ~ i-} e não o {r- ~ Ø-}, como seria esperado, uma vez que o argumento interno é [-A, +P].

Contudo, conforme propusemos, em virtude do filtro morfossintático *[αA, βP], o traço [βP] do objeto é apagado por meio de uma regra de Empobrecimento de PF. Desse modo, no momento em que a Inserção Vocabular ocorre e a Morfologia interpreta a ausência do traço [PARTICIPANTE] do objeto, os expoentes selecionados são o {h- ~ i-}, que apresentam valores negativos para o traço [P], como mostram os exemplos a seguir.

Exemplo 41.

a. *che* *ro-h-echa*
1s 1S/2S-REL-ver
"Eu te vejo".

b. *che* *po-i-nupã*
1s 1S/2PL-REL-bater
“Eu vos bato”.

Esta Inserção dos expoentes fonológicos {h- ~ i-}, que decorre da aplicação das regras de Empobrecimento, pode ser relacionada à situação caracterizada por Halle e Marantz (1994) como “*retreat to the general case*” (*Ibidem*, p. 278), na qual um Item mais especificado perde para um Item menos especificado. Quer dizer, dado o apagamento do traço [PARTICIPANTE] do objeto, os Itens Vocabulares que inserem os expoentes {r- ~ ø} que são mais especificados, i.e., apresentam valores positivos de [A] e [P], perdem para os Itens que inserem os expoentes {h- ~ i-}, que são menos especificados. Desse modo, como apontam Embick e Halle (2004), estas regras de Empobrecimento são uma maneira de se estabelecer certos sincretismos, por meio da eliminação de traços dos nódulos muito especificados, alimentando, assim, a aplicação de Itens Vocabulares menos especificados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as discussões que traçamos neste Capítulo, podemos responder as questões que propusemos na seção 1:

i. Quais são os condicionamentos morfossintáticos presentes na alomorfia entre os marcadores pessoais das Séries I e II? Com qual núcleo funcional estes marcadores estabelecem concordância?

A alomorfia existente entre os marcadores de pessoa das Séries I e II pode ser associada à proposta de que marcadores são expoentes fonológicos inseridos em um único nódulo de concordância em v. O movimento dos argumentos interno e externo, para as posições de Spec-AspP e Spec-TP, respectivamente, gera uma configuração em que há duas posições que desencadeiam concordância. No entanto, existe somente uma única posição prefixal para a realização de concordância. Assim, argumentamos que ocorre na Morfologia a operação de Abaixamento, na qual o núcleo T desce até o núcleo Asp. Em seguida, o componente morfológico executa uma operação de Fusão, que une dois nódulos terminais, que são irmãos sob um único nódulo categorial, em um único nódulo

terminal. Este núcleo fundido [T, Asp] desce novamente por Abaixamento até v, local no qual ocorrerão as regras de Empobrecimento e a Inserção Vocabular.

Propusemos, também, que o argumento posicionado no especificador mais próximo ao complexo v-VP será responsável pelo controle da concordância. Desse modo, os marcadores da Série I serão inseridos quando o complexo de traços de pessoa em [T, Asp] se refere ao sujeito, no contexto em que há somente uma posição de concordância em TP. Por outro lado, os marcadores da Série II serão inseridos em [T, Asp], quando os traços de pessoa presentes neste núcleo se referem ao objeto. Esta situação é decorrente do movimento do objeto para Spec-AspP. De acordo com o que argumentamos, esta posição controla a concordância no núcleo do predicado verbal, em virtude de ser o especificador mais próximo ao complexo v-VP

ii. Qual o estatuto dos prefixos *portmanteau* da Série III? Com qual núcleo funcional estes prefixos estabelecem concordância? Como esta concordância é implementada pela Morfologia?

Os prefixos *portmanteau* são assumidos, nesta proposta, como sendo os expoentes fonológicos inseridos no nódulo empobrecido [T, Asp], resultante das operações pós-sintáticas realizadas no componente morfológico. Estes prefixos

ocorrem na construção 1A, 2O e são marcas de concordância simultânea com sujeito e objeto. Conforme propusemos, nesta construção existe uma restrição de pessoa que bane a ocorrência do argumento interno 2O, i.e., outro argumento [PARTICIPANTE], no mesmo domínio de concordância (TP expandido) do argumento externo 1A.

Desse modo, sugerimos a hipótese de que o objeto 2O checa seu caso acusativo, licenciado pelo núcleo V, e se move para Spec-AspP para checar traços de pressuposição. Nesta posição, este argumento torna-se ativo para concordância. Entretanto, em virtude da presença do sujeito 1A na posição de Spec-TP e da restrição *$[1_A\ 2_O]_{TP}$, o objeto terá parte de seus traços-φ apagados (Cf. BOBALJIK; BRANIGAN, 2006), no mapeamento para o componente morfológico. Sugerimos, assim, a existência do filtro morfossintático *[αA, βP], que apaga o traço [βP] do objeto.

Tendo em vista o apagamento do traço [PARTICIPANTE] do objeto, o componente morfológico interpreta o complexo de traços presente no nódulo empobrecido [T, Asp], como sendo a quarta pessoa descrita por Halle (1997): [+AUTOR, -PARTICIPANTE], i.e., {1, 3}. Sendo assim, a Morfologia realizará a Inserção Vocabular do expoente fonológico {ro-} neste contexto, que é o mesmo expoente usado para codificar o sujeito de primeira pessoa plural exclusiva. Esta Inserção permite que o expoente {ro-}, usado como *portmanteau*, seja compreendido como

um caso de concordância espúria, uma vez que este emerge como um reflexo morfológico, ocasionado pelas operações realizadas na Morfologia, por motivos de Inserção Vocabular.

Finalmente, assinalamos que uma evidência adicional do apagamento do traço [PARTICIPANTE], no contexto de Inserção de prefixos *portmanteau*, é o fato de que os prefixos relacionais inseridos, no nódulo de concordância gerado em v, são o {h- ~ i-}, que são expoentes menos especificados e assumidos como sendo concordância com argumentos [-P].

iii. Qual a função dos prefixos relacionais {r- ~ Ø-} e {h- ~ i-}? Com qual núcleo funcional estes prefixos estabelecem concordância?

Os prefixos relacionais {r- ~ Ø-} e {h- ~ i-} são expoentes fonológicos inseridos em v, assinalando a concordância que este núcleo V lexical estabelece com o argumento interno. Estes prefixos apresentam uma alomorfia condicionada pelos traços de pessoa presentes no argumento interno, i.e. [αP], e pelo segmento inicial da Raiz, se vogal ou consoante.

V. CONCLUSÕES

Esta dissertação discutiu os aspectos morfológicos e sintáticos relacionados à hierarquia de pessoa presente na língua Avá. Mostramos que em Avá, a hierarquia de pessoa 1 > 2 > 3 gera reflexos no sistema de concordância da língua. Isto significa que a seleção do argumento que será marcado nos verbos transitivos está condicionada à pessoa que figura na posição de sujeito e de objeto.

Desse modo, existem na língua três séries de concordância: a Série I é utilizada para assinalar o sujeito, se este for de primeira ou segunda pessoa e o objeto de terceira pessoa (i.e. 1A ou 2A e 3O), ou se o sujeito e o objeto forem duas terceiras pessoas (i.e. 3A e 3O); a Série II codifica o objeto, se este for de primeira ou segunda pessoa e o sujeito for uma terceira pessoa (i.e. 1O ou 2O e 3A), ou quando o sujeito é de segunda pessoa e o objeto de primeira pessoa (i.e. 2A e 1O); e a Série III, que codifica simultaneamente sujeito e objeto, quando o sujeito é de primeira pessoa e o objeto de segunda (i.e. 1A e 2O). Estas séries atuam, ainda, em uma cisão na codificação do único argumento de verbos intransitivos: Série I assinala o sujeito intransitivo de verbos ativos e a Série II indica o sujeito intransitivo de verbos estativos.

Além destas três séries de concordância, existem ainda prefixos denominados relacionais que figuram no núcleo do predicado assinalando a concordância que este estabelece com seu complemento. Estes prefixos apresentam uma alomorfia condicionada tanto pelo segmento inicial da raiz, se vogal ou consoante, quanto pelo traço [PARTICIPANTE] do objeto.

Este trabalho mostrou, também, que a hierarquia de pessoa em Avá afeta a ordem dos constituintes da língua. A partir de testes com advérbios, evidenciamos que objetos de primeira e segunda pessoa devem preceder o verbo, gerando a ordem OV, ao passo que, objetos de terceira pessoa permanecem na posição pós-verbal, na ordem VO.

A partir destes dados e dos trabalhos de Jelinek e Carnie (2003) e de Sandalo (2008; 2011) argumentamos que o deslocamento do objeto em Avá pode ser compreendido como um reflexo sintático ocasionado pela hierarquia de pessoa. Sugerimos, desse modo, que a noção de inversão morfossintática, proposta por Payne (1994b), pode ser reinterpretada em termos de movimento sintático.

Defendemos, assim, a hipótese de que argumentos internos de primeira e segunda pessoa sofrem deslocamento sintático para uma posição pré-verbal, externa a vP. Este movimento sofrido pelo objeto de primeira ou segunda pessoa em Avá é motivado pelo fato destes argumentos serem mais pressupostos (i.e. locais,

participantes) e, por isso, não podem permanecer internos ao escopo nuclear (VP), uma vez que não constituem uma variável permitida nesta posição.

Propusemos, então, que esta posição pré-verbal que aloca o objeto deslocado é o especificador de uma projeção funcional AspP (JELINEK; CARNIE, 2003; SANDALO, 2008; 2011), responsável pela checagem de traços de pressuposição dos NPs que figuram na posição de argumento interno.

Tendo em vista, principalmente, o quadro teórico da MD, buscamos discutir neste trabalho que a hierarquia de pessoa é um epifenômeno de interface entre a Sintaxe e a Morfologia, uma vez que esta se relaciona tanto às manipulações de traços e aos movimentos ocorridos na Sintaxe, quanto aos mecanismos de implementação e às regras aplicadas em PF específicas de cada língua.

Desse modo, com relação aos aspectos morfológicos envolvidos na hierarquia de pessoa em Avá, sugerimos que a estrutura hierárquica gerada pela sintaxe é interpretada e modificada pelo componente morfológico, na medida em que este atribui traços fonológicos aos traços abstratos manipulados pela Sintaxe e opera regras morfológicas específicas da língua Avá.

Argumentamos, então, que o movimento de ambos os argumentos, para as posições Spec-TP e Spec-AspP, gera uma configuração em que há duas posições, em um expandido TP, que desencadeiam concordância. Contudo, existe somente uma única posição para realização desta concordância. Esta estrutura, ao

ser interpretada pela Morfologia, é submetida às operações de Abaixamento, na qual o núcleo T desce até o núcleo Asp em AspP; e de Fusão, que une os núcleos T e Asp em um único núcleo [T, Asp].

Propusemos, ainda, que o argumento posicionado no especificador mais próximo ao complexo v-VP é responsável pelo controle da concordância. Assim, componente morfológico realizará a Inserção Vocabular dos expoentes fonológicos das Séries I ou II, dependendo se os traços de pessoa presentes no nódulo [T, Asp] se referem ao sujeito ou ao objeto.

Discutimos, finalmente, os aspectos morfológicos e sintáticos envolvidos na construção 1A, 2O, em Avá. Assinalamos que esta construção se assemelha a determinados fenômenos sintáticos comumente encontrados nas línguas ergativas, como antipassivas, antipassiva espúria, foco de sujeito e foco de objeto (HALE; STORTO, 1997; STORTO, 1999; HALE, 2002; BOBALJIK; BRANIGAN, 2006, NEVINS; SANDALO, 2010). Relacionamos esta semelhança se deve a dois principais aspectos: (i) a influência da categoria de pessoa dos argumentos nucleares sobre estes fenômenos sintáticos; e (ii) o aparecimento de concordância espúria no núcleo do predicado verbal.

Tendo em vista este paralelo, buscamos evidenciar que a relação entre os fenômenos sintáticos e a categoria de pessoa dos argumentos nucleares pode ser

localizada em diversas línguas e, inclusive, nos distintos sistemas de caso e concordância (ergativo-absolutivo, nominativo-acusativo e ergativo cindido).

Propusemos, então, que a construção 1A e 2O, em Avá, exibe uma restrição de pessoa que bane a ocorrência do argumento interno 2O no mesmo domínio de concordância (TP expandido) do argumento externo 1A. Argumentamos, assim, que esta estrutura, gerada pela sintaxe, ao ser mapeada para o componente morfológico é submetida às regras de Empobrecimento (BONET, 1991; HALLE; MARANTZ, 1993, 1994), que irão apagar parte dos traços-φ do argumento mais baixo, i.e., do objeto. Este Empobrecimento do nódulo [T, Asp] é realizado por meio do filtro morfossintático *[αA, βP], que apaga o traço [PARTICIPANTE] do objeto.

Tendo em vista o apagamento do traço [PARTICIPANTE] do objeto, o componente morfológico implementa a Inserção Vocabular do expoente fonológico {ro-} neste contexto, que é o mesmo expoente usado para codificar o sujeito de primeira pessoa plural exclusiva. Esta Inserção permite que o expoente {ro-}, usado como *portmanteau*, seja compreendido como um caso de concordância espúria, uma vez que este emerge como um reflexo morfológico, ocasionado pelas operações realizadas na Morfologia, por motivos de Inserção Vocabular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Stephen R. **A-Morphous Morphology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

ADGER, D; HARBOUR, D. The syntax and syncretisms of the person case constraint. **Syntax**, v. 10, p. 2-37. 2007.

ANAGNOSTOPOULOU, E. **The Syntax of Ditransitives: Evidence from Clitics.** Berlin, New York: Mouton de Gruyter. 2003.

_____. Strong and weak person restriction: a feature checking analysis. In. HEGGIE, L.; ORDOÑEZ, F. (Eds.) **Clitics and affixation**. Amsterdam: John Benjamins. 2005.

ARCHANGELI, D. Aspects of Underspecification Theory. **Phonology,** v. 5, n.2. 1988.

ARCHAGELI, D.; PULLEYBLANK, D. Yoruba Vowel Harmony. **Linguistic Inquiry**, v.20, n.2. 1989.

BENVENISTE, E. **Problèmes de linguistique générale.** Paris: Gallimard. 1966.

_____. **Problemas de Lingüística Geral I**. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1991.

BÉJAR, S.; REZAC, M. Cyclic agree. **Linguistic Inquiry**, v. 40, n.1.p. 35–73. 2009.

BITTNER, M.; HALE, K. The structural determination of Case and agreement. **Linguistic Inquiry**, v. 27, n. 1, 1996.

BOBALJIK, J.D. What does adjacency do? **MIT Working Papers in Linguistics 22:** The Morphology-Syntax Connection. Cambridge, Mass.: MITWPL.1994.

BOBALJIK, J.D.; BRANIGAN, P. Eccentric Agreement and Multiple Case Checking. In: **Ergativity: Emerging Issues**. Dordrecht: Springer. 2006.

BONET, E. **Morphology after syntax: Pronominal clitics in Romance**. Tese de doutorado. MIT, Cambridge, Mass. 1991.

_____. Feature structure of Romance clitics. **Natural Language and Linguistic Theory**, v. 13, p. 607-647. 1995.

_____. The Person-Case constraint and repair strategies. In: FISCHER, S. et al. (Eds.) **Person Restrictions.** Mouton de Gruyter. 2007. Disponível em: < webs2002.uab.es/clt/publicacions/reports/pdf/GGT-07-06.pdf >

CABRAL, A. S. A. C. Flexão relacional na Família Tupi-Guarani. **Boletim da Associacao Brasileira de Linguística**. Fortaleza, ed. 25, p. 233-284, 2001a.

_____. O desenvolvimento da marca de objeto de segunda pessoa plural em Tupi-Guarani. In: CABRAL, A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D. **Estudos sobre Línguas Indígenas**. Belém: Universidade Federal do Pará, 2001b.

CARDOSO, V. F. **Aspectos morfossintáticos da língua Kaiowá (Guarani)**. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 2003.

CHASE-SARDI, M. **El precio de la sangre: tuguy ñe'e repy**. Asunción, 1992.

CHOMSKY, N. "Remarks on Nominalization," In: JACOBS, R. *et al*. **Readings in English Transformational Grammar**. University Press, Washington D.C. 1970.

_____. "A Minimalist Program for Linguistic Theory," In: HALE, K.; KEYSER, S. (Eds.) **The View from Building 20:** Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger. Cambridge, MA: MIT Press. 1993.

_____. **The Minimalist Program**. Cambridge, MA: The MIT Press. 1995.

_____. Minimalist Inquiries: The Framework. In: MARTIN, R.; MICHAELS, D. e URIAGEREKA, J. (Eds.) **Step-by-step:** essays in minimalist syntax in honor of Howard Lasnik..Cambridge, MA: The MIT Press. p. 89-155. 2000.

_____. Derivation by phase. In: KENSTOWICS, M. (Ed.) **Ken Hale:** A life in language. Cambridge, MA: The MIT Press. p. 1-52. 2001.

CORY, A.S. **The distribution of differential object marking in Paraguayan Guarani**. Dissertação de Mestrado. Columbus: The Ohio State University, 2009.

COSTA, C. P. G. **Nhandewa Aywu**. Dissertação de mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. 2003.

DIESING, M. **Indefinites.** Cambridge: MIT Press, 1992.

DIETRICH, W. **El idioma chiriguano:** Gramatica, textos, vocabulario. Madrid, 1986.

DIXON, R. "Ergativity." **Language**, v. 55, p.59-138, 1979.

_____. **Ergativity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

DOOLEY, R. A. **Vocabulário Guarani**. SIL: Brasília, 1982.

_____. **Vocabulário Guaraní-Português**. Arquivo Lingüístico. Curitiba: Fundação Nacional do Índio e Sociedade Internacional de Lingüística. 1997.

_____. 1999b. **Léxico guaraní, dialeto mbyá:** versão para fins acadêmicos, com acréscimos do dialeto nhandéva e outros falares do sul do Brasil. Revisão de novembro de 1998. Disponível em: <http://www.sil.org/americas/brasil/PUBLCNS/DICTGRAM/GNDIC.pdf>.

DUARTE, F. B. **Ordem dos Constituintes e movimento em Tembé: minimalismo e anti-simetria**. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: UFMG. 2002.

_____. Propriedades denotacionais dos prefixos {i- ~ -h} em Tenetehára. **Revista de Estudos Lingüísticos/Gel**. Campinas, Unicamp, vol XXXIV, p. 1194-1199, 2005.

EMBICK, D. **Voice and the interfaces of syntax**. Tese de doutorado. University of Pennsylvania. 1997.

_____. Voice systems and the syntax/ morphology interface. **MIT Working Papers in Linguistics 32:** Papers from the UPenn/MITRoundtable on Argument Structure and Aspect. p. 41–72. Cambridge, Mass.: MITWPL. 1998a.

EMBICK, D.; HALLE, M. Word Formation: aspects of the Latin conjugation in Distributed Morphology. Ms. 2004.

EMBICK, D.; NOYER, R. Movement after syntax. **Linguistic Inquiry**, v. 32, n. 44, p. 555-595. 2001.

FARKAS, D. Two cases of underspecification in Morphology. **Linguistic Inquiry**, v. 21, n. 4, p. 539-550. 1990.

FARKAS, D.; KAZAZIS, K. Clitic pronouns and topicality in Rumanian. **Chicago Linguistic Society**, v. 16, p. 75–82. Chicago: Chicago Linguistic Society. 1980.

GUEDES, M. **Subsídios para uma análise fonológica do Mbyá**. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, 1991.

GILDEA, S. Semantic and pragmatic inverse - "inverse alignment" and "inverse voice" - in Carib of Surinam. In: GIVÓN, T. **Voice and Inversion**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 1994.

GRANNIER, D. **Aspectos da Morfossintaxe do Guarani Antigo**. Tese de Doutorado. Maceió: UFAL. 2002.

_____. **Fonologia do Guarani Antigo**. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, 1990.

GREGORES, E.; SUÁREZ, J. **A description of colloquial Guaraní**. Den Haag, Paris: Mouton. 1967.

HALE, K. Eccentric Agreement. In: FERNÁNDEZ; ALBIZU (Eds.) **Kasu eta Komunztaduraren gainean** [On Case and Agreement]. Vitoria-Gasteiz: Euskal Herriko Unibetsitatea. 2002.

HALE, K.; STORTO; L. Agreement and spurious antipassive. Boletim da Associação brasileira de Linguística 20 – Homenagem a Aryon Dall'igna Rodrigues. 1997.

HALE, K.; KEYSER, S.J. "On argument structure and the lexical expression of syntactic relations." In: HALE, K.; KEYSER, S. (Eds.) **The View from Building 20:** Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger. Cambridge, MA: MIT Press. 1993.

_____. **Prolegomenon to a Theory of Argument Structure**. Cambridge, the MIT Press, 2002.

HALLE, M. "Distributed Morphology: Impoverishment and Fission." **MIT Working Papers in Linguistics 30**, p. 425-439, 1997.

HALLE, M.; MARANTZ; A. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. (Eds.) **The View from Building 20:** Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger. Cambridge, MA: MIT Press. 1993.

_____. Some key features of distributed morphology. **MIT Working Papers in Linguistics 21:** Papers on phonology and morphology. p. 275–288. Cambridge, MA: MIT Press. 1994.

HARLEY, H. Hug a tree: Deriving the morphosyntactic feature hierarchy. **MIT Working Papers in Linguistics 21:** Papers on phonology and morphology. p. 289-320. Cambridge, MA: MIT Press. 1994.

HARLEY, H.; NOYER, R. State of the Article: Distributed Morphology. In: HALE, K.; KEYSER, S. (Eds.) **The View from Building 20:** Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger. Cambridge, MA: MIT Press. 1993.

HARLEY, H; RITTER, E. Person and number in pronouns: a feature-geometric analysis. **Language**, v. 78, n.3, p. 482–526. 2002.

HARRISON, C. Verb prominence, verb initialness, ergativity and typological disharmony in Guajajara. In: DERBYSHIRE, D.; PULLUM, G. (Eds). **Handbook of Amazonian Languages**. V. I. p. 407–439. Berlin: Mouton de Gruyter.

HIRAIWA, K. Multiple agree and the defective intervention constraint in Japanese. In: The proceedings of the MIT–Harvard joint conference (HUMIT 2000). **MIT Working Papers in Linguistics 40**. p. 67–80. Cambridge, MA: MITPress, 2001.

_____. **Dimensions of symmetry in syntax: agreement and clausal structure**. Tese de Doutorado. Cambridge, MA.: MIT. 2004.

HOCKETT, C.F. What Algonquian is really like. **International Journal of American Linguistics**, v.32, n.1, p. 59-73. 1966.

INGRAM, D. Typology of universals of personal pronouns. In: GREENBERG, J. (Ed.). **Universals of human language**, v. 3. p. 214-247. Stanford: Stanford University Press. 1978.

JACKENDOFF, R. **Semantic Interpretation in Generative Grammar**. Cambridge, MA: MIT Press. 1972.

JELINEK, E; CARNIE, A. "Argument Hierarchies and the Mapping Principle" IN: Carnie, A; Harley, H; Willie, M. (eds.). **Formal Approaches to Function in Grammar. In honor of Eloise Jelinek.** Philadelphia, PA, USA: John Benjamins Publishing Company, p 265-296. 2003.

JENSEN, C. "Cross-referencing changes in some Tupí-Guaraní languages". In: PAYNE, D. **Amazonian Linguistics, Studies in Lowland South American Languages**. Austin: University of Texas Press. 1990.

LARSON, R.K. On double object construction. **Linguistic Inquiry**, v. 19, n. 3, p. 335-391. 1988.

LEITE, Y. Para uma tipologia ativa do Tapirapé, os clíticos referenciais de pessoa. **Cadernos de Estudos Lingüísticos 18**, p. 37–56. 1990.

MARTINS, M. F. **Descrição e análise de aspectos da gramática do Guarani Mbyá**. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 2003.

MELIÀ, B. **La lengua Guaraní del Paraguay**. Madrid: Editorial Mapfre, 1992.

_____. Las lenguas indígenas en el Paraguay: una visión desde el Censo 2002. In: I CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE POPULAÇÃO (ALAP). Caxambú, MG. 2004. (ms.) Disponível em: <http://www.alapop.org/2009/images/PDF/ALAP2004_441.PDF>.

MCGINNIS, M. On markedness asymmetries in person and number. **Language**, v. 81 n. 3, p. 699–718. 2005.

MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. **Manual de sintaxe**. Florianópolis: Insular, 2004.

MONSERRAT, R. M. F. "Prefixos pessoais em Awetí". **Publicações do Museu Nacional**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, Série Lingüística III. 1976.

MORAVCSIK, E. A. Agreement. In: GREENBERG, J. (Ed.). **Universals of human language**, v. 4: Syntax. p. 331-374. Stanford: Stanford University Press. 1978.

NEVINS, A. The Representation of Third Person and its Consequences for Person-Case Effects. **Natural Language and Linguistic Theory**, v. 25.2, p. 273–313. 2007.

NEVINS, A.; SANDALO, F. Disappearence of the marked: first person in Kadiwéu. Harvard University. (ms). 2007.

_____. "Markedness and morphotactics in Kadiwéu [+participant] agreement". **Morphology**. Volume 20. 2010.

NOYER, R. **Features, positions and affixes in autonomous Morphological Structure**. Tese de Doutorado. Cambridge, MA.: MIT. 1992.

_____. **Features, positions, and affixes in autonomous morphological structure**. New York: Garland Press. 1997.

NUNES, J. **The copy theory of movement and linearization of chains in the minimalist program.** Tese de Doutorado. University of Maryland at College Park. 1995.

_____. Sideward movement. **Linguistic Inquiry** 31, p. 303-344. 2001.

_____. **Linearization of Chains and Sideward Movement**. MIT Press, Cambridge, Mass. 2004.

PARADIS, C.; PRUNET, J. **Phonetics and Phonology: The Special Status of Coronals**. New York: Academic Press. 1991.

PAYNE, D. L. "The Tupí-Guaraní inverse." In: HOPPER, P.; FOX, B. (Eds.) **Voice: Form and Function**. Amsterdam: John Benjamins. 1994b.

POLLOCK, J. "Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP". **Linguistic Inquiry**,v. 20, p.365-424. 1989.

RODRIGUES, A. D. Morfologia do verbo Tupi. **Letras**, v. 1, p. 121-152. Curitiba. 1953.

_____. Relações internas na família lingüística Tupi-Guarani. **Revista de Antropologia**, v. 27/28, p.33-53, 1984/85.

_____. **Línguas brasileiras: para conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Ed. Loyola, 1986.

_____. You and I = neither you nor I: the personal system of Tupínambá. In: In: PAYNE, D. (Ed.) **Amazonian Linguistics studies in lowland South American languages**. Austin: University of TexasPress.1990.

SANDALO, F. **A Grammar of Kadiwéu**. Tese de Doutorado. University of Pittsburgh. 1995.

_____. A Grammar of Kadiweu with Special Reference to the Polysynthesis Parameter. **MIT Working Papers in Linguistics 11**. Cambridge, MA.: MIT. 1997.

_____. Person Hierarchy in Kadiwéu. Universidade Estadual de Campinas. (*ms.*) 2008.

_____. Person Hierarchy and inverse voice in Kadiwéu. **Liames**, v. 9, p. 27-40. 2011.

SCHER, A. P.; MEDEIROS, A. B.; MINUSSI, R. D. “Estrutura Argumental em Morfologia Distribuída.” In: Encontro Nacional do Grupo de Trabalho Teoria da Gramática (GT-TG). Brasília, 2009.
Disponível em: <ppgl.unb.br/site/images/arquivos/encontroGT/Scher.pdf >

SEKI, L. “Kamaiurá (Tupi Guarani) as an Active-Stative Language.” In: PAYNE, D. (Ed.) **Amazonian Linguistics studies in lowland South American languages**. Austin: University of TexasPress.1990.

_____. **Gramática do Kamaiurá:** língua Tupi-Guarani do Alto Xingu. Campinas: Unicamp, 2000.

SILVERSTEIN, M. Hierarchy of features and ergativity. In: MUYSKEN, P; RIEMSDIJK, H. **Features and projections**. Dordrecht: Foris. p.163-233. 1985.

STORTO, L. Aspects of Karitiana grammar. Tese de Doutorado. Cambridge, MA.: MIT. 1999.

TROMMER, J. Coherence in Affix Order. **Zeitschrift für Sprachwissenschaft**, v. 27, n.1, p.99–140. 2008.

VELÁZQUEZ-CASTILLO, M. **The Grammar of Possession** - Inalienability, Incorporation and Possessor Ascension in Guaraní. Amsterdam: John Benjamins. 1996.

_____. “Voice and Transitivity in Guarani”. In: **The typology of semantic alignment**. Oxford University Print, 2008.

ZANARDINI, J.; BIERDERMANN, W. **Los indígenas del Paraguay**. Asunción, 2006.

ZWICKY, A. Hierarchies of person. **Papers from the thirteenth meeting.** Chicago Linguistics Society. Chicago: Chicago Linguistics Society. p.714-733. 1977.